

J. Norton

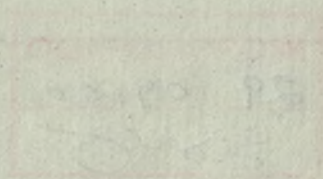
Libro 6 Agosto 1841.

~~Libro 6 Agosto 1841.~~

Encadenada 240-



Ch-17



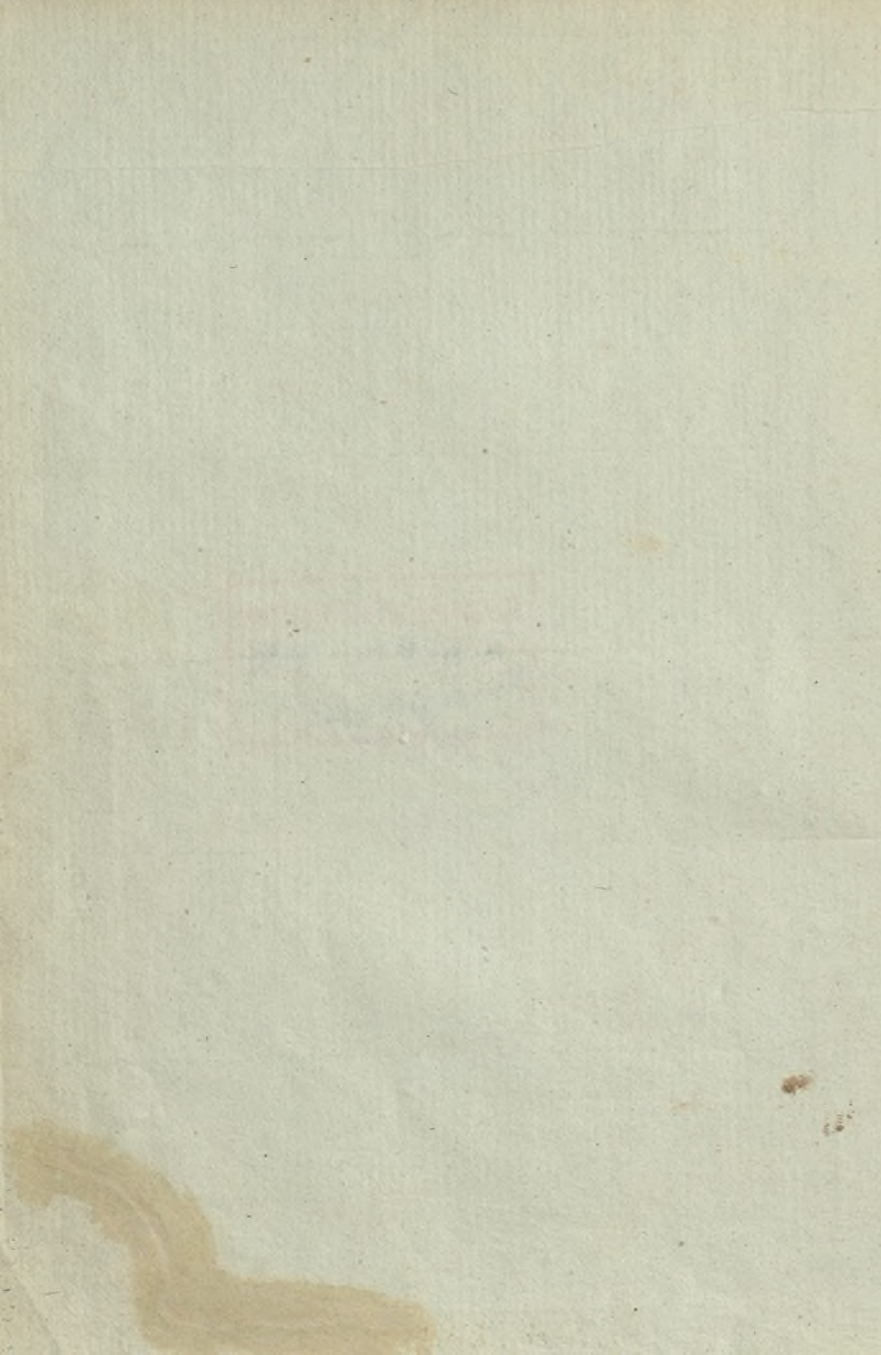
MICROFILMADO

29 / 09 / 86

Yeseo









OS LUSIADAS  
DE LVIS DE CAMOËS  
PRINCIPE DA POESIA  
HEROICA.

*Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio.*



*Impressos com licença da Sancta Inquisição, & Ordinario.*  
EM LISBOA. Por Pedro Crasbeeck: Anno 1609.  
*Com privilegio, à custa de Domingos Fernandez liureyro.*

T. NORTON.

# A DOM RODRIGO

DA CVNHA,

DOVTOR EM CANONES,  
& Deputado do Sancto Officio.

D. F. D. F.



Ostrarão sempre os grâdes Principes tão bom rostro aqualquer agradecimento, que derão oufadia aos animos mais humildes, apparecerem em sua presença com alguns offerecimentos, q̃ fora d'esta sombra, serião hauidos por menos que nada. Ensinado eu d'esta experiencia, tão certa, & tão digna de seus Auctores: & lembrado das grandes merces, & fauores tão pios, com que V. M. foy seruido appadrinhar a restauração de minha honra & vida, que eu tinha tam perdidas & acabadas, que para desesperar de todo do remedio d'ellas, me via alguâs vezes em o vltimo termo: pareceome se hirião em mim accumulando as culpas de ingratição, com igual passo aos que desse de vida; sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação & reconhecimento: ja que para os seruir como criado, podia tão pouco. E como este pensamento me procedia de tam nobre causa, não se descudou minha ventura em me offerecer esta occasião, tão proxima & tão conforme com este meu intento: nesta impressão dos famosos Lusidas do nosso Grande Luis de Camoës, Principe da Poesia Heroica: tam de cantados pelo mundo; q̃ as mais illustres Prouincias d'elle, não se cõtentarão com menos, que approprialo a sy, o melhor que a variedade de linguas lhe daua faculdade. Como se té visto em tres

tradu-



traduções, q̃ d'elles se fizeram castelhanas, em hũa Fran-  
çez, & em outra Italiana: & em outra, que na lingua lati-  
na ficou imperfeyta, pola morte de que o seu Autor se vio  
salteado ao melhor tempo. Artificio grande, que a ver-  
dadeyra Fama inuétou, para com mais facilidade diuulgar  
pelo mundo a honra & nome d'este illustre entendimento  
Portuguez. Por achar nelle hum dos mais poderosos sub-  
jeytos, com que ella podia mais longe dilatar pelo mundo  
os extendidos limites de seu Imperio. As obras que nel-  
les se referem, sam Heroicas: a Linguagem Portuguez: o  
Autor, humilde. Variedade digna de com algũa conso-  
nancia, não desagrada aos ouvidos de V. M. Pois he des-  
cendente de tão famosos Heroas: praduzido das melho-  
res Plantas Portuguezas. E exercitado em leuãtar os ani-  
mos mais humildes. Deixo outras cõueniencias de letras  
& Prudencia, que em V. M. em tão alto grao, concorrem  
juntas, & em que a mais illustre fama costuma fazer mais  
deleytoso emprego: pois Deos tem tomado á sua conta  
esta empreza: quando ellas em tanto augmento & pureza  
de sua Fee se exercitão, com o cathlico zelo que em o di-  
uino tribunal do Sancto Officio (de que V. M. he Depu-  
tado) se tem visto & experimentado. E entre tanto Nosso  
Senhor &c. Lisboa & Mayo 22. de 609.

*Domingos Fernandez*



L I C E N C A S.

**V**I este liuro que se intitula Rimas & Lusitadas de Luis de Camoës, o qual ja foy muitas vezes impresso & emêdado: mas assi como vay não tem cousa cõtra a nossa sancta fé & bõs costumes. Em o Conuento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 15. de Junho de 1606.

*Fr. Antonio Freire.*

**V**Ista a informaçam podese imprimir este liuro de Rimas & Lusitadas de Luis de Camoës, & de pois de impresso torne a este Conselho pera se cõferir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 19. de Junho 606.

*Marcos Teixeira.*

*Ruy Pirez da Veiga.*

**V**Ista a licença acima podese imprimir, a 6. de Julho de 1606.

*Saraiua.*

**P**odese imprimir, vista a licença que tem do Santo officio, & ser visto na Mesa. Em Lisboa a 10. de Julho de 1606.

*Damiam d'Aguiar.*

*Costa.*



OS LUSIADAS  
DE LVIS DE  
CAMOËS

Canto primeiro.



S armas, & os barões assi-  
nalados,  
Que da Occidental praya Lu-  
sitana,  
Por mares nunca de antes na-  
uegados,

Passaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entre gente remota edificarão  
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas  
Daquelles Reis, que serão dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas  
De Affrica, & de Asia, andarão devastado,  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando espalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessam

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,  
 As nauegações grandes que fizerão:  
 Callese de Alexandro, & de Trajano,  
 A fama das victorias que tiuerão,  
 Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
 A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
 Que outro valor mais alto se aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
 Tendes em my hum nouo engenho ardente,  
 Se sempre em verso humilde, celebrado  
 Foy de my vosso rio alegremente,  
 Daimo agora hum som alto, & sublimado,  
 Hum estillo grandiloco, & corrente,  
 Porque de vossas agoras Phebo ordene,  
 Que não tenhaõ enueja aas de Hypocrene.

Daimo hũa furia grande & sonora,  
 E não de agreste a vena, ou frauta ruda:  
 Mas de tuba canora & belicosa,  
 Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
 Daimo igual canto aos feitos da famosa  
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
 Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
 Se tam sublime preço cabe em verso.



Vos ò bem nascida segurança  
 Da Lusitana antiga liberdade,  
 E não menos certissima esperança,  
 De aumento da pequena Christandade:  
 Vos o nouo temor da Maura lança,  
 Marauilha fatal da nossa idade:  
 Dada ao mundo por Deos que todo o mande,  
 Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,  
 De bũa aruore de Christo mas amada  
 Que nenbũa nascida no Occidente,  
 Cesarea, ou Christianissima chamada:  
 Vedeo no vosso escudo, que presente  
 Vos amostra a victoria ja passada.  
 Na qual vos deu por armas, & deixou  
 As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
 O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
 Veo tambem no meio do Hemispherio,  
 E quando dece o deixa derradeiro.  
 Vos que esperamos jugo & vituperio,  
 Do torpe Ismaelita caualleiro:  
 Do Turco Oriental, & do Gentio,  
 Que inda bebe o licor do sancto Rio.



Inclinay por hum pouco a magestade,  
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
 Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
 Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
 Os olhos da real benignidade  
 Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
 De amor, dos patrios feitos valerosos,  
 Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
 De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
 Que nam he premio vil, ser conhecido  
 Por hum pregão do ninho meu paterno.  
 Ouui vereis o nome engrandecido  
 Daquelles de quem sois senhor superno.  
 E julgareis qual he mais excelente,  
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas  
 Fantásticas, fingidas, mentirozas,  
 Louvar os vossos, como nas estranhas  
 Musas, de engrandecerse desejasas,  
 As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
 Que excedem as sonhadas fabulosas:  
 Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
 E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
 Hum Egas, & hũ dom Euas, q̃ de Homero  
 A Citará parelles so cobiço:  
 Pois polos doze pares daruos quero,  
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.  
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a segurança  
 Deixou, com a grande & prospera victoria.  
 Outro Ioane, inuicto canalleiro,  
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
 Se fizerão por armas tam subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.  
 Albuquerque terribil, Castro forte,  
 E outros em quem poder não teue a morte.



Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
 Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
 Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
 Dareis materia a nunca ouuido canto  
 Comecem a sentir o peso grosso,  
 (Que polo mundo todo faça espanto,)  
 De exercitos, & feitos singulares,  
 De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
 Em quem vè seu exicio afigurado,  
 So com vos ver o barbaro Gentio,  
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:  
 Thetis todo o ceruleo senhorio,  
 Tem pera vos por dote aparelhado:  
 Que afeiçoada ao gesto bello, & tenro,  
 Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,  
 Dos dous auòs, as almas ca famosas,  
 Hũa na paz Angelica dourada,  
 Outra polas batalhas sanguinosas:  
 Em vos esperão, verse renouada  
 Sua memoria, & obras valerosas:  
 E la vos tem lugar no fim da idade,  
 No templo da suprema eternidade:

Mas



Mas em quanto este tempo passa lento,  
 De regerdes os pouos, que o desejão:  
 Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
 Pera que estes meus versos vossos sejaõ:  
 E vereis ir cortando o salso argento:  
 Os vossos Argonautas, porque vejão,  
 Que sam victos de vos no mar yrado,  
 E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respirauão,  
 Das naos as vellas concauas inchando:  
 Da branca escuma, os mares se mostrauão.  
 Cubertos, onde as proas vão cortando.  
 As maritimas agoas consagradas,  
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
 Onde o gouerno está, da humana gente  
 Se ajuntão em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
 Vem pela via Laçtea, juntamente  
 Conuocados da parte de Tonante,  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete Ceos o regimento,  
 Que do poder mais alto lhe foi dado,  
 Alto poder, que so co pensamento  
 Governava o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
 Ali se acharão juntos num momento,  
 Os que habitão o Arcturo congelado.  
 E os que o Austro tem, & as partes onde  
 A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,  
 Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
 Num assento de estrellas cristalino,  
 Com gesto alto, severo, & soberano,  
 Do rosto respirava hum ar diuino,  
 Que diuino tornara hum corpo humano:  
 Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
 De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
 De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão  
 Os outros Deoses todos assentados,  
 Como a Razão, & a ordem concertauão.  
 Precedem os antigos mais honrados,  
 Mais abaixo os menores se assentauão:  
 Quando Iupiter alto assi dizendo,  
 Cum tom de voz começa, graue & horrendo.  
 Eternos



Eternos moradores do luzente  
 Estelifero polo & claro assento,  
 Se do grande valor da forte gente,  
 De Luso, não perdeis o pensamento,  
 Deueis de ter sabido claramente  
 Como he dos fados grandes certo intento:  
 Que por ella sesqueção os humanos,  
 De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido  
 Cum poder tam singelo & tam pequeno  
 Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
 Pois contra o Castelbano tam temido  
 Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
 Assi que sempre em fim com fama & gloria,  
 Teue os tropheos pendentés da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,  
 Que co a gente de Romulo alcançarão,  
 Quando com Variato, na inimiga  
 Guerra Romana tanto se affamarão.  
 Tambem deixo a memoria, que os obriga  
 A grande nome, quando aleuantarão  
 Hum, por seu capitão, que peregrino  
 Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora



Agora vedes bem, que cometendo,  
 O diuidoso mar, num lenho leue  
 Por vias nunca vsadas, não temendo  
 De Affrico & Noto a força a mais satreue:  
 Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
 Onde o dia he comprido, & onde breue.  
 Inclinaõ seu proposito, & perfia  
 A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe està do fado eterno,  
 Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
 Que tenhão longos tempos o gouerno  
 Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
 Nas agoas tem passado o duro Inuerno,  
 A gente vem perdida & trabalhada.  
 Ia parece bem feito, que lhe seja  
 Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados  
 Na viagem, tam asperos perigos,  
 Tantos Climas & Ceos experimentados,  
 Tanto furor de ventos inimigos  
 Que sejam, de termino, agasalhados  
 Nesta costa Affricana como amigos.  
 E tendo guarneçada a lassa frota,  
 Tornarão a seguir sua longa rota:

Estas palauras Iupiter dezia,  
 Quando os Deoses por ordem respondendo,  
 Na sentença hum do outro difiria,  
 Razões diuersas dando & recebendo.  
 O padre Baco, ali nam consentia  
 No que Iupiter disse, conbecendo  
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente fortissima de Hespanha,  
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha  
 E com nouas victorias venceria,  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha!  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,  
 Enunca lhe tirou Fortuna, ou caso,  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de Parnaso!  
 Teme agora que seja sepultado,  
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
 Dagoa do esquecimento, se la chegão  
 Os fortes Portugueses, que nauegão,  
 Sustentaua



Sustentaua contra elle *Venus* bella  
 Affeiçoada aa gente Lusitana,  
 Por quantas qualidades via nella,  
 Da antiga tam amada sua Romana,  
 Nos fortes coraçõs, na grande estrella,  
 Que mostráráo na terra Tingitana:  
 E na lingua, na qual, quando imagina,  
 Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Estas causas mouião *Cyterea*,  
 E mais, porque das *Parcas* claro entende  
 Que hà de ser celebrada a clara Dea,  
 Onde a gente beligerá se estende.  
 Assi que hum pela infamia que arrecea,  
 E o outro polas honras que pretende,  
 Debatem, & na perfia permanecem,  
 A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual *Austro* fero, ou *Boreas* na espessura,  
 De siluestre aruoredo abaſtecida,  
 Rompendo os ramos vão da mata escura,  
 Com impito & braueza desmedida.  
 Brama toda montanha, o som murmura,  
 Rompense as folhas, ferue a serra erguida.  
 Tal andaua o tumulto leuantado,  
 Entre os Deoses no Olimpo consagrado.

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava,  
 Entre todos as partes em porfia,  
 Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia,  
 De antre os Deoses em pee se levantava,  
 Merencorio no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando pera trás medonho & irado.

A viseira do elmo de Diamante,  
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hũa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no solio puro:  
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
 Hum pouco a luz perdeo, como inflado.

E disse assi, ó padre a cujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaste,  
 Se esta gente que busca outro Emispherio,  
 Cuja valia, & obras tanto amaste:  
 Não queres que padeção vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste  
 Não ouças mais, pois es juyz direito,  
 Razões de quem parece que he sospeito.



Que se aqui a razão se não mostrasse  
 Vencida do temor demasiado,  
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
 Pois que de Luso vem, seu tam priuado:  
 Mas esta tenção sua, agora passe,  
 Porque em fim vem de estomago danado.  
 Que nunca tirar à alhea enueja,  
 O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

Etu padre de grande fortaleza,  
 Da determinaçam que tês tomada,  
 Nam' tornes por detras pois he fraqueza  
 Desistirse da cousa começada.  
 Mercurio pois excede em ligeireza  
 Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
 Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
 Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
 A cabeça inclinando, consentio  
 No que disse Mauorte valeroso,  
 E Nectar sobre todos esparzio:  
 Pelo caminho Laçteo glorioso,  
 Logo cada hum dos Deoses se partio.  
 Fazendo seus reaes acatamentos,  
 Peraos determinados apoufencos.

Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente  
 Cortaua o mar a gente belicosa:  
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,  
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
 Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
 Queimaua entam os Deoses, que Tiseo  
 Co temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
 Como quem o ceo tinha por amigo:  
 Serena o ar, & os tempos se mostrauão  
 Sem nuuës, sem receio de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauão  
 Na costa de Ethiopia, nome antigo.  
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
 Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se oferece,  
 De soberbo, & de altiua coraçãõ,  
 A quem fortuna sempre fauoreça  
 Pera se aqui deter, não ve razão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.



**Eis** aparecem logo em companhia,  
 Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
 Que mais chegada à terra parecia,  
 Cortando o longo mar com larga vella:  
 A gente se aluoroça, & de alegria  
 Não sabe mais que olhar a causa della,  
 Que gente sera esta, em si dezião,  
 Que costumes, que ley, que Rei terião?

**As** embarcações erão, na maneira  
 Muy veloces, estreitas, & compridas,  
 As vellas com que vem erão de esteira,  
 Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
 A gente da cor era verdadeira,  
 Que Phaeton, nas terras acendidas  
 Ao mundo deu, de ousado, & não prudente,  
 O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

**De** panos de algodão vinhão vestidos,  
 De varias cores, brancos, & listrados,  
 Hũs trazem derredor de si cingidos,  
 Outros em modo ayroso sobraçados,  
 Das cintas pera cima vem despídos:  
 Por armas tem adagas, & tarçados.  
 Com toucas na cabeça, & nauegando,  
 Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços acenauão,  
 Aas gentes Lusitanas que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras se inclinauão,  
 Para que junto ás ilhas amainassem.  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 Como se aqui os trabalhos facabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja subia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As mesmas manda por em continente,  
 Do licor que L'eo prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente preguntauão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
 Quem erão, de que terra, que buscauão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornauão,  
 As discretas repostas que conuinhão:  
 Os Portugueses somos do Occidente,  
 Himos buscando as terrás do Oriente.



OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto,  
Toda a costa Africana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & terras temos visto,  
Dum Rey potente somos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quiſto,  
Que nam no largo mar, com leda frente,  
Mas no lago entraremos de Achei onte.

E por mandado ſeu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o mar remoto nauegamos,  
Que ſò dos feos Focas ſe nauega,  
Mas ja razão parece que ſaibamos,  
Se entre vos a verdade não ſe nega:  
Quem ſois, que terra he eſta que abitaiſe?  
Ou ſe tendes da India algũs ſinais.

Somos, hum dos das Ilhas lbe tornou,  
Eſtrangeiros na terra, ley, & nação  
Que os proprios, ſam aquelles que criou  
A natura ſem ley, & ſem razão,  
Nos temos a ley certa que inſinou,  
O claro descendente de Abrahão,  
Que agora tem do mundo o ſenhorio,  
A mãy Hebreá teue, & o pay Gencio.

Esta Ilha pequena que habitamos,  
 He em toda esta terra certa escala,  
 De todos os que as ondas nauegamos,  
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala,  
 E por ser necessaria, procuramos,  
 Como proprios da terra, de habitala.  
 E porque tudo em fim vos notifique,  
 Chamase a pequena Ilha Moçambique.

Eja que de tam longe nauegais,  
 Buscando o Indio Ilaspe, & terra ardente,  
 Piloto aqui tereis, por quem sejais  
 Guiados pellas ondas sabiamente.  
 Tambem sera bem feito que tenhais,  
 Da terra algum refresco, & que o Regente  
 Que esta terra gouerna, que vos veja,  
 E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo o Mouro se tornou  
 A seus bateis com toda a companhia,  
 Do Capitaõ, & gente se apartou,  
 Com mostras de deuida cortesia,  
 Nisto Febo nas agoas encerrou,  
 Co carro de Christal, o claro dia,  
 Dando cargo à Irmãa que alumiasse,  
 O largo mundo, em quanto repousasse.



A noyte se passou na lassa frota,  
 Com estranha alegria, & não cuydada,  
 Por acharem da terra tão remota,  
 Noua de tanto tempo desejada:  
 Qualquer então consigo cuyda, & nota  
 Na gente, & na maneira desusada.  
 E como os que na errada Seita crêrão,  
 Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
 Polas argenteas ondas Neptuninas,  
 As Estrellas os Ceos acompanhauão,  
 Qual campo reueſtido de boninas,  
 Os furiosos ventos repousauão,  
 Polas couas escuras peregrinas.  
 Porem, da armada a gente vigiaua,  
 Como por longo tempo costumaua.

Mas assi como a Aurora marchetada,  
 Os fermosos cabellos espalhou,  
 No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
 Ao claro Hiperionio que acordou,  
 Começa a embandeirarse toda a armada,  
 E de todos alegres se adornou:  
 Por receber com festas, & alegria,  
 O Regedor das Ihas que partia.

Partia alegremente nauegando,  
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que sam aquellas gentes inhumanas.  
 Que os apousentos Caspios habitando,  
 A conquistar as terras Asianas  
 Vierão, & por ordem do destino,  
 O Imperio tomarão o Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
 O Mouro, & toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
 Não usado licor que dá alegria.  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & bebe.

Estâ a gente maritima de Luso,  
 Subida pela exarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, & uso,  
 E a lingoagem tam barbara, & enleada.  
 Tambem o Mouro astuto está confuso,  
 Olhando a cor, o traje, & a forte armada.  
 E perguntando tudo lhe dezia,  
 Se por ventura vinbão de Turquia.



E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
 Os liuros de sua ley, preceito, ou fé,  
 Pera ver se conforme â sua seja,  
 Ou se sam dos de Christo, como cre.  
 E porque tudo note, & tudo veja,  
 Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
 Mostra das fortes armas de que vsauão,  
 Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valeroso Capitão,  
 Por hum que a lingua escura bem sabia,  
 Darte ey Senhor illustre relação  
 De my, da ley, das armas que trazia.  
 Nem sou da terra, nem da geraçam,  
 Das gentes enojosas de Tarquia,  
 Mas sou da forte Europa belicosa,  
 Busco as terras da India tam famosa.

A ley tenho d'aquelle, a cujo imperio  
 Obedece o visibil, & inuisibil,  
 Aquelle que criou todo o Emispherio,  
 Tudo o que sente, & todo o insensibil.  
 Que padeceo deshonra, & vituperio,  
 Sofrendo morte injusta, & insufribil:  
 E que do ceo a terra em fim deceo,  
 Por subir os mortais da terra ao ceo.

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
 Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver como tês dito,  
 Comprido esse desejo te seria.  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas differentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljanas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfureas, tam danosas,  
 Porem aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo as bombardas temerosas.  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.



Porem disto que o Mouro aqui notou,  
 E de tudo o que vio, com olho atento,  
 Hum odio certo na alma lhe ficou,  
 Hũa vontade má de pensamento.  
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou,  
 Mas com risonho, & ledo fingimento,  
 Tratalos brandamente determina,  
 Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
 Por quem podesse a India ser leuado,  
 Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
 Do trabalho que nisso for tomado,  
 Prometelhos o Mouro, com tenção  
 De peito venenoso, & tão danado:  
 Que a morte se podesse neste dia,  
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho odio foy, & a má vontade,  
 Que aos estrangeiros supito tomou,  
 Sabendo ser sequaces da verdade,  
 Que o filho de David nos ensinou,  
 Os segredos d'aquella Eternidade  
 A quem juyzo algum não alcançou.  
 Que nunca falte hum perfido inimigo,  
 A aquellos de quem foste tanto amigo?

Prtioso neste em fim co a companhia,  
 Das naos o falso Mouro despedido,  
 Com enganosa & grande cortesia,  
 Com gesto ledo a todos, & fingido:  
 Cortáraõ os bateis a curta via  
 Das agoas de Neptuno, & recebido.  
 Na terra do obsequente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito apousento.

Do claro assento Etereo, o grão Tebano,  
 Que da paternal coxa foy nascido  
 Olhando o ajuntamento Lusitano,  
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hum falso engano  
 Com que seja de todo destruydo.  
 E em quanto isto so na alma imaginava  
 Configo estas palauras praticava.

Está do fado ja determinado,  
 Que tamanbas victorias tam famosas,  
 Ajão os Portugueses alcançado,  
 Das Indianas gentes belicosas.  
 E eu so filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas,  
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça  
 Outrem, por quem meu nome se escureça.  
 Ia quise



Ia quiseram os Deoses que tiuesse,  
 O filho de Filipo nesta parte,  
 Tanto poder, que tudo somettesse  
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte,  
 Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
 A tam poucos tamanbo esforço, & arte  
 Qu'eu co gram Macedonio, & Romano,  
 Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera assi, porque antes que chegado  
 Seja este Capitão, astutamente  
 Lhe sera tanto engano fabricado,  
 Que nunca veja as partes do Oriente,  
 Eu decerey a terra, & o indignado  
 Peito, reuoluerey da Maura gente,  
 Porque sempre por via yra direita,  
 Quem do oportuno tempo se aproueita.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
 Sobre a terra Africana descendeo,  
 Onde vestindo a forma & gesto humano,  
 Pera o Prasso sabido se moueo.  
 E por milhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se conuerteo,  
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

E entrando

Entrando assi a falar lbe, a tempo & horas,  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lbe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que ora de nouo sam chegadas,  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veio, que roubadas,  
 Forão por estes homẽs que passauão,  
 Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lbe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubos, com incendios violentos.  
 E trazem ja de longe engano vrdido,  
 Contra nos, & que todos seus intentos  
 Sam pera nos matarem, & roubarem,  
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
 De vir por agoa a terra muito cedo,  
 O Capitão dos seus acompanhado,  
 Que da tençam danada nasce o medo.  
 Tu deues de yr tambem cos teus armado  
 Esperallo em cilada, occulto & quedo.  
 Porque saindo a gente descuydada,  
 Cairão facilmente na cilada.



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde seião destruydos,  
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos tais casos, sabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselbo:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beligero aparelbo:  
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
Em roxo sangue a agoa que buscasse:

E busca mais pera o cuydado engano.  
Mouro que por Piloto a nao lhe mande,  
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano  
De quem fiar se possa hum feito grande,  
Diz lhe que acompanhando o Lusitano,  
Por tais costas, & mares co elle ande:  
Que se daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca se alienante.

Ia o rayo Apolineo visitaua,  
 Os montes Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinaua,  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitar-se facilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinba a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foilhe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuydaua muy contrârio:  
 Por isto, & porque sabe quanto erra,  
 Quem se cre de seu perfido aduersario,  
 Apercebido vay como podia,  
 Em tres bateis samente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
 Por lhe defender a agoa desejada,  
 Hum de escudo embarçado, & de azagaya,  
 Outro de arco encuruado, & setta eruada,  
 Esperão que a guerreira gente saya,  
 Outros muytos ja postos em cillada.  
 E porque o caso leue se lhe faça,  
 Poem hūs poucos diante por negaça.

Andão



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando,  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andarlhe os caës os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondose diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada,  
Mas o animal atroce nesse instante,  
Com a fronte corn' gera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata, & poem em terra.

Eis nos bateis o fogo se leuanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & assonia,  
O coraçam dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfia.  
L. fuge o escondido de medroso.  
E morre o descuberto auenturoso.

Não se contenta a gente Portuguesa,  
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata  
 A pouoação sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardea, acende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata,  
 La blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho inerte, & a mãy que o filbõ cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de couarde, & de apressado,  
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
 Dalhe armas o furor desatinado.  
 Ia a Ilha, & todo o mais, desemparaudo,  
 A terra firme foge amedrontado.  
 Passa, & corto do mar o estreito braço,  
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs ṽão nas almãdias carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente.  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaios sotis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.



Tornão victoriosos pera a armada,  
 Co despojo da guerra, & rica presa,  
 E vão a seu prazer fazer agoada,  
 Sem achar resistencia, nem defesa  
 Ficava a Maura gente magoada,  
 No odio antigo, mais que nunca acesa.  
 E vendo sem vingança tanto dano,  
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
 O Regedor daquella inica terra,  
 Sem ser dos Lusitanos entendido,  
 Que em figura de paz lhe manda guerra,  
 Porque o Piloto falso prometido,  
 Que toda a má tenção no peito encerra:  
 Pera os guiar à morte lhe mandava  
 Como em sinal das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe então conuinha,  
 Tornar a seu caminho acostumado,  
 Que tempo concertado, & ventos tinha,  
 Pera yr buscar o Indio desejado.  
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
 Foy d'elle alegremente agasalhado,  
 E respondendo ao mensageiro, a tento  
 Aas vellas manda dar ao largo vento.

Deſta arte deſpedida a forte armada,  
As ondas de Anfitrite diuidia,  
Das filbas de Nerèò acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O Capitão, que não cabia em nada,  
Do enganosa ardil que o Mouro vrdia:  
Delle may largamente ſe informaua,  
Da India toda, & coſtas que paſſaua,

Mas o Mouro inſtruido nos enganos,  
Que o maleuolo Baco lhe enſinara  
De morte, ou captineiro novos danos,  
Antes que a India chegue lhe prepara,  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara.  
Que auendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente ſe temia.

Ediz lhe mais co falso pensamento,  
Com que Synon os Phrigios enganou,  
Que perto eſtá hũa Ilha, cujo aſſento,  
Pouo antigo Chriſtão ſempre abitou:  
O Capitão que a tudo eſtaua atento,  
Tanto co eſtas nouas ſe alegrou,  
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue a terra onde eſta gente eſtaua:



Ho mesmo o falso Mouro determina,  
 Que o seguro Christão lhe manda & pede,  
 Que a Ilha he possuida da malina  
 Gente, que segue o torpe Mabamede:  
 Aqui o engano & morte lhe imagina,  
 Porque em poder & forças muito excede  
 A Moçambique, esta Ilha que se chama  
 Quiloa, muy conhecida pola fama.

Pera lâ se inclinava a leda frota,  
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
 Vendo como deixava a certa rota,  
 Por yr buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tão remota  
 Se perca a gente della tanto amada.  
 E com ventos contrairos a desuia,  
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Mouro não podendo,  
 Tal determinação levar auante,  
 Outra maldade inica cometendo,  
 Ainda em seu proposito constante,  
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
 Os leuárão por força por diante,  
 Que ontra Ilha tem perto, cuja gente,  
 Erão Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

Tambem nestas palauras lbe mentia,  
 Como por regimento em fim leuaua,  
 Que aqui gente de Christo não auia,  
 Mas a que a Mahamede celebraua.  
 O Capitão que em tudo o Mouro cria,  
 Virando as vellas, a Ilha demandaua,  
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
 Nam entra pela barra, & surge fora.

Estaua a Ilha a terra tam chegada,  
 Que hum estreito pequeno a diuidia,  
 Hũa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edificios fabricada,  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por hum Rey de antiqua idade,  
 Mombaca he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
 Estranhamente ledo, porque espera  
 De poder ver o pouo baptizado,  
 Como o falso Piloto lbe dissera.  
 Eis vem bateis da terra com recado  
 Do Rey, que ja sabia a gente que era,  
 Que Baco muito de antes o auisard,  
 Na forma doutro Mouro que tomara.



O recado que trazem he de amigos,  
 Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
 Que os pensamentos erão de inimigos,  
 Segundo foy o engano descuberto.  
 O grandes & grauíssimos perigos,  
 O caminho de vida nunca certo.  
 Que aonde a gente poem sua esperança,  
 Tenba a vida tam pouca segurança.

No mar tanto tormenta, & tanto dano,  
 Tantas vezes a morte apercebida,  
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade auorrecida.  
 Onde pode acolherse hum fraco humano,  
 Onde terã segura a curta vida?  
 Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno.  
 Contra hum bicho da terra tam pequeno.

F I M.



## CANTO SEGUNDO,



*A neste tempo o lucido Planeta,  
Que as horas vai do dia distin-  
guindo,  
Chegava aa desejada, & lenta  
Meta,*

*A luz Celeste aas gentes encobrando:  
E da casa maritima secreta,  
Lhe estava o Deos Nocturno aporta abrindo  
Quando as infidas gentes se chegarão  
Aas naos, que pouco avia que ancorarão.*

*Dantre elles hum que traz encomendado,  
O mortifero engano, assi dizia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reino, & falsa via,  
O Rei que manda esta Ilha, aluoraçado  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que nada dese, a mais que agasalhar-te,  
Verte, & do necessario reformarte*



E porque está em extremo deseioso  
 De te ver, como cousa nomeada,  
 Te roga que de nada receoso,  
 Entres a barra, tu com toda armada:  
 E porque do caminho trabalhoso,  
 Trarás a gente debil, & cansada,  
 Diz que na terra podes reformala,  
 Que a natureza obriga a desejala,  
 E je buscando vas me cadoria,  
 Que produz o aurifero Levante,  
 Canella, Cravo, ardente especiaria,  
 Ou Droga salutifera, & prestante:  
 Ou se queres luzerie pedraria,  
 O Rubi fino, o rigido Diamante:  
 Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
 Com que faças o fim a teu desejo.  
 Ao mesageiro o Capitão responde,  
 As palauras do Rei agradecendo,  
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
 Nam entra pera dentro obedecendo,  
 Porem que como a luz mostrar por onde  
 Não sem perigo a frota não temendo,  
 Comprirá sem receio seu mandado,  
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe despois, se estão na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,  
 O mensageiro astuto que não erra,  
 Lhe diz que a mais da gente em Christo cria:  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sespeita, & cauta fantasia:  
 Por onde o Capitão seguramente,  
 Sefia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
 Porque podessẽm ser aventurados,  
 Em casos desta sorte duxidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros engancos,  
 A Cidade, & poder, & porque vejam,  
 Os que Christãos, que so tanto ver de se jão.  
 E por estes ao Rei presentes manda,  
 Porque a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme segura, limpa, & branda,  
 Ao qual bem ao contrairo em tudo estava,  
 Ia a companhia perfida, enefanda  
 Das naos se despedia, & o mar cortava,  
 Foram com gestos leitos, & fingidos,  
 Os dous da frota en terra recebidos.



E depois que ao Rei apresentarão,  
 Co recado os presentes que trazião,  
 A Cidade correrão, & notarão  
 Muito menos daquillo que querião,  
 Que os Mouros cautelosos se guardarão  
 De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
 Que onde reina a malicia está o receio,  
 Que a faz imaginar no peito alheio.  
 Mas aquella que sempre a mocidade  
 Tem no rosto perpetua, & foi nascida  
 De duas mãs, que urdia a falsidade,  
 Por ver o nauegante destruido:  
 Estaua nũa caja da Cidade,  
 Com rosto humano, & habito fingido  
 Mostrandose Christãos, & fabricaua  
 Hum altar sumptuoso que adoraua.  
 Ali tinha em retrato affigurada  
 Do alto & Sancto espirito a pintura,  
 A candida Pombinha debuxada,  
 Sobre a vnica Fenix Virgem pura,  
 Acompanhia sancta está pintada,  
 Dos doze tam toruados na figura,  
 Como os que so das lingoas que cairão,  
 Do fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
 Onde com este engano Baco estava  
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos  
 Naquelle Deos, que o mundo governava  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Panchaia odorifera queimava  
 O Thioneu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agasalhados,  
 Com todo o bom, & honesto tratamento  
 Os dous Christãos, não vendo que enganado  
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
 Mas assi como os raios espalhados  
 Do Sol forão no mundo, & num momento,  
 Aparece no rubido Orizonte,  
 Na moça de Tião a roxa frente.

Tornão da terra os Mouros co recado  
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
 Os dous que o Capitão tinha mandado,  
 Aquem se o Rei mostrou sincero amigo:  
 E sendo o Portugues certificado,  
 De nam auer receio de perigo.  
 E que gente de Christo em terra auia,  
 Dentro no falso rio etnrar queria.



Dizemlbe os que mandou, que em terra virão,  
 Sacras aras, & sacerdotej ancão,  
 Que ali se agasalharão, & dormirão,  
 Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
 E que no Rei, & gentes não sentirão  
 Senão contentamento, & gosto tanto:  
 Que não podia certo auer sospeita,  
 Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
 Alegremente os Mouros que subião,  
 Que leuemente hum animo se fia,  
 De mostris que tão certa: parecião:  
 A nao da gente perfida se enchia,  
 Deixando a bordo os barcos que trazião:  
 Alegres vinhão todos, porque crem  
 Que apresã desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelbauão,  
 Armas, & monições, que como vissem.  
 Que no Rio os nauics ancorauão,  
 Nelles ofadamente se subissem:  
 E nesta treição determinauão,  
 Que os de Luso de todo destruissem:  
 E que incautos pagassem deste geito  
 O mal que em Moçambique tinhão feito.

As ancoras tenaces vam leuando,  
 Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas sos ao vento dando,  
 Inclinam pera a barra abalisada:  
 Mas a linda Ericina, que guardando  
 Andana sempre a gente assinalada:  
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
 Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.  
 Conuoca as almas filhas de Nerèo,  
 Com toda a mais cerulea companhia,  
 Que porque no salgado Mar nasceo.  
 Das agoas o poder lhe obedecia,  
 E propondo lhe a causa aque deceo,  
 Com todos juntamente se partia:  
 Pera estoruar que a armada não chegasse  
 Aonde pera sempre se acabasse.  
 Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,  
 Com as argenteas caudas branca escura  
 Cioto co peito corta, & attraueffa  
 Com mais furor o Mar do que costuma.  
 Salta Nise, Nerine se ariemessa,  
 T'or cima da agoa crespa em força summa:  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Mereidas apressadas.



Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,  
Vai a linda Diome furiosa,

Nam sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo, com carga tam fermosa:

Ia chegãõ perto donde o vento teso,  
Enche as vellas da frota belicosa

Repartense, & rodeãõ nesse instante  
As naos ligeiras que hãõ por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito

Da proa capitania, & ali fechando,  
O caminho da barra estãõ de geito,

Que em vão assopra o vento a veila inchando  
Poem no madero duro o brando peito,

Pera detras a forte nao forçando.

Outras em derredor leuandoa estauão,  
E da barra inimiga a desuiaão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas  
Leuando o peso grande acomodado,

As forças exercitãõ, de mimigas,  
Do inimigo Inverno congelado:

Ali sam seus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostrãõ vigor nunca esperado.

Tais andauão as Nymphas estoruardo  
Aa gente Portugusa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,  
 A pesar dos que leua, que gritando,  
 Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
 O leme a hum bordo, & a outro atraueffando  
 O Mestre astuto em vão da popa brada,  
 Vendo como diante ameaçando  
 Os estava hum maritimo penedo,  
 Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha se alevanta,  
 No rudo Marinheiro que trabalha,  
 O grande estrondo, a Maura gente espanta,  
 Como se vissem borrida batalha.  
 Não sabem a razão de furia tanta,  
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha,  
 Cuydão que seus enganos sam sabidos,  
 E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançaão,  
 A seus bateis veloces que trazião,  
 Outros encima o mar alevantaão,  
 Saltando n' agoa a nado se acolhião.  
 De hum bordo & doutro subito saltanão,  
 Que o medo os compelia do que vião.  
 Que antes querem ao mar aventurar se,  
 Que nas mãos inimigas entregar se.



OS LUSIADAS DE L. DE CA

Assi como em seluatica alagoa,  
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
 Se sentem por ventura vir pessoa,  
 Estando fora da agoa incautamente,  
 Daqui, & dali saltando, o charco soa,  
 Por fogir do perigo que se sente,  
 E acolhendose ao couto que conbecem,  
 Sos as cabeças na agoa lhe aparecem,

Assi fogem os Louros, & o Piloto,  
 Que ao perigo grande as naos guiara,  
 Crendo que seu engano estaua noto,  
 Tambem foge saltando na agoa amara.  
 Mas por nam darem no penedo immoto,  
 Onde percão vida doce, & cara.  
 A ancora solta logo a capitaina,  
 Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza  
 Dos Mouros não cuidada, & juntamente,  
 O Piloto fugir lhe com presteza,  
 Entende o que ordenaua a bruta gente,  
 E vendo sem contraſte, & sem braueza  
 Dos ventos, ou das agoas sem corrente,  
 Que a Nao paſſar auante não podia,  
 Auendo o por milagre assi dezia.

O caso grande, estranho, & não cuydado,  
 O milagre clarissimo, & euidente,  
 O descuberto engano inopinado,  
 O perfida inimiga, & falsa gente,  
 Quem poderá do mal aparelhado  
 Liurar-se sem perigo sabiamente.  
 Se la de cima a guarda soberana,  
 Não acudir a fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,  
 Destes portos, a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia,  
 Que era enganada a nossa confiança  
 Mas pois saber humano, nem prudencia  
 Enganos tam fingidos nam alcança.  
 O tu guarda diuina, tem cuidado  
 De quem sem ti não pode ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altissima bondade,  
 Da gente a saluas, perfida & malina,  
 N'algum porto seguro de verdade:  
 Conduzirnos ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos,  
 Pois so por teu seruiço n'aquegamos.



OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ounholbe estas palauras piadofas,  
A fermosa Dione, & comouida,  
D'antre as Nymphas se vay, que saudofas  
Ficarão desta subita partida:  
Ia penetra as Estrellas luminofas,  
Ia na terceyra Esphera recebida  
Auante passa, & la no sexto Ceo  
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho  
Tão fermosa no gesto se mostraua,  
Queas Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,  
E tudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho  
Hūs espiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
Se lhapresenta assi como ao Troyano,  
Na selua Idea ja se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão:  
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

Os crespos fios dourou se esparzião  
 Pelo colo, que a neue escorecia,  
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,  
 Com quem amor brincava, & não se via.

Da alua petrina flamas lhe saião,  
 Onde o minino as almas acendia.

Polas lisas columnas lhe trepauão,  
 Desejos, que como Era se emrolauão.

Cum hum delgado cendal as partes cobre,  
 De quem vergonha he natural reparo,  
 Porem nem tudo esconde, nem descobre

O veo dos roxos lirios pouco auaro:

Mas pera que o desejo acenda, & dobre,  
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.

La se sentem no Ceo, por toda aparte,  
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no angelico sembrante,

Co riso hũa tristeza misturada,

Como dama que foi do incauto amante,

Em brincos amorosos maltratada,

Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,

E se torna entre alegre magoada.

Desta arte a Deosa, aquem nenhũa iguala,

Mais mimosa que triste ao Padre fala.



Sempre eu cudei, o Padre poderoso,  
 Que pera as culpas, que eu do peito amasse  
 Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
 Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
 Mas pois que contra mim de veio iroso,  
 Sem quanto merecesse, nem te errasse.  
 Faça se como Baco determina,  
 Assentarei em fim que fui mofoina.  
 Eje pouo que he meu, por quem derramo,  
 As lagrimas que em vão caidas veio,  
 Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
 Sendo tu tanto contra meu desejo:  
 Por elle a ti rogando, choro, & bramo,  
 E contra minha dita em fim pejeio.  
 Ora pois porque o amo he mal tratado,  
 Quero lhe querer mal sera guardado.  
 Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
 Que pois eu fui: & nisto de mimosa  
 O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
 Como co orualho fica a fresca rosa:  
 Calada hum pouco, como se entre os dentes  
 Lhe impedira a falla piedosa.  
 Torna a seguiu, & indo por diante,  
 Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.

E destas brandas mostras comouido,  
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre qual do Ceo sabido,  
 Torna sereno & claro o ar escuro.  
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
 Na face a beija, & abraça o colo puro.  
 De modo que dali, se fosse achãra,  
 Outro nouo Cupido se gerãra.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
 Como minino da ama castigado,  
 Que quem no affago o choro lhe acrecenta,  
 Por lhe por em sossego o peito irado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta.  
 Dos fados as entranhas reuoluendo,  
 Desta maneira em fim lhe estã dizendo.

Fermos filha minha não temais  
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberano:  
 Que eu vos prometo filha que veçais  
 Esquecereis Gregos & Romanos.  
 Pelos illustres fenos que esta gente,  
 Ha de fazer nas paries do Oriente.



Que se o facundo *Vlisses* escapou,  
 De ser na *Ogigia Ilha*, eterno escravo:  
 A se *Antenor* os seios penetrou,  
*Iliricos*, & a fonte de *Timaou*.  
 E se o piadojo *Eneas* nauegou,  
 De *Scila*, & de *Caribdis* o Mar brauo.  
 Os vossos môres cousas a tentando,  
 Nôuos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
 Por elles vereis filha edificados:  
 Os *Turcos* belacissimos & duros,  
 Delles sempre vereis desbaratados.  
 Os *Reis da India* liures, & seguros,  
 Vereis ao *Rei* potente sojugados,  
 E por elles de tudo em fim senhores,  
 Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,  
 Por tantos medos o *Indo* vai buscando,  
 Tremer d'elle *Neptuno* de medroso,  
 Sem vento suas agoas encrespando.  
 O caso nunca visto, & milagroso  
 Que trema, & ferve o *Mar* em calma estado  
 O gente forte, & de altos pensamentos,  
 Que tambem della hão medo os *Elementos*.

Vereis a terra que a agoa lbe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto mui decente,  
 Em que vão deſcansar da longa via,  
 As naos que nauegarem do Occidente.  
 Toda esta coſta em fim, que agora vrdia,  
 O mortifero engano, obediẽte,  
 Lbe pagarã tributos, conhecendo,  
 Não poder resistir ao Liſo horrendo.

E vereis o mar roxo tam famoso,  
 Tornar ſelbe amarello de inſiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & ſo jugado.  
 Ali vereis o Mouro furioſo,  
 De ſuas meſmas ſetas traſpaſſado.  
 Que quem vai contra os vossos, claro veja,  
 Que resiste, contra ſi peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terã, dos vossos ſendo,  
 Ali ſe moſtrarã ſeu preço, & ſorte,  
 Fei os de armas grandiffimos fazendo.  
 Enueſo vereis o grão Mauorte,  
 Do pei o Luſitano, fero & horrendo.  
 Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
 Do falſo Mahamede ao Ceo blaſfema.



Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
 A qual virã despois a ser senhora,  
 De todo o Oriente, & sublimada  
 Cos triumphos da gente vencedora.  
 Alisoberba altiua, & exalçada,  
 Ao Gentio que os Idolos adora.  
 Duro freo porã, & a toda a terra,  
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se,  
 De Cananor, com pouca força & gente:  
 E vereis Calecu desbaratar-se,  
 Cidade populosa, & tam potente.  
 E vereis em Cochim assinalar-se,  
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
 Que Citara yamais cantou victoria,  
 Que assi mereça eterno nome & gloria.  
 Nunca com Marte instructo & furioso,  
 Se vio feruor Leucate, quando Augusto  
 Nas ciuis Aëtias guerras animoso,  
 O Capitão venceo Romano injusto,  
 Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
 Nilo, & do Baëtra Scitico, & robusto,  
 A victoria trazia, & presa rica,  
 Preso da Egipcia linda & não pudica.

Como vereis o mar feruendo aceso,  
 Cos incendios dos vossos pelejando,  
 Leuando a Idolatra, & o Mouro preso,  
 De nações diferentes triumphando.  
 E sogeita a rica Aurea Chersoneso,  
 Ate o longico China nauegando.  
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
 Serlbe a todo o Occeano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
 Amostrarão esforço mais que humano,  
 Que nunca se vera tam forte peito,  
 Do Gangetico mar ao Gaditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
 Que mostrou o agrauado Lusitano:  
 Posto que em todo o mundo, de affrontados  
 Resuscitassem todos os passados.

Como sto disse, manda o conf gado  
 Filho de Maia a terra, porque tenha,  
 Hum pacifico porto, & sossegado,  
 Per: onde sem receio a frota venha,  
 E pera que em Mombaça, auenturado  
 O forte Capitão se não det n'a,  
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse.



Ia pelo ar o Cilenêo voava,  
 Com as asas nos pês aa terra dece,  
 Sua vara fatal na mão leuava,  
 Com que os olhos cansados adormece:  
 Com esta, as tristes almas reuocava,  
 Do Inferno, & o vento lhe obedece.  
 Na cabeça o galero costumado,  
 E desta arte a Melinde foi chegado.  
 Configo a Fama leua, porque diga,  
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,  
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado & caro.  
 Desta arte vai fazendo a gente amiga,  
 Co rumor famosissimo, & perclaro.  
 Ia Melinde em desejos arde todo,  
 De ver da gente forte o gesto, & modo.  
 Dalipera e Monibaça logo parte,  
 Aonde as naos estauão temerosas,  
 Pera que aa gente mande que se aparte,  
 Da barra imiga, & terras suspeitosas:  
 Porque mui pouco val esforço, & arte,  
 Contra infernais vontades enganosas:  
 Pouco val coração, astucia, & siso,  
 Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meio caminho a noite tinha andado,  
E as estrellas no Ceo co a luz albeia,  
Tinham o largo mundo alumiado,  
E so co o sono a gente se recreia.

O Capitão illustre, ja cansado,  
De vigiar a noite, que arreceia,  
Breue repouso antam aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,  
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
Da cilada que o Rei maluado tece,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,  
Serenos tempo tês, & o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes seguro agasalharte.

Nam tens aqui senão aparelhado,  
O hospicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo ser manjar acostumado,  
De cauallos a gente que hospedaua:  
As aras de Busiris infamadas,  
Onde os hospedes tristes imolaua.  
Terâs certas aqui, se muito esperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.



Vaite ao longo da costa discorrendo,  
 E outra terra acharàs de mais verdade  
 La quasi junto donde o Sol ardendo,  
 Iguala o dia, & noite em quantidade:  
 Ali tua frota alegre recebendo  
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
 Gasalhado seguro te daria  
 E pera a India certa & sabia guia.  
 Isto Mercurio disse, & o sono leua  
 Ao Capitão, que com mui grande espanto  
 Acorda, & ve ferida a escura treua,  
 De hũa subita luz, & raio sancto:  
 E vendo claro quanto lhe releua,  
 Nam se deter na terra iniqua tanto.  
 Com nouo sprito ao Mestre se mandaua,  
 Que as vellas desse ao vento que assopraua.  
 Dai vellas, disse, dai ao largo ao vento,  
 Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,  
 Que hum mensageiro vi do claro assento  
 Que so em favor de nossos passos anda:  
 Aleuantase nisto o mouimento,  
 Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,  
 Leuão gritando as ancoras acima,  
 Mostrando a ruda força, que se estima.

Neste tempo, que as ancoras leuauão,  
 Na sombra escura os Mouros escondidos,  
 Mansamente as amarras lhe cortauão,  
 Por serem, dando aa costa, destruidos:  
 Mas com vista de Lincez vigiaão,  
 Os Portuguezes sempre apercebidos.  
 Elles como acordados os sentirão,  
 Voando, & não remando lhe fogirão.  
 Mas ja as agudas proas apartando,  
 Hião as vias humidas de argento,  
 Assoprarlhe galerno o vento, & brando,  
 Com juaue & seguro mouimento,  
 Nos perigos passados vão falando,  
 Que mal se perderão do pensamento,  
 Os casos grandes, donde em tanto aperto  
 A vida em saluo escapa por acerto.  
 Tinha bũa volta dado o Sol ardente,  
 E noutra começaua quando viram  
 Ao longe dous nauios, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respirão,  
 Porque auião de ser da Moura gente,  
 Pera elles arribando, as vellas virão.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se salvar a gente aa costa daua.



Não he o outro que fica tão manhoso:  
 Mas nas mãos vai cair do Lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso,  
 E sem a furia horrenda de Vulcano,  
 Que como fosse debil & medroso,  
 Da pouca gente o fraco peito humano:  
 Nam teue resistencia, & se a tiuerã,  
 Mais danno resistindo recebêra.  
 E como o Gama muito desejasse,  
 Piloto pera a India que buscava,  
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
 Mas não lhe soccedeo como cuidava,  
 Que nenhum del'es ha que lhe insinasse  
 A que parte dos Ceos a India estaua.  
 Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
 Melinde onde acharão Piloto certo.  
 Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
 Condiçam liberal, sincero peito,  
 Magnificencia grande, & humanidade,  
 Com partes de grandissimo respeito.  
 O Capitão o assela por verdade,  
 Porque ja lho dissera deste geito,  
 O Cilenêo em sonhos, & partia,  
 Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entraua,  
 No roubador de Europa a luz Febea,  
 Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua  
 E Flora derramaua o de Amalthea:  
 A memoria do dia renouaua,  
 O presuroso sol, que o Ceo rodea.  
 Em que aquelle, aquem tudo está sogeito,  
 O jello pos a quanto tinha feito.  
 Quando chegaua a frota aaquella parte,  
 Onde o Reino Melinde ja se via,  
 De toldos adornada, & leda de arte  
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
 Treme a Bandeira, voa o estandarte,  
 A cor purpurea ao longe aparecia.  
 Soão os atambores & pandeiros,  
 E assi entrauão ledos & guerreiros.  
 Enchese toda a praia Melindana,  
 Da gente que vem ver a leda armada,  
 Gente mais verdadeira, & mais humana  
 Que toda a doutra terra atras deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana,  
 Pega no fundo a ancora pesada.  
 Mandão fora hum dos Mouros que tomaram,  
 Porquem sua vinda ao Rei manifestarão.



O Rei que ja sabia da nobreza

Que tanto os Portugueses engrandece,

Tomarem o seu porto tanto preza,

Quanto a gente fortissima merece:

E com verdadeiro animo, & pureza,

Que os peitos generosos ennobrece.

Lhe manda rogar muito que saisssem,

Pera que de seus Reinos je seruissem:

Sam offercimentos verdadeiros,

E palauras sinceras, não dobradas,

As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,

Que tanto mar & terras tem passadas:

Manda-lhe mais lanigeros carneiros,

E galinhas domesticas ceuadas,

Com as fructas que antam na terra auia,

E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente

O mensageiro ledo, & seu recado,

E logo manda ao Rei outro presente,

Que de longe trazia aparelhado:

Escarlata purpurea, cor ardente,

O ramiso coral fino, & prezado,

Que debaxo das agoas mole crece,

E como he fora de las se endurece.

Minda mais hum na pratica elegante,  
 Que co Rei nobre as pazes concertasse,  
 E que de não sair naquelle instante,  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido assi o embaixador prestante,  
 Comò na terra ao Rei se apresentasse,  
 Com estullo que Palas lhe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.  
 Sublime Rei, aquem do Olimpo puro,  
 Foi da Juma Iustiza concedido,  
 Refrear o soberbo pouo duro,  
 Nam menos de:le amado, que te nido,  
 Como porto mui forte, & mui seguro,  
 De todo o Oriente conhecido:  
 Te vimos a buscar, pera que achemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.  
 Nam somos roubadores, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
 Mas das siberba Europa navegando,  
 Hmos buscando as terras apartadas  
 Da India grande, & rica por mandado  
 De hum Rei que temos, alto, & sublimado.



Que geração tam dura abi de gente?

Que barbaro costume, & ujança fea,

Que nam vedem os portos, tão jomente:

Mas inda o hospicio da deserta area?

Que ma tenção? que peito em nos se sente?

Que de tam pouca gente se arrecea.

Que com laços armados tam fingidos,

Nos ordenassem vernos destruidos?

Mas tu, em quem mui certo confiamos

Acharse mais verdade, o Rei benigno,

E aquella certa ajuda em ti esperamos,

Que teue o perdido Itaco em Alcino:

A teu porto seguros nauegamos,

Conduzidos do interprete diuino,

Que pois a ti nos manda, está mui claro,

Que es de peito sincero, humano, & raro.

E não cuides, o Rei, que não saisse,

O nosso Capitão esclarecido

A verte, ou a seruirie, porque visse

Ou sospetasse em ti peito fingido:

Mas jáberas que o fez porque comprisse,

O regimento em tudo obedecido,

De seu Rei, que lhe manda que nam saia,

Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,  
 Que os membros tem regidos da cabeça  
 Não quereras, pois tês de Rey o officio,  
 Que ninguem a seu Rey desobedeça:  
 Mas as mercês, & o grande beneficio,  
 Que ora acha em ti, promete que conheça  
 Em tudo aquillo q̃ elle & os seus poderê,  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assim dizia, & todos juntamente,  
 Hũs com outros em pratica fallando,  
 Louuauão muito o estamago da gente,  
 Que tantos Ceos & mares vay passando,  
 E o Rey illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, na alma imaginando.  
 Tinha por valor grande, & muy subido,  
 O do Rey que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,  
 Responde ao Embaixador, q̃ tanto estima  
 Toda a sospeita mà tiray do peito,  
 Nenhum frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preça, & obras sam de geito,  
 Pera vos ter o mundo em muyta estima.  
 E quem vos fez mollesto tratamento,  
 Não pode ter subido pensamento.



De não sair em terra toda a gente,  
 Por observar a usada preminencia,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tenho a muita obediencia:  
 Mas se lho o regimêto não consente,  
 Nem eu consentirey que a excellêcia,  
 De peitos tão leais em si desfaça,  
 So porque a meu desejo satisfaça.

Perem como a luz crastina chegada,  
 Ao mudo for, em minhas almôdiás,  
 Eu irey visitar a forte armada,  
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
 E se vier do mar desbaratada,  
 Do furioso vento, & longas vias:  
 Aqui tera, de limpos pensamentos  
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
 O filho de Lazona, & o mensageiro  
 Coa embaixada alegre se partia  
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
 Enchem se os peitos todos de alegria,  
 Per terem o remedio verdadeiro,  
 Pera acharem a terra que buscavão,  
 E assi ledos a noite festejavão.

Não faltão ali os rayos de arteficio,  
 Os tremulos Cometas imitando,  
 Fazem os Bombardeiras seu officio:  
 O ceo, a terra, & as ondas astroando.  
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
 Nas bombas que de fogo estão queimando,  
 Outras com vozes, com que o Ceo ferião,  
 Instrumentos altissonos tangião.

Respondemlhe da terra juntamente,  
 Com rayo volteando, com zomido,  
 Anda em giros no ar a roda ardente,  
 Estoura o pó sulfureo escondido:  
 A grita se alevanta ao Ceo, da gēce,  
 O Mar se via em fogos acendido:  
 E não menos a terra, & assi festeja.  
 Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
 As gentes incitava a seu trabalho,  
 E ja a mãy de Atena a luz trazêdo,  
 Ao sono longo punha certo atalho:  
 Hião se as sombras lentas desfazêdo,  
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
 Quando o Rey Milindano se embarcaua  
 A ver a freca que no mar estava.



Vião se em derredor feruer as prayas  
 Da gente, que a ver so concorre leda,  
 Luzem da fina purpura as cabaias,  
 Lustrão os panos da tecida seda:  
 Em lugar de guerreiras azagaias,  
 E do arco, que os cornos arremeda  
 Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
 Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que soldado  
 Vinha de sedas de diuersas cores,  
 Traz o Rey de Melinde, acompanhado  
 De nobres de seu Reyno, & de senhores:  
 Vem de ricos vestidos adornado,  
 Segundo seus costumes, & primores.  
 Na cabeça hũa foga guarnecida,  
 De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & digno,  
 Da Tiria cor, entre elles estimada,  
 Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
 Onde a materia da obra he superada,  
 Cum resplendor reluze A damantino,  
 Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
 Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,  
 Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 Nũa alta & dourada aste enxerido,  
 Hum ministro à solar quentura veda,  
 Que não offenda & queime o Rey subido:  
 Musica traz na proa, estranha & leda,  
 De aspero som, horribissimo ao ouvido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,  
 Nos seus bateis da frota se partia,  
 A receber no mar o Melindano,  
 Com lustrosa & honrada companhia:  
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
 Mas Francesa era a roupa que vestia,  
 De cesim da Adriatica Veneza,  
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a vista cega;  
 As calças soldadescas recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do mesmo delicadas,  
 Os golpes do gibão junta, & achega:  
 Ao Itálico modo a aurea espada,  
 Pruma na gorra, hum pouco declinada.



Nos de sua companhia se mostrava,  
 Da tinta que dà o Múrice excelente  
 A varia cor, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do trajo diferente:  
 Tal o fermoso esmalte se notava,  
 Dos vestidos olhados juntamente:  
 Qual aparece o arco rutilante,  
 Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonoras trombetas incitauão,  
 Os animos alegres resoando,  
 Dos Mouros os bateis o Mar coalhauão,  
 Os coidos pelas agoas arrojando:  
 As bombardas horrisonas bramando,  
 Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
 Amendamse os brados acendidos,  
 Tapão cõ as mãos os Mouros os ouvidos.

Ia no batel entrou do Capitão  
 O Rey, que nos seus braços o levava,  
 Elle coa cortesia, que a razão  
 ( Por ser Rey ) requeria, lhe fallava.  
 ( ãas mostras de espanto, & admiração,  
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,  
 Como quem em muy grande estima tinha,  
 Gence que de tam longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offerese,  
 Tudo o que de seus Reynos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe fallece,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
 Quando nella ganhárão a coroa  
 Do Reyno, onde as Hesperidas viuerão:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que os de Luso merecerão:  
 E o mais que pela fama o Rey sabia:  
 Mas desta sorte o Cama respondia.

O tu que so tiueste piedade,  
 Rey benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana.  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros não podemos.



Tu so de todos quantos queima Apolo,  
 Nos recebes em paz do Mar profundo.  
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo:  
 Em quanto apacentar o largo Polo,  
 As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
 Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,  
 Viuirão teus louvores em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
 Vão as naos, hũa & hũa rodando,  
 Porque de todas tudo noce, & veja:  
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
 A frota co as bombardas o festeja,  
 E as trombetas canoras lhe tangião,  
 Cos anafis os Mouros respondião.

Mas depois de ser tudo ja notado,  
 Do generoso Mouro, que pasmaua,  
 Ouviudo o instrumento inusitado,  
 Que tamanho terror em si mostraua.  
 Mandaua estar quieto, & ancorado,  
 Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
 Por fallar de vagar co forte Gama,  
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,  
 Se delectava, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas & excellentes,  
 Copouo àuidas, que a Masoma adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
 Agora pelos pouos seus vezinhos,  
 Agora pellos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,  
 Nos conta, lhe dizia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & região  
 Do Mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geração,  
 E o principio do Reyno tam potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodios  
 Longos, em que te traz o Mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Africa ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os cavalloos que o carro marchetado,  
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento dorme, o Mar & as ondas jazẽ.  
 E não



OS LVSIAS DAS DE L. DECA.

E não menos co tempo se parece,  
 O desejo de ouirte o que contares,  
 Que quem ha, que por fama não conhece  
 As obras Portuguezas singulares:  
 Não tanto desviado resplandece,  
 De nos o claro Sol, pera julgares,  
 Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
 Que não estimem muyto hũ grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,  
 Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
 Tentou Pericho, & Theseu, de ignorantes,  
 O Reyno de Plutão horrendo & escuro,  
 Se ouue feyros ao mundo tam possantes,  
 Não menos he trabalho illustre, & duro,  
 Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,  
 Que oustrem cometa a furia de Nereo.

Queymou o sagrado templo de Diana,  
 Do sucul Testifonio fabricado,  
 Horostrato, por ser da gente humana  
 Conhecido no mundo, & nomeado:  
 Se tambem com tais obras nos engana,  
 O desejo de hum nome auentajado.  
 Mais razam ha que queira eterna gloria  
 Quem faz obras tam dignas de memoria.

## Canto Terceiro.



**A**gora tu Caliope me en-  
sina,

O que contou ao Rey, o illustre  
Gama:

Inspirá immortal canto, & voz  
divina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.

Assi o claro inuentor da Medicina,

De quem Orpheo pariste, o linda Dama:

Nunca por Daphne, Cluie, ou Leucothão

Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimpha em effeito meu desejo,

Como merece a gente Lusitana,

Que v. ja & saiba o mundo que do Tejo

O licor de Aganipe corre & mana,

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo

Banharme Apolo na agoa soberana.

Senão direy, que tês algum reccio,

Que se escureça o teu querido Orpheio.

Tromptos



Promptos estauão todos escuitando,  
 O que o sublime Gama contaria  
 Quando, despois de hum pouco estar cuidando,  
 Aleuantando o rosto, assi dizia:  
 Mandas me, o Rey, que conte declarando  
 De minha gente a grão geanalosia:  
 Não me manda contar estranha historia:  
 Mas mãdas me louuar dos meus agloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,  
 Consa he que se costuma, & se deseja:  
 Mas louuar os meus proprios, arreceio,  
 Que louuar tão suspeito mal me est ja,  
 E pera dizer tudo, temo & creio,  
 Que qualquer longo tempo urto seja:  
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
 Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
 He nam poder mentir no que disser,  
 Porque de feitos tais, por mais que diga,  
 Mais me ha de ficar inda por dizer.  
 Mas por que nisto a ordem leue & siga,  
 Segundo o que desejas de saber.  
 Primeiro tratarey da larga terra,  
 Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
 Meta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella, que por fria se arrecea  
 Tanto, como a do myo por ardente,  
 Iaz a soberba Europa, aquem rodea,  
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
 Com suas salsas ondas o Oceano,  
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se auizinha: mas o Rio  
 Que dos montes Rifeios vay correndo,  
 Na alag a Meotis, curuo & frio  
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
 Dio dos Gregos oyrado senhorio?  
 Onde agora de Troia triumphante,  
 Não vé mais que a memoria o nauigante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
 Os montes Hyperboreos apparecem,  
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
 E co nome do sopros, se ennobrecem,  
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
 Os rayos que no mundo resplandecem.  
 Que a neve està contino pelos montes,  
 Celado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui



Aqui dos Cyras, grande quantidade  
 Viuem, que antigamente grande guerra  
 Tiverão, sobre a humana antiguidade,  
 Cos que tinham antão a Egyptia terra:  
 Mas quem tão fora estaua da verdade,  
 ( Ia que o iuyzo humano tanto erra: )  
 Pera que do mais certo se informára,  
 Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora nestas partes se nomea,  
 A Lapia fria, a inculca Noruega,  
 Escandinavia Ilha, que se arrea,  
 Das victorias que Italia não lhe nega  
 Aqui, em quanto as agoas não refreia,  
 O congelado Inverno, se nauega,  
 Hum braço do Sarmattico Oceano,  
 Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha  
 Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,  
 Sarmatas outro tempo, & na montanha  
 Hircinia, os Marcomanos sam Polonios  
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,  
 Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
 E outras varias nações, que o Reno frio  
 Lana, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.  
 Entre

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,  
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida  
 Estão os Traces de robusto peito,  
 Do fero Marte, patria tam querida,  
 Onde co Hemo, o Rodope sujeito  
 Ao Otomano está, que sometida,  
 Bizancio tem a seu seruiço indigno,  
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
 A quem lãua do Axio a agoa fria:  
 E vos tambem, o terras excellentes,  
 Nes costumes, engenhos, & oufadia,  
 Que criastes os peitos eloquentes,  
 E os juizos de alta fantasia:  
 Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
 E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,  
 Onde Antenor ja muros levantou,  
 A soberba Veneza está no meio  
 Das agoas, que tam baxa começou  
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
 De esforço, nações varias sogeitou,  
 Braço forte, de gente sublimada,  
 Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno



Em torno o cerca o Rey Neptunino,  
 Cos muros naturais por outra parte,  
 Pelo meyo o diuide o Apinino,  
 Que tam illustre fez o patrio Marce:  
 Mas despois que o porteiro tem diuino,  
 Perden lo o esforço veio, & bellica arte;  
 Pobre está já de antiga potestade,  
 Tantos Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,  
 Cos Cesareos Triumphos foy no mundo,  
 Que do Sequàna, & Ròdano he regada,  
 E do Garuna frio, & Reno fundo:  
 Logo os montes da Nimpha sepultada  
 Pyrene se alevantão, que segundo  
 Antiguidades contão, quando arderão,  
 Rios de ouro, & de prata antão correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
 Como cabeça ali de Europa toda,  
 Em cujo senhorio & gloria estranha,  
 Muicas voltas tem dado a fatal roda:  
 Mas nunca poderà, com força, ou manha  
 A fortuna inquieta porlhe nodar:  
 Que lha não tire o esforço & ousadia,  
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.

Com Tingitania entesta, & ali parece  
 Que quer fechar o Mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido estreito se enobrece,  
 Co extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações diferentes se engrandece,  
 Cercadas com as ondas do Oceano,  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida que he milhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
 Sujeitando Partenope inquieta,  
 O Nauarro, as Asturias, que reparo  
 Ia forão, contra a gente Mahometta:  
 Tem o Galego cauto, & o grande, & raro  
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,  
 Restituidor de Espanha, & senhor della,  
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
 De Europa toda, o Reyno Lusitano,  
 Onde a terra se acaba, & o mar começa,  
 E onde Febo repousa no Oceano:  
 Este quis o Cèo justo, que florece,  
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
 Deitando de si fora, & la na ardente  
 Affrica estar quieto o nam consente.



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta he a ditosa patria minha amada,  
 Aa qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo,  
 Torne, com esta empresa ja acabada,  
 Acabese esta luz ali comigo:  
 Esta foy Lusitania diriuada,  
 De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,  
 Filhos forão parece, ou companheiros,  
 E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome,  
 Se vê, que de homem forte os feitos teue,  
 Cujafama,ninguem vir à que dome  
 Pois a grande de Roma não se atreue:  
 Esta, o velho que os filhos proprios come,  
 Por decreto do Ceo, ligeiro, & leue,  
 Veo a fazer no mundo tanta parte,  
 Criando a Reyno illustre, & foy desta arte.

Hum Rey, por nome Affonso, foy na Espanha,  
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
 Que por armas sanguinas força, & manha,  
 A muitos fez perder a vida, & a terra:  
 Voando deste Rey a fama estranha,  
 Do Herculano Calpe á Cassia serra,  
 Muitos, pera na guerra esclarecerse,  
 Vinhão a elle, & à morte offerecerse.

E com

E com hum amor intrinseco accendidos,  
 Da Fè, mais que das honras populares,  
 Erão de varias terras conduzidos,  
 Deixando a patria amada, & proprios lares,  
 Despois que em feitos altos, & subidos,  
 Se mostrarão nas armas singulares,  
 Quis o famoso Affonso, que obras tais,  
 Leuasssem premio digno, & dões igoais.

Destes Anrique dizem que segundo,  
 Filho de hum Rey de Vngria experimentado,  
 Portugal ouue em sorte, que no Mundo  
 Então não era illustre, nem prezado:  
 E pera mais sinal damor profundo,  
 Quis o Rey Castelhana, que casado,  
 Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
 E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,  
 Da escrava Agar, victorias grandes teue,  
 Ganhando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo o que a seu forte peito deue:  
 Em premio destes feitos excellentes,  
 Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,  
 Hum filho, que illustrasse o nome vfanô  
 Do belicoso Reyno Lusitano.



Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
 Da cidade Hierosolima sagrada  
 E do Iordão arca tinha vista,  
 Que vio de Deos a carne em si lauada,  
 Que não tendo Cotfredo a quem resista,  
 Depois de ter Iudea sojugada,  
 Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
 Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
 O forte, & famoso Ungaro estremado,  
 Forçado da fatal necessidade,  
 O spirito deu, a quem lho tinha dado:  
 Ficava o filho em tenra mocidade,  
 Em quem o pay deixava seu traslado:  
 Que do mundo os mais fortes igualava,  
 Que de tal pay, tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sey se errado,  
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
 Conta que a mãy tomando todo o estado  
 Do segundo Hymeneo, não se despreza:  
 O filho orfão deixava deserdado,  
 Dizendo que nas terras a grandeza  
 Do senhorio todo, so sua era,  
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
 Se chamaua, do Auô tomando o nome,  
 Vendose em suas terras não ter parte,  
 Que a mãy cõ seu marido as mãda, & come:  
 Feruendolhe no peito o duro Marte  
 Imagina congo como as to me,  
 Reuoluidas as causas no conceito  
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,  
 Co sangue proprio da intestina guerra  
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,  
 A seu filho negaua o amor, & a terra  
 Co elle posta em campo ja se via,  
 E não vê a soberba o muito que erra,  
 Contra Deos, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sensual era mayor.

O Progne crua, o Magica Medea,  
 Se em vossos propios filhos vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alheya,  
 Olhay que inda Teresa peca mais:  
 Incontinencia mã, cubiça fea,  
 São as causas deste erro principais:  
 Scilla por hũa mata o velho pay,  
 Esta por ambas, contra o filho vay.



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
 Do padraſto, & da inica mãy leuaua,  
 Ia lhe obedece a terra num momento,  
 Que primeiro contra elle pelejaua:  
 Porem vencido de yra o entendimento,  
 A mãy em ferros asperos ataua:  
 Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
 Tanta veneração aos pais ſe deue.

Eis ſe ajunta o soberbo Caſtelhano,  
 Pera vingar a injuria de Teresa,  
 Contra o tam raro em gente Luſitano,  
 A quem nenhum trabalho agraua, ou peſa:  
 Em batalha ciuel, o peito humano,  
 Ajudado da Angelica deſefa,  
 Não ſo contra tal furia ſe ſuſtenta:  
 Mas o inimigo aſperrimo affugenta.

Não paſſa muito tempo, quando o forte  
 Principe, em Guimaraes eſtá cercado,  
 De infinito poder, que deſta ſorte,  
 Foy refazerle o inimigo magoado:  
 Mas com ſe offerrecer à dura morte,  
 O fiel Egas amo, foy liurado,  
 Que de outra arte podera ſer perdido,  
 Segundo eſtaua mal apercebido.

Mas o leal vassallo conhecendo,  
 Que seu senhor não tinha resistencia,  
 Se vay ao Castelhana, prometendo,  
 Que elle faria darlhe obediencia:  
 Leuanta o enemigo o cerco horrendo,  
 Fiado na promessa, & consciencia  
 De Egas Monis, mas não consente o peito  
 Do moço illustre, a outrem ser fogueito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
 Em que o Rey Castelhana ja aguardaua,  
 Que o Principe a seu mando sometido,  
 Lhe desse a obediencia que esperaua:  
 Vendo Egas que ficaua fementido,  
 O que d'elle Castella não cuydaua,  
 Determina de dar a doce vida,  
 A troco da palaura mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,  
 A aleuantar com elles a fiança,  
 Descalços, & despídos, de tal arte,  
 Que mais moue a piedade que a vingança:  
 Se pretendes Rey alto de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizia, eis aqui venho offerecido,  
 A te pagar coa vida o prometido.



OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas innocentes,  
Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
Se a peitos generosos, & excellentes,  
Dos fracos satisfaz a fera morte:  
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes.  
Nellas sos exprimenta, toda sorte  
De tormentos, de mortes, pelo estillo  
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,  
Que ja na vida a morte tem bebido,  
Poem uo cepo a garganta, & ja entregado,  
Espera pelo golpe tão temido:  
Tal diante do Principe indinado,  
Egas estaua a tudo offerecido,  
Mas o Rey vendo a estranha lealdade,  
Mais pode em fim que a yra a piedade.

O grão fidelidade Portugueza,  
De vassallo que tanto se obrigaua,  
Que mais o Persa fez naquella empresa,  
Onde rosto & narizes se cortaua,  
Do que ao grande Dario tanto pesa,  
Que mil vezes dizendo suspiraua,  
Que mais o seu Zopiro são prezara,  
Que vinte Babilonias que tomara.

Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,  
 O Lusitano exercito ditoso,  
 Contra o Mouro que as terras abitaua,  
 Dalem do claro Tejo deleitoso:  
 Ia no campo de Ourique se assentaua,  
 O arrayal soberuo & belicoso:  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Posto que em força & gente tão pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,  
 Senão no summo Deos que o Ceo regia,  
 Que tão pouco era o pouo bautifado,  
 Que pera hum sô cem mouros aueria:  
 Julga qualquer juizo sossegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum caualleiro ouesse cento.

Cinco Reys Mouros sam os inimigos,  
 Dos quais o principal Ismar se chama,  
 Todos exprimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,  
 Imitando a fermosa & forte Dama,  
 De quem tanto os Trayanos se ajudarão,  
 Eas que o Termodoute ja gostarão.



A matutina luz serena, & fria.

As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o filho de Maria,  
Amostrando se a Affonso o animaua:  
Elle adorando quem lhe apparecia,  
Na Fê todo inflamado assi gritaua,  
Aos infieis Senhor, aos infieis,  
Enão a mi que cteio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por seu Rey natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
Ediante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rey de Portugal.

Qual eos gritos & vozes incitado,  
Pola montanha o rabido Moloso,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçoso,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do brauo a força horrenda se quebta.

Tal do Rey nouo, o estamago acendido,  
 Por Deos, & polo pouo juntamente,  
 O barbaro comete apercebido,  
 Co animoso exercito rompente:  
 Leuantão nisto os perros o alarido  
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,  
 As lanças, & arcos tomão, tubas soão,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,  
 Foi nos aridos campos (assoprando  
 O sibilante Boreas) animada  
 Co vento, o seco mato vay queimando:  
 A pastoral companhia, que deitada,  
 Co doce sono estaua, despertando,  
 Ao estridor do fogo que se atea,  
 Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Destarte o Mouro atouito, & toruado,  
 Toma sem tente as armas muy depressa,  
 Não foge: mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa:  
 O Portugues o encontra denodado,  
 Pelos peitos as lanças lhe atrauessa,  
 Hús caem meios mortos, & outros vão  
 A ajuda conuocando do Alcorão.



Ali se vem encontros temerosos,  
 Pera se desfazer hũa alta ferra,  
 E os animais correndo furiosos,  
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
 Golpes se dão medonhos, & forçosos,  
 Por toda a parte andava acesa a guerra:  
 Mas o de Luso, arnes, couraça, & malha,  
 Rompe, corta, desfaz, a bola, & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
 Braços, pernas, sem dono, & sem sentido,  
 E doutros as entranhas palpitando,  
 Palida a cor, o gesto amorticido:  
 Ia perde o campo o exercito nefando,  
 Correm rios do sangue desparzido  
 Com que tambem do campo a cor se perde,  
 Tornado carmesí de branco, & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano  
 Recolhendo os trofeos, & presa rica,  
 Desbaratado, & roto o Mauro Hispano,  
 Tres dias o gram Rey no campo fica:  
 Aqui pinta no branco escudo viano,  
 Que agora esta victoria certifica:  
 Cinco escudos azues esclarecidos,  
 Em final destes cinco Reys vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
 Escreuendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem foi favorecido,  
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
 Porque assi fica o numero comprido:  
 Contando duas vezes o do meio,  
 Dos cinco azues q̃ em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada  
 Era esta grão victoria, o Rey subido  
 A tomar vai Leiria, que tomado  
 Fora mui pouco auia do vencido:  
 Com este a forte Arronches sojugada  
 Foi juntamente, & o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro, cujo campo ameno,  
 Tu claro Tejo regas tão sereno.

A estas nobres villas sometidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 E nas serras de Lua conhecidas,  
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço:  
 Sintra onde as Naiades escondidas  
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,  
 Onde amor as enreda brandamente,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.



E tu nobre Lisboa, que no mundo,  
 Facilmente das outras es princeza,  
 Que edificada foste do facundo,  
 Por cuja causa foy Dardania acesa.  
 Tu a quem obedece o Mar profundo,  
 Obedeceste aa força Portuguesa,  
 Ajudada tambem da forte armada,  
 Que das Boreais partes foi maudada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
 E da frola Bretanha conduzidos,  
 A destruir o pouo Sarraceno,  
 Muitos com tenção sancta erão partidos:  
 Entrando a boca ja de Tejo ameno,  
 Co arrayal do grande Affonso vidos,  
 Cuja alta fama então subia aos ceos,  
 Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

Cinco vezes a Lúa se escondera  
 E outras tantas mostrara cheio o rosto,  
 Quando a Cidade entrada se rendera,  
 Ao duro cerco que lhe estava posto:  
 Foy a batalha tão sanguina, & fera,  
 Quanto obrigaua o firme proposito,  
 De vencedores asperos, & ousados,  
 E de vencidos ja desesperados.

Desta arte em fim tomada se rendeo,  
 Aquella que nos tempos ja passados  
 A grande força nunca obedeeo,  
 Dos frios pouos Sciticos eufados:  
 Cujos poder a tanto se estendeo,  
 Que o lbero o vio, & o Tejo a medrontados  
 E em fim co Betis tanto algum poderão,  
 Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura  
 Auera que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir aa força dura  
 Da gente cuja fama tanto voa:  
 Ia lhe obedee toda a Estremadura,  
 Obidos Alanquer, por onde soa  
 O tom das frescas agoas entre as pedras,  
 Que murmurando laua, & Torres vedras.

E vos tambem, ó terras transtaganas,  
 Affamadas co dom da flaua Ceres,  
 Obedeeis aas forças mais que humanas,  
 Entregandolhe os muros, & os poderes:  
 E tu laurador Mouro que te enganas,  
 Se sustettar a fertil terra queres,  
 Que Eluas, & Moura & Serpa conhecidas,  
 E Alcaçate do sal, estão rendidas.



OS LVSIADAS DE L. DE CAM.

Eis a nobre Cidade, certo acento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Nos ares se alcuantão nobremente,  
Obedeceo por meio & ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

Ja na cidade Beja vay tomar  
Vingança de Trancofo destruida,  
Affonso que não sabe sossegar,  
Por estender coa fama a curta vida:  
Não se lhe pode muito sustentar  
A Cidade, mas sendo ja rendida,  
Em toda a cousa viua a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,  
E a piscofe Cizimbra, & juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha diligente,  
Pela fralda da serra descuidado,  
Do temeroso encontro inopinado.

O Rey

O Rey de Badajoz era alto Mouro,  
 Com quatro mil cauillos furiosos,  
 Innumeros piões, d'armas & de ouro:  
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
 Mas qual no mes de maio, o brauto touro  
 Cos ciumes da vaca, arreceosos,  
 Sentindo gente o bruto & cego amante  
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrando,  
 Na gente dà, que passa bem segura,  
 Fere, mata, derriba denodado:  
 Foge o Rey Mouro, & so da vida cura:  
 Dum Panico terror todo assombrado,  
 Sò de seguillo o exercito procura,  
 Sendo estes que fizeram tanto aballo  
 No mais que so sefencia de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança  
 O grão Rey incansabil, ajuntando  
 Cente de todo o Reyno, cuja usança,  
 Era andar sempre terras conquistando,  
 Cercar vay Badajoz, e logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer às outras companhia.



OS LVSIADAS DE L. C. A.

Porque leuasse auante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho,  
Que ás terras se passaſſe Dalemtejo  
Com gente, & co beligeiro aparelho:  
Sancho, de forço & danimo sobejo,  
Auante passa, e faz correr vermelho  
O rio que Senilha vay regando,  
Co sangue Mauro, barbaro e nefando.

E com esta victoria cobiçoso  
Ja não descança o moço até que veja,  
Outro estrago como este temeroso  
No barbaro que tem cercado Beja,  
Não tarda muito o Principe ditoso  
Sem ver o fim daquillo que deseja,  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem sua esperança.

Ja se ajuntão do monte, a quem Medusa  
O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
Ja vendo Promontorio de Ampelusa  
E do Tinge que aſſento foy de Anteo:  
O morador de Abila não se esusa  
Que tambem com suas armas se moueo:  
Ao som da Mauricana & ronca tuba,  
Todo o Reyno que foy do nobre Iuba.

Entrava

Entraua com toda esta companhia  
 O Miramamolins em Portugal  
 Treze Reys Mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o sceptro Imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal:  
 Dom Sancho vay cercar em Sanctarem,  
 Torrem não lhe socede muyto bem.

Dalhe combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil, o Mouro iroso  
 Nam lhe aproueita já trabuco horrendo,  
 Mina secreta, Ariete forçoso:  
 Torque o filho de Affonso, não perdendo  
 Nada do esforço, & acor do generoso,  
 Tudo proue com animo, & prudencia,  
 Que em toda a parte ha e forço, & resistencia.

Mas o velho a quem tinham já obrigado  
 Os trabalhosos annos, ao sossego,  
 Estando na Cidade, cujo prado  
 Enuerdecem as agoas do Mondego:  
 Sabendo como o filho está cercado,  
 Em Sanctarem, do Maur. pouo cego  
 Se parte diligente da cidade,  
 Que não perde a presteza co a idade.



Eco a famosa gente à guerra usada,  
 Vay socorrer o fiho, & assi ajuntadas,  
 A Portugueza furia costumada,  
 Em breue os Mouros tem desbaratados:  
 A campina que toda está qualhada  
 De marlotas, capuzes variados  
 De canallas, jaezes, presa rica,  
 De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio  
 De Lusitania, postos em fugida,  
 O Miramamolim sô não fogio,  
 Porque antes de fugir lhe fogue a vida.  
 A quem lhe esta victoria permitio,  
 Dã louvores & graças sem medida:  
 Que em casos tão estranhos claramente,  
 Mais peleja o favor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphana,  
 O velho Affonso, Principe subido,  
 Quando, quem tudo em fim vencendo andava,  
 Va larga, & muyta idade foy vencido,  
 A palida doença lhe recava,  
 Com fria mão o corpo enfraquecido:  
 E pagaráo seus annos deste geito,  
 Na triste Libitina seu dreyto.

Os altos promontorios o chorãrão,  
 E dos rios as agoas sandosas,  
 Os semeados campos alagarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alagarão,  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu Reyno chamarão,  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára  
 Imitando seu pay na valencia,  
 E que em sua vida ja se experimentára,  
 Quando o Betis de sangue se tingia,  
 E o barbaro poder desbaratára,  
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia.  
 E mais quando os que Bejs em vão cercãrão,  
 Os golpes de seu braço em si prouãrão.

Depois que foy por Rey alevantado,  
 Auendo poucos annos que reynaua,  
 A cidade de Silues tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro lauraua:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada, que passaua:  
 De armas fortes e gente apercebida,  
 A recobrar Iudca ja perdida,



Passauam a ajudar na sancta empresa  
 O roxo Frederico, que moueo  
 O poderoso exercito, em defesa  
 Va cidade onde Christo padecoo,  
 Quando Cuido co a gente em sede acesa,  
 Ao grande Saladino se rendeo,  
 No lugar onde aos Mouros sobejauam,  
 As agoas que os de Cuido desejauiam:

Mas a fermosa armada, que viera,  
 Por contraste de vento, àquella parte  
 Sancho quis ajudar na guerra fera,  
 Là que em seruiço vay, do sancto Marte  
 Assi como a seu pay acontecêra,  
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,  
 Do Germano ajudado silues toma,  
 E o brauo morador a estrue, & doma.

E se tantos tropheos do Mahomet a  
 Aleuando vay: tambem do forte  
 Liones, não consente estar quieta  
 A terra usada aos casos de Mauorte:  
 Atè que na ceruiz seu jugo metta  
 Da soberba Tui, que a mesma force  
 Vio ter a myltas villas suas vizinhas,  
 Que por armas em Sãcho humildes tinhas.

Mas

*Mas entre tantas palmas salteado*  
*Da temerosa morte, fica herdeiro*  
*Hum filho seu de todos estimado,*  
*Que foy segundo Affonso, & Rey terceiro:*  
*No tempo deste, aos Mouros foy tomado*  
*Alcacere do Sal por derradeyro:*  
*Porque dantes os Mouros o tomaram,*  
*Mas agora estruidos o pagaram.*

*Morto despois Affonso lhe succede*  
*Sancho segundo. manso, & descuydado,*  
*Que tanto em seus descuydos se desmede,*  
*Que de outrem que mandava. era mandado,*  
*De governar o Reyno. que outro pede,*  
*Por causa dos priuados foy priuado:*  
*Porque como por elles se regia,*  
*Em todos seus vicios consentia.*

*Nam era Sancho nam tam deshonesto,*  
*Como Nero, que hum moço recebia*  
*Por mulher, & despois horrendo incesto,*  
*Com a m̃y Agripina cometia:*  
*Nem tam cruel às gentes, & molesto,*  
*Que a cidade queymasse onde viuia,*  
*Nem tam mão, como foy Helio Cabalo,*  
*Nem como o mole Rey Sardanapalo.*



OS LVSIADAS DE L. DEGA

Nem era o povo seu tiranizado,  
 Como Sicilia foy de seus tyranos  
 Nem tinha como Phalaris achado,  
 Genero de tormentos inhumanos:  
 Mas o Reyno de altivo, & costumado  
 A senhores em tudo soberanos,  
 A Rey não obedece, nem consente,  
 Que não for más que todos excellentes.

Por esta causa o Reyno governou,  
 O Conde Bolonhez, depois alçado  
 Por Rey, quando da vida se apartou,  
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.  
 Este, que Affonso o bravo se chamou,  
 Depois de ter o Reyno segurado:  
 Em dilatado cuyda, que em terreno  
 Não cabe o altivo peyto tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
 Em casamento dada, grande parte  
 Recupera co braço, & deita fora  
 O Mouro, mal querido já de Marte:  
 Este de todo fez liure & senhora  
 Lusitania, com força & bellica arte:  
 E acabou de oprimir a nação forte,  
 Na terra q̄ aos de Luso conbe em sorte.

Eis despois vem Diniz, que bem parece,  
 Do brauo Affonso estirpe nobre & digna,  
 Com quem a fama grande se escurece,  
 Da liberalidade Alexandrina,  
 Coeste o Reyno prospero floresce,  
 (Alcançada já paz aurea diuina)  
 Em constituyções, leys & costumes,  
 Na terra já tranquilla claros lumes.

Fez primeyra em Coymbra exercitar-se  
 O valeroso officio de Minerva,  
 E de Helicon as Musas fez passar-se,  
 A pisar de Mondego a fertil herua:  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.  
 Aqui as capellas dà tecidas de ouro,  
 Do Baccaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castelles muy seguros,  
 E quasi o Reyno todo reformou,  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas despois que a dura Atropos cortou,  
 O fio de seus dias já maduros:  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarso Affonso: mas forte & excelente:  
 Este



Este sempre as soberbas Castelhanas,  
 Co peito desprezou firme, & sereno,  
 Porque não he das forças Lusitanas,  
 Temer poder mayor, por mais pequeno  
 Mas porem quando as gentes Mauritanas,  
 A possuir o spherico terreno,  
 Entraram pelas terras de Castilla,  
 Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
 Ueo os campos Idaspicos enchendo,  
 Nem Acila, que Italia toda espanta,  
 Chamandose de Deos açoute horrendo;  
 Goticca gente trouxe tanta, quanta  
 Do Sarraceno barbaro estupendo,  
 Co poder excessiuo de Granada,  
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Even lo o Rey sublime Castelhanao,  
 A força inexpugnauel, grande, & forte,  
 Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
 Ià perdido hũa vez, que a propria morte:  
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
 Lhe mandava a carissima consorte,  
 Mulher de quem a manda, & filha amada  
 Daquelle a cujo Reyno foy mandada.

Entraua a fermosissima Maria,  
 Polos paternais passos sublimados,  
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados,  
 Os cabellos Angelicos trazia,  
 Pelos eburneos ombros espalhados?  
 Diante do Payledo, que a agasalha,  
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio  
 De Africa toda gente fera & estranha:  
 O grão Rey de Marrocos conduzia  
 Pera vir possuyr a nobre Espanha.  
 Poder tamanho junto não se vio  
 Despois que o salso Mar a terra banha:  
 Trazem ferocidade, e furor tanto  
 Que a viuos medo, e a mortos faz espaço.

Aquelle que me deste por marido:  
 Por defenaer sua terra amedrontada  
 Co pequeno poder, offerecido  
 Ao duro golpe está: da Maura espada;  
 E se não for contigo socorrido  
 Vermeas delle, & do Reyno ser priuada:  
 Viua & triste, e posta em vida escura,  
 Sem marido, sem Reyno, e sem ventura.

Por



Por tanto, ó Rey, de quem com puro medo,  
 O corrente Muluca se congella,  
 Rompe toda a tardança, acude cedo,  
 Aa miseranda gente de Castella,  
 Se esse gesto que mostras claro & ledo,  
 De pay o verdadeiro amor asella:  
 Acuda & corre pay, que se não corres  
 Pode ser que não aches quem socorres.

Não de outra sorte a tímida Maria,  
 Fallando está, que a triste Venus, quando  
 A Iupiter seu pay fauor pedia,  
 Pera Eneas seu filho, nauegando  
 Que a tanta piedade o comouia,  
 Que caydo das mãos o rayo infando:  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
 Os Eboreis. s. campos vão qualhados,  
 Lustra co Sol, o arnes, a lança, a espada  
 Vão rinchando os cavallo: jiezados:  
 A canora trombeta embandeirada,  
 Os corações à paz acostumados:  
 Vay as fulgentes armas incitando  
 Polas concavidades resumbando.

Entre

Entre todos no meyo se sublima,  
 Das insignias reais acompanhado,  
 O valeroso Affonso, que por cima  
 De todos, leua o collo alevantado,  
 E sómente co gesto esforça & anima,  
 A qualquer coração amedrontado:  
 Assim entra nas terras de Castella,  
 Com a filha gentil Raynha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente  
 Nos campos de Tarifa, estão defronte,  
 Da grande multidão da cega gente  
 Pera quem são pequenos, campo & mōtes  
 Não ha peito tão alto, & tam potente  
 Que de desconfiança não se afrente,  
 Em quanto nam conheça, & claro veja  
 Que co braço dos seus Christo pelija.

Estão de Agarr os netos casi rindo,  
 Do poder dos Christãos fraco & pequeno,  
 As terras como suas repartido,  
 Ante mão, entre o exercito Agareno,  
 Que com titulo falso possuindo,  
 Está o famoso nome Sarraceno:  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 A a nobre terra albea chamão sua.



Qu'il o membrado & barbaro Gigante,  
 Do Rey Saul, com causa tam temido,  
 Vendo o Pastor inorme estar diante:  
 Sò de pedras & esforço apercebido:  
 Com palauras soberbas o arrogante,  
 Despreza o fraco moço mal vestido,  
 Que rodeando a funda o desengana:  
 Quãco mais pode a Fe que a força humana.

Desta arte o Mouro perfido despreza  
 O poder dos Christãos, & não entende  
 Que está ajudado da alta forca leza,  
 A quem o Inferno borrifco se rende,  
 Co ella o Castelhana, & com destreza:  
 De Marrocos o Rey comete & offende  
 O Portugues que tudo estima em nada:  
 Sefaz temer ao Reyno de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,  
 Por cima dos arneses, brauo estrago,  
 Chamão (segundo as leis que ali seguião)  
 Huns Masamede, e os outros Sanctiago,  
 Os feridos com grita o ceo ferião,  
 Fazendo de seu sangue bruto lago,  
 Onde outros meynos mortos se afogaũão,  
 Quando do ferro as vidas escapauão.

Com esforço tamanho estrue & mata,  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
 De alcançar tal victoria tão barata,  
 Inda não bem contente o forte braço,  
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,  
 Que pelejando está co Mauritano.

Ja se hia o Sol ardente recolhendo,  
 Pera a casa de Thetis, & inclinado,  
 Pera o Ponente o vespero trazendo,  
 Estaua o claro dia memorado,  
 Quando o poder do Mauro grande & horêdo  
 Foy pellos fortes Reys desbaratado,  
 Com tanta mortindade, que a memoria,  
 Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
 Dos que morrerão neste vencimento,  
 Quando as agoas co sangue do aduersario  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nem o Pero asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento;  
 Quando tantos matou da illustre Roma,  
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.



E se tu tantas almas so podesse,  
 Mandar ao Reyno escuro de Cocito,  
 Quando a Sancta Cidade desfizeste  
 Do pouo pertinaz no antigo rito:  
 Permissam & vingança foy celesto,  
 E não força de braço, e nobre Tito,  
 Que assi dos Vates foy profetizado,  
 E depois por IESU certificado.

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Affonso á Lusitana terra,  
 A se ligrar da paz com tanta gloria,  
 Quanta soube ganhar na dura guerra,  
 O caso triste, & dino da memoria,  
 Que do sepulchro os homões descerra,  
 Aconteceo da misera, & mezquinha  
 Que depois de ser morta foy Raynha.

Tu so, tu puro Amor com força crua,  
 Que os corações humanos tanto obriga,  
 Deste causa a molesta morte sua,  
 Como se fora perfida inimiga:  
 Se dizem fero Amor que a sede tua,  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga:  
 E porque queres aspero & tyrano  
 Tuas aras banhar em sangue humano,

Estavas linda Ines posta em sossego  
 De teus annos, colhendo doce fructo,  
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,  
 Que a fortuna não deixa durar muito,  
 Nos saudosos campos do Mondego,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
 Aos montes insinuando, & às eruinhas  
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,  
 As lembranças que na alma lhe moravão,  
 Que sempre ante seus olhos te trazião,  
 Quando dos teus fermosos se apartavão  
 Denoite em doces sonhos, que mentião,  
 De dia em pensamentos que voavão.  
 E quanto em fim cuidava, & quanto via,  
 Eram tudo memorias de alegria.

De oueras bellas senhoras & Princesas;  
 Os desejados tálamos engeita,  
 Que tudo em fim tu puro a nor desprezas,  
 Quando hum gesto suave te sogeita:  
 Vendo estas namoradas estranhezas,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do povo, & a fantasia  
 Do filho, que casarse não queria.



Tirar Ines ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Credo co sangue sò da morte indina,  
 Macar do firme amor o fogo aceso:  
 Que furor consentio, que a espada fina,  
 Que pode sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse alevantada,  
 Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ aos horrificos algozes,  
 Ante o Rey, ja mouido a piedade:  
 Mas o pouo com falsas, & ferozes  
 Razões, aa morte crua o persuade:  
 Ella com tristes & piedosas vozes,  
 Saidas sò da magoa, & saudade  
 Do seu Principe, & filhos que deixaua,  
 Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino alevantando,  
 Com lagrimas os olhos piedosos,  
 Os olhos, porque se mãos lhe estaua atando,  
 Hum dos duros ministros rigurosos.  
 E despois nos mininos atentando,  
 Que tam queridos tinha, & tam mimosos,  
 Cujã orfindade como mãy temia,  
 Pera o anõ cruel assi dizia.

Se ja nas brucas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que semente  
 Nas rapinas aérias tem o intento,  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tam piadoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrárão,  
 E cos irmãos que Roma edificárão,

O tu que tês de humano o gesto & o peito  
 (Se de humano he, matar hũa donzella  
 Fraca & sem força, so por ter subjeito  
 O coração, a quem soube vencella.)  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tês aa morte escura della,  
 Mouate a piedade sua & minha,  
 Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo & ferro,  
 Sabetambem dar vida com clemencia,  
 A quem perdela não fez erro:  
 Mas se to assi merece esta innocencia,  
 Poem me em perpetuo & misero desterro,  
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas viva eternamente.



OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Poemme onde se vſe toda a feridade,  
 Entre Liões, & Tygres, & verey  
 Se nelles achar poſſo a piedade  
 Que entre peitos humanos não achey:  
 Ali co amor intrinſeco & vontade,  
 Naquelle por quem mouro, criarey  
 Estas reliquias ſuas que aqui viſte,  
 Que refrigerio ſejão da mãy triſte.

Queria perdoarlhe o Rey benigno,  
 Monido das palauras que omagão:  
 Mas o percinaz pouso, & ſeu deſtino  
 ( Que deſta ſorte o quis ) lhe não perdoão,  
 Arrancão das espadas de aço fino,  
 Os que por bom tal feico ali apregoão,  
 Contra hũa dama, ò peitos carniceiros  
 Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,  
 Conſolação extrema da mãy velha,  
 Porque a ſombra de Achilles a condena;  
 Co ferro o duro Pirro ſe aparelha:  
 Mas ella os olhos com que o ar ſerena,  
 ( Bem como paciente, & manſa ouelha )  
 Na miſera mãy poſtas, que endou doce.  
 Ao duro ſacrificio ſe offerrece.

Tais contra Inês os brutos matadores,  
 No colo de alabaſtro, que ſoſtinha  
 As obras com que amor matou de amores  
 Aquelle que depois a fez Raynha:  
 As espadas banhando, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos ſeus regadas tinha,  
 Se encarniçauão, feruidos & yroſos,  
 No futuro caſtigo não cuidosos.

Bem podêras, ô Sol, da viſta deſtes  
 Teus rayos apartar aquelle dia,  
 Como da ſeua meſa de Tyſteo,  
 Quando os filhos por mão de Ateu comia  
 Vos, ô concavos vales que podeſtes,  
 A voz extrema ouuir da boca fria,  
 O nome do ſeu Pedro que lhe ouviſtes,  
 Por muyto grande eſpaço repetiſtes.

Aſi como a bonina que cortada,  
 Antes do tempo foy, candida & bella,  
 Sendo das mãos lacinias mal tratada,  
 Da minina que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
 Tal eſtá morta a palida donzella,  
 Secas do roſto as roſas, & perdida  
 A branca, & viva cor, co a doce vida.



As filhas do Mondego, a morte escura  
 Longo tempo chorando memorarão,  
 E por memoria eterna em fonte pura  
 As lagrimas choradas transformarão:  
 O nome lhe poserão, que inda dura,  
 Dos amores de Ines que ali passarão.  
 Vede que fresca fonte rega as flores,  
 Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança  
 Não visse Pedro das mortais feridas,  
 Que em tomando do Reino a governança,  
 Acomou dos fugidos humicidas:  
 Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
 Que ambos inimigos das humanas vidas,  
 O concerto fizerão duro & iniusto,  
 Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy rigoroso,  
 De latrocínios, mortes & adulterios,  
 Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
 Erão os seus mais certos refrigerios:  
 As cidades guardando justicoso,  
 De todos os soberbos vituperios,  
 Mais ladrões castigando aa morte deu,  
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.  
 Do justo

Do justo & duro Pedro nasce o brando  
 (Vede da natureza o desconcerto)  
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,  
 Que todo o Reyno pos em muito aperto,  
 Que vindo o Castelhana devastando  
 As terras sem defesa, esteve perto  
 De destruir se o Reyno totalmente,  
 Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,  
 De tirar Lianor a seu marido,  
 E casarse co ella de enleuado,  
 Num falso parecer mal entendido:  
 Ou foy que o coração sogeiso, & dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
 Molle se fez, & fraco, & bem parece  
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão sempre a pena  
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
 Os que forão roubar a bella Elena,  
 E com a pio tambem Tarquino o vio  
 Pois por quem David Sancto se condena?  
 Ou quem o Tribo illustre destruiu  
 De Benjamim? bem claro no lo insina,  
 Por Sarra Faraõ, Sychem por Dina.

E pois



E pois se os peitos fortes enfraquece,  
 Hum in concessõ amor desatinado,  
 Bem no filho de Almena se parece,  
 Quando em Omfale andaua transformado,  
 De Marco Antonio a fama se escurece,  
 Com ser tanto a Cleopaira affeçoado:  
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,  
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,  
 Dos laços que amor arma brandamente  
 Entre as rosas & a neve humana pura,  
 O ouro, & o alabastro transparente  
 Quem de hũa peregrina fermosura  
 De hum vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração conuerte que tem preso,  
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
 Hũa suave & Angelica ex:elencia,  
 Que em si está sempre as almas transformãdo  
 Que tiuesse contra ella resistencia:  
 Desculpado por certo está Fernando,  
 Pera quem tem de amor experencia:  
 Mas antes tendo liure a fantasia,  
 Por muyto mais culpado o julgaria.

## Canto Quarto.



ESPOIS de procellosa tem-  
 pestade,  
 Nocturna sombra, & sibilante  
 vento,  
 Traz a manhã serena clari-  
 dade,

Esperança de porto, & saluamento:  
 Aparta o Sol a negra escuridade,  
 Remouendo o temor ao pensamento:  
 A si no Reyno forte aconteceo,  
 Despois que o Rey Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,  
 Quem os danos & offensas va vingando,  
 Naquelles que tambem se aproueitãrão,  
 Do descuido remisso de Fernando,  
 Despois de pouco tempo o alcançãrão,  
 Ioanne sempre illustre alevantando  
 Por Rey, como de Pedro vnico erdeiro  
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

Seu isto



Ser isto ordenação dos ceos divina,  
 Por sinais muito claros se mostrou  
 Quando em Euora a voz de hũa minina,  
 Ante tempo falando o nomeou:  
 E como cousa em fim que o Ceo destina,  
 No berço o corpo, & a voz alevantou,  
 Portugal, Portugal, alcando a mão  
 Disse, polo Rey novo Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,  
 Co o dio que occupado os peitos tinha,  
 Absolutas cruezas, & evidentes  
 Faz do povo o furor por onde vinha,  
 Matando vão amigos & parentes,  
 Do adultero Conde, & da Rainha,  
 Com quem sua incontinnencia desonesto  
 Mais ( depois de viuua ) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,  
 Diante della a ferro frio morre,  
 De outros muitos na morte acompanhado  
 Que tudo o fogo erguido queima & corre;  
 Quem como Astianas precipitado  
 ( Sem lhe valerem ordões ) de alta torre  
 A quem ordões, nem aras, nem respeito,  
 Quem nu por ruas & em pedaços feito.  
 Pode-se

Podemse por em longo esquecimento,  
 As cruezas mortais que Roma vio  
 Feitas do feroz Mario, & do cruento  
 Sylla, quando o contrario lhe fogio:  
 Por isso Lianor, que o sentimento  
 Do morto Conde ao mundo descobrio,  
 Faz contra Lusitania vir Castella,  
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada  
 Co Castelhana está, que o Reino pede,  
 Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 (Com esta voz Castella alevantada,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças ajunta pera as guerras  
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,  
 (Se foy) ; a teue o nome diriuado  
 Das terras que Fernando, & q̃ Rodrigo  
 Ganharão do tyrono & Mauro estado.  
 Não estimão das armas o perigo,  
 Os que cortando vão co duro arado  
 Os campos Lioneses, cuja gente,  
 Cos Mouros foy nas armas excellentē.



Os Vandalos, na antiga valencia

Ainda confiados, se ajuntauão  
 Da cabeça de toda Andaluzia,  
 Que do Goadalquivir as agoas lauão,  
 A nobre Ilha tamhem se apercebia,  
 Que antigamente os Tirios habitauão:  
 Trazendo por insignias verdadeiras  
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reyno de Toledo,

Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
 O Tejo em torno vaysuave & lido,  
 Que das serras de Conca vem manando:  
 A vos outros tambem não tolhe o medo,  
 O sordidos Galegos, duro bando,  
 Que pera resistirdes, vos armastes,  
 Aquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias,

A gente Bizcainha, que careçe  
 De polidas razões, & que as iniurias  
 Muito mal dos estranhos compadece:  
 A terra de Guipuscoa, & das Asturias  
 Que com minas de ferro se ennobrece,  
 Armou d'elle, os soberbos matadores,  
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane, a quem do peito o esforço crece,  
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,  
 Posto que tudo pouco lhe parece  
 Cos poucos de seu Reyno se aparelha,  
 E não por que conselho lhe falece,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas so por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte,  
 Em desusada & ma deslealdade,  
 Podendo o temor mais gelado, inerte  
 Que a propria & natural fidelidade,  
 Negão o Rey & a patria, & se conuem  
 Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentiste,  
 No forte dom Nuno Aluerex: mas antes  
 Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,  
 Repronando as vontades incostantes:  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Com palauras mais duras que elegantes,  
 A mão na espada irado, & não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como



Como da gente illustre Portuguesa,  
 Ha de auer quem refufe o patrio Marte?  
 Como, desta provincia que Princesa  
 Foy das gentes na guerra em toda parte,  
 Ha de sair quem negue ter defesa,  
 Quem negue a Fe, o amor, o esforço è arte  
 De Portugues, & por nenhum respeito  
 O proprio Reyno queira ver sogeito?

Como, não sois vos inda os descendentes  
 Daquelles, que debaixo da bandeira,  
 Do grande Enriquez, feros & valentes  
 Uencestes esta gente tam guerreira?  
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
 Poseram em fugida, de maneira,  
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão  
 Presos, afora a presa que tinerão?

Com quem forão contino sopeados  
 Estes, de quem o estais agora vos,  
 Por Dinis & seu filho, sublimados  
 Se não cos vossos fortes pays & anós?  
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
 Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
 Torne vos vossas forças o Rey nouo,  
 Se he certo que co Rey se muda o pouo.

Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes  
 Igual ao Rey que agora alevantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E se com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,  
 (E dizendo isto arranca mea espada)  
 Defenderey da força dura, & infesta  
 A terra nunca de outrem sojugada,  
 Em virtude do Rey, da patria mesta,  
 Di lealdade ja por vos negada,  
 Vencerey (não so estes aduersarios:  
 Mas quantos a meu Rei forẽ contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,  
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,  
 Ia pera se entregar quasi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 Cornelio moço os faz, que competidos  
 Da sua espada jurem, que as Romanas  
 Armas, nam deixarão em quanto a vida  
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.



Destarte a gente força, & esforça Nuno,  
 Que com lhe ouir as vltimas razões  
 Remouem o temor frio importuno,  
 Que gelados lhe tinha os corações:  
 Nos animais caualgaõ de Neptuno,  
 Brandindo, & volteando arremessões,  
 Vão correndo & gritando aboca aberta,  
 Viua o famoso Rey que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão  
 A guerra com que a patria se sostinha,  
 Hũs armas alimpãõ & renouão,  
 Que a ferrugem da paz gastada tinha:  
 Capacetes estofam, peitos prouão,  
 Armase cada hum como conuinha.  
 Outros fazem vestidos de mil cores,  
 Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
 Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
 Abrantes, que tambem da fonte fria  
 Do Tejo logra as agoas abundantes:  
 Os primeiros armigeros regia,  
 Quem pera reger era os muy possantes,  
 Orientais exercitos, sem conto,  
 Com que passaua Xerxes o Helesponto.

Dem Nuno Aluarez digo verdaciro  
 Aconte de soberbos Castelhanos,  
 Como ja o fero Humo o foy primeiro  
 Pera Franceses, pera Italianos,  
 Outro tambem famoso cavalleiro,  
 Que a la dereita tem dos Lusitanos,  
 E pro pera mandalos, e regelos,  
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que esta corresponde,  
 Antão Vazquez de Almada he Capitão,  
 Que despois foy de Abranches wobre Conde,  
 Das gentes vay regendo a sestra mão,  
 Logo não recuarda não se esconde,  
 Das quinas e castellos o pendão,  
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,  
 E de hum alegre medo quasi frias,  
 Rezando as mais, irmãs, damas, e esposas  
 Prometendo jejus, e romarias:  
 Ia chegão as esquadras bellicosas,  
 Defronte das inimigas companhias,  
 Que com grita grandissima os recebem,  
 E todas grande duvida concebem.



Respondem as trombetas mensageiras,  
 Pifaros sibilantes, & atambores,  
 Alferezes volteão as bandeiras,  
 Que variadas sam de muitas cores:  
 Era no seco tempo, que nas ciras  
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
 Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castellhana,  
 Horrrendo, fero, ingente, & temeroso,  
 Ounio o monte Artabro, & Cuadiana,  
 A tras tornou as ondas de medroso:  
 Ounio o Douro, & a terra Transtagana,  
 Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
 E as mãys que o som terribil escuitárão,  
 Aos peitos os filhinhos apertárão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes, o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo,  
 E se o não he, pareceo, que o furer  
 De offender, ou vencer a duro immigo,  
 Faz não sentir, q' he perda grande & rara  
 Dos membros corporais da vida cara.

Começase a traxar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hũa, leua a defensam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grãde Pereira em quem se encerra  
 Todo o valor, primeiro se aßinala  
 Derriba, & encontra, & a terra ẽ fim semea  
 Dos que a tanto desejão, sendo alhea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaxo dos pès duros dos ardentes  
 Cauillos, treme a terra, os vales soão:  
 Expedição se as lanças, & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão:  
 Recreçem os inimigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vam,  
 (Caso feo & cruel:) mas nam se espauta,  
 Que menos he querer matar o yrmão,  
 Quem contra o Rei & a patria se alevanta:  
 Destes arrenegados muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta,  
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)  
 Quaes nas guerras Cinis de Iulio Magno



Tu Sertorio, o nobre Coriolano  
 Catilina, e vos outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias, com profano  
 Coração, vos fizestes inimigos:  
 Se lá no Reyno escuro de Sumano  
 Receberdes grauíssimos castigos  
 Dizeilhe que tambem dos Portugueses  
 Algũs credores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,  
 Tanços dos inimigos a elles vão:  
 Esta ali Nuno, qual pellos outeiros  
 De Ceica está o fortissimo Lião,  
 Que cercado se ve dos caualleiros  
 Que os campos vão correr de Tutuão,  
 Perseguem no com as lanças, e elle irreso  
 Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura  
 Ferina, e ayra não lhe compadecem  
 Que as costas dê, mas na espessura  
 Das lanças se arremessa, que recrecem:  
 Tal está o cavaleiro que a verdura  
 Tinge co sangue alheyo, ali perecem  
 Algũs dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioanne a afronta que passava  
 Nuno, que como sabio capitão,  
 Tudo corria, & via, & a todos daua  
 Com presença & palauras coração:  
 Qual parida Lioa fera & brava  
 Que os filhos que no ninhos sós estão  
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscará,  
 O pastor de Castilia lhos furtará.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos  
 Os montes sete Irmãos atroa & abala,  
 Tal Ioanne com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:  
 O fortes companheiros, o subidos  
 Cavaleiros, a quem nenhum se yguala,  
 Defer de vossas terras que a esperança  
 Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro  
 Que entre as lanças & sétas, é os arneses  
 Dos inimigos corro, & vou primeiro  
 Pelejay verdadeiros Portugueses.  
 Isto disse o magnanimo guerreyro  
 E sopesando a lança quatro vezes  
 Com força tira & deste vnico tiro  
 Muytos lançarão o vltimo suspiro.



Porque eis os seus acesos nouamente  
 Dhua nobre vergonha & honroso fogo  
 Sobre qual mais com animo valente,  
 Perigos vencerà, do Marcio jogo  
 Porflam: tingeo ferro o fogo ardente  
 Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
 Assim recebem junto & dam feridas  
 Como a quem ja nam doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Estigio lago  
 Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava.  
 O Mestre morre ali de Sanctiago  
 Que fortissimamente pelejava  
 Morre tambem, fazendo grande estrago  
 Outro Mestre cruel de Calatraua  
 Os Pereiras tambem arrenegados  
 Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Myros tambem do vulgo vil sem nome  
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
 Onde o Trifauce Cão perpetua fome  
 Tem, das almas que passão deste mundo  
 E porque mais aqui se amanse & dom  
 A soberba do inimigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castellhana  
Foy derribada os pés da Lusitana.

Aqui

A qui fera batalha se encrucece  
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas  
 A multidão da gente que parece  
 Tem as flores da propria cor mudadas:  
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece  
 O furor, & sobejão as lançadas,  
 Ia de Castella o Rey desbaratado  
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor  
 Contento de lhe não deixar a vida  
 Seguem no os que ficarão, & o temor  
 Lhe da não pés, mas asas aa fugida:  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, desonra, & triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
 Do primeyro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vam culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheo, o miserando  
 Pono aventura aas penas do profundo  
 Deixando tantas mãys, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos desditosas.



O vencedor Ioanne estene os dias

Costumados no campo, em grande gloria

Com offeras despois, & romarias

As graças deu a quem lhe deu victoria:

Mas Nuno que não quer por outras vias

Entre as gentes deixar de si memoria

Se não por armas sempre soberanas

Pera as terras se passa Transtaganas:

Ajudao seu destino de maneira

Que fez igual o effeito ao pensamento,

Porque a terra dos Vandalos fronteira

Lhe concede o despojo & o vencimento

Ja de Seuilha a Betica bandeira

E de varios senhores nũ momento

Se lhe derriba aos pès sem ter defesa

Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente

Erão os Castelhanos opprimidos

Quando a paz desejada ja da gente

Derão os vencedores aos vencidos:

Despois que quis o Padre Omnipotente

Dar os Reys inimigos por maridos

Aas dias Illustrissimas Inglesas

Gentis, fermosas, inclitas Princesas.

Não

Não sofre o peito forte usado aa guerra  
 Não ter imigo ja a quem faça dano,  
 E assi não tendo a quem vencer na terra  
 Vay cometer as ondas do Oceano:  
 Este he o primeiro Rey que se desterra  
 Da patria, por fazer que o Africano,  
 Conheça pollas armas, quanto excede  
 A ley de Christo aa ley de Masamede.

Eis mil nadantes aues pello argento  
 Da furiosa Tetis inquieta,  
 Abrindo as pandas asas vam ao vento  
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
 O monte Abila, & o nobre fundamento  
 De Ceita toma, & o torpe Mahometta  
 Deita fora, & segura toda Espanha  
 Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos  
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse  
 Portugal, mas os coros soberanos  
 Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
 Mas pera defensam dos Lusitanos  
 Deixou quem o leuou, quem guernasse,  
 E augmentasse a terra mais que dantes  
 Inclita geraçam altos Infantes.



Não foy do Rey Duarte tam ditoso  
 O tempo que ficou na summa alteza,  
 Que assi vay alternando o tempo iroso  
 O bem co mal, o gásto co a tristeza:  
 Quem vio sem hum estado deleitoso?  
 Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
 Pois inda neste Reino, & neste Rey  
 Nam vsou ella tanto desta ley.

vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
 Que a tam altas empresas aspiraua  
 Que por saluar o povo miserando  
 Cercada, ao Sarraceno se entregaua:  
 Só por amor da patria está passando  
 A vida de senhora feyta escrava,  
 Por nam se dar por elle ha forte Ceita  
 Mais o publico bem que o seu respeito.

Codro porque o inimigo nam venceffe,  
 Deixou antes vencer da morte a vida,  
 Regulo porque a patria nam perdesse,  
 Quis mais aliberdade ver perdida:  
 Este porque se Espanha nam temesse  
 A captiueiro eterno se conuida:  
 Codro, nem Curcio, ouuido por espanto  
 Nemos Decios leais fizeram tanto.

*Mas Affonso do Reyno vnico herdeiro,*  
*Nome em armas ditoso, em nessa Hesperia,*  
*Que a soberba do barbaro fronteiro,*  
*Tornou em baxa & humilima miseria,*  
*Fora por certo inuicto caualleiro,*  
*Se não quisesse yr ver a terra Iberia:*  
*Mas Affrica dira ser impossibil,*  
*Poder ninguem vencer o Rey terribil.*

*Este pode colher as maçãs de ouro,*  
*Que somente o Terintio colher pode,*  
*Do jugo que lhe pos o brauo Mourro,*  
*A ceruiz inda agora nam sacode:*  
*Na fronte a palma leua, & o verde louro,*  
*Das victorias do barbaro, que acode*  
*A defender Alcacer forte villa,*  
*Tangere populoso, & a dura Arzilla.*

*Porem ellas em fim por força entradas,*  
*Os muros abaxarão de Diamante,*  
*Aas Portuguesas forças costumadas,*  
*A derribarem quanto achão diante,*  
*Marauilhas em armas estremadas,*  
*E de escriptura dignas elegante,*  
*Fizerão caualleiros nesta empresa*  
*Mais, affinando a fa na Portuguesa.*  
*Torem*



Porém depois tocado de ambição,  
 E gloria de mandar amara & bella,  
 Vay cometer Fernando de Aragão,  
 Sobre o potente Reyno de Castella,  
 Ajuntase a inimiga multidão,  
 Das soberbas & varias gentes della,  
 Desde Caliz ao alto Perineo,  
 Que tudo ao Rey Fernando obedeeço.

Não quis ficar nos Reynos occioso,  
 O mancebo Ioanne, & logo ordena  
 De ir ajudar o pay ambicioso,  
 Que então lhe foy ajuda não pequena,  
 Saiose em fim do trance perigoso,  
 Com fronte não toruada, mas serena  
 Desbaratado o pay sanguinolento:  
 Mas ficou duuidoso o vencimento,

Porque o filho sublime & soberano,  
 Gentil, forte, animoso caualleiro,  
 Nos contrarios fazendo imenso dano,  
 Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
 Desta arte foy vencido Octauiano,  
 E Antonio vencedor seu companheiro,  
 Quando daquelles que Cesar matârão  
 Nos Philipicos campos se vingârão.

Porém

Porem despois que a escura noite eterna,  
 Affonso apouzentou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reyno entam gouerna,  
 Foy Ioanne segundo, & Rey terzeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passaram  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcaram,  
 Onde ja foy Partenope enterrada,  
 Napoles onde os fados se mostraram,  
 Fazendo a varias gentes subjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauégam,  
 Vamse aas prayas de Rodes arenosas,  
 E dali aas ribeiras altas chegam,  
 Que com morte de Magno sam famosas:  
 Vam a Menfis, & aas terras q se regam,  
 Das enchentes Niloticas vndosas,  
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egypto,  
 Que de Christo la guarda o sancto vico.

Vassam



Passam tambem as ondas Eritreas,  
 Que o pouo de Israel sem Nao passou,  
 Ficão lhe atras as serras Nabateas,  
 Que o filho de Ismael co nome ornou:  
 As costas odoriferas Sabeas,  
 Que a mãy do bello Adonis tantos honrou,  
 Cercão, com toda a Arabia descuberta  
 Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura  
 Da confusa Babel, inda a memoria.  
 Alica Tygre o Eufrates se mestura,  
 Que as fontes onde nascem tẽ por gloria:  
 Dali vão em demanda da agoa pura,  
 Que causa inda sera de larga historia  
 Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
 Onde nam se atreueo passar Trajano.

Viram gentes incognitas, & estranhas  
 Da India, da Carmania, & Gedrosia,  
 Vendo varios costumes, varias manhas  
 Que cada Regiam produce & cria:  
 Mas de vias tam asperas, tamanhas  
 Tornarse facilmente nam podia,  
 La morreram em fim, & la ficãram,  
 Que a desejada patria nam tornãram.

Parece

Parece que guardava o claro Ceo  
 A Manoel, & seus merecimentos,  
 Esta empresa tão ardua, que o moueo  
 A subidos & illustres mauimentos:  
 (Manoel, que a Ioanne socedeo  
 No Reyno, & nos aliuos pensamentos)  
 Logo como tomou do Reyno cargo  
 Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento  
 Daquella obrigação, que lhe ficàra  
 De seus antepassados, (cujo intento,  
 Foy sempre acrecentar a terra chara)  
 Não deixasse de ser hum so momento  
 Conquistado: No tempo que a luz clara  
 Foge, & as estrellas nitidas que saem  
 A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito  
 Onde imaginações mais certas sam,  
 Resoluendo contino no conceito  
 De seu officio, & sangue a obrigação,  
 Os alhos lhe occupou o sonno acceito  
 Sem lhe desoccupar o coração,  
 Porque tanto que lasso se adormece  
 Morfeo em varias formas lhe aparece



Aqui se lhe apresenta que subia  
 Tão alto que tocava aa prima Esphera,  
 Donde diante varios mundos via  
 Nações de muita gente estranha, & fera:  
 E laa bem junto donde nace o dia  
 Depois que olhos longos estendera,  
 Vio de antigos longinquos & altos mōtes  
 Nacerem duas claras & altas fontes.

Aves agrestes, feras & alimarias  
 Pello monte seluatico habitauão,  
 Nil arvores syluestres & eruas varias  
 O passo & o trato aas gentes atalhanão:  
 Estas duras montanhas aduersarias  
 De mais conuersação, por si mostrauão  
 Que desque Adão pecou aos nossos annos  
 Não as romperão nunca pés humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião  
 Por elle os largos passos inclinando,  
 Dous homēs, que muy velhos parecião  
 De aspecto, inda que agreste, venerando:  
 Das pontas dos cabellos lhe sacião  
 Gotas, que o corpo todo vão banhando,  
 A cor da pelle baça & denegrida  
 A barba hirsuta, insonsa, mas cōprida:  
 Dambos

*Dambos de dous a fronte coroada*

*Ramos não conhecidos & ervas cinha,  
Hum delles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe ali caminha,  
E assi a agoa com impito alterada  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
Vay buscar os abraços de Aretusa.*

*Este que era o mais graue na pessoa*

*Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos Reynos & Coroa  
Grande parte do mundo esta guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
Te auisamos que he tempo que ja mandes  
A receber de nos tributos grandes:*

*Eu sou o illustre Ganges, que na terra*

*Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Inas Rey, que nesta serva  
Que vês, seu nacimiento tem primeiro:  
Custartemos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receyo  
A quant. as gentes vês poras o freyo.*



Não disse mais o rio illustre & sancto,  
 Mas ambos desaparecem num momento,  
 Acorda Emanuel cum novo espanto,  
 E grande alteração de pensamento:  
 Estendeo nisto Febo o claro manto  
 Pello escuro Emisperio somnolento:  
 Ueyo a menham no ceo pintando as cores  
 De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rey os senhores a conselho  
 E propoem lhe as figuras da visam,  
 As palauras lhe diz do sancto velho,  
 Que a todos forão grande admiração:  
 Determinão o nautico aparelho  
 Pera que com sublime coraçãõ  
 Vaa a gente q̃ mandar cortando os mares  
 A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
 Se possesse o que o peito me pedia,  
 Que sempre grandes cousas deste geito  
 Presago o coraçãõ me prometia:  
 Não sey porque razão, porque respeito,  
 Ou porque bom final que em mi se via,  
 Me poem o inçlyto Rey nas mãos a chave  
 Deste cometimento grande & graue.

E com

E com rogo & palavras amorosas  
 Que he hum mado nos Reys q' a mais obriga,  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho & com fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas  
 A vida q' se perde & que periga,  
 Que quando ao medo infame não se vende  
 Então se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deve,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subida,  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neve,  
 He tão pouco por vos, que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a Alcides inuentava,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras  
 O porco de Erimanto, a Ydra brava:  
 Decer em fim ás sombras vans & escuras  
 Onde os campos de Dite a Eige lava,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o Rey, o esprito & carne he prompta.



Com merces sumptuosas me agardece  
 E com razões me louua esta vontade,  
 Que a virtude louuada viue & crece,  
 E o louuor altos casos persuade:  
 A acompanhar me logo se offerece  
 Obrigado damor & damizade,  
 Não menos cobicoso de honra & fama,  
 O charo meu Irmão Paulo da Cama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho  
 De trabalhos muy grande soffredor,  
 Ambos sam de valia & de conselho  
 Dexperencia em armas & furor:  
 Ia de manceba gente me aparelho  
 Em que crece o desejo do valer,  
 Todos de grande esforço, & assi parece  
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,  
 Porque com mais amor se apercebessem,  
 E com palauras altas animados  
 Pera quantos trabalhos soccedessem:  
 Assi forão o Mynias ajuntados  
 Pera que o veo dourado combatessem,  
 Na Fatidiça Nao, que ousou primeira  
 Tentar o mar Euxinio, auentureira.

E ja no porto da inclita Ulissea  
 Cum aluoroço nobre, & cum desejo,  
 (Onde o licor mestura & branca areia,  
 Co salgado Nepeuno o doce Tejo:)  
 As naos prestes estão, & não refreia  
 Temor nenhum o iuuenil despejo,  
 Porque a gente maritima & a Marce  
 Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados  
 De varias cores vem, & varias artes,  
 E não menos de esforço aparelhados  
 Pera buscar do mundo novas partes:  
 Nas fortes naos os ventos sossegados  
 Ondeão os aerios estandartes,  
 Ellas prometê vendo os mares largos  
 De ser no Olimpo estrellas como a de Argos.

Despois de aparelhados desta sorte  
 De quanto tal viagem pede & manda,  
 Aparelhamos a alma pera a morte  
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda  
 Pera o sumo poder que a Echerca corte  
 Sustenta so coa vista veneranda,  
 Imploramos fauor que nos guiasse  
 E que nossos comegos aspirasse.



Partimomas assi do Sancto Templo

Que nas Praias do mar está assentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
 Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
 Certifico te, o Rey, que se contemplo  
 Como fuy destas prayas apartado,  
 Cheyo dentro de duuida & receyo  
 Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

A gente da cida le a quelle dia

(Hus por amigos, outros por parentes,  
 Outros por ver semente) concorria  
 Saudosos na vista & descontentes:  
 E nos coa virtuosa companhia  
 De mil religiosos diligentes,  
 Em procissão solene a Deos orando  
 Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso

Por perdidos as gentes nos julgauão,  
 As mulheres cum choro piadoso,  
 Os homens com suspiros que arrancauão:  
 Mãys, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
 Amor mais desconfia, acrecentauão  
 A desesperação, & frio medo  
 De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
 So pera refrigerio, & doce emparo  
 Desta cansada ja velhice minha,  
 Que em choro acabará penoso & amaro:  
 Porque me deixas, misera & mezquinha?  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
 A fazer o funereo enterramento  
 Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado esposo  
 Sem quem não quis amor que viver possa,  
 Porque is a venturar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminho duvidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento  
 Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas, & outras palauras que dizião  
 De amor, & piadosa humanidade,  
 Os velhos, & os mininos seguião  
 Em quem menos esforço poe a ydade:  
 Os montes de mais perto respõdião  
 Quasi movidos de alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhaão  
 Que em multidaõ co ellas se ygoalanão.



Nos oueros sem a vista aleuantar mos  
 Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,  
 Por não magoarmos, ou mudarmos  
 Do preposito firme começado:  
 Determiney de assi nos embarcarmos  
 Sem o despedimento custumado,  
 Que posto que he de amor vsança boa  
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,  
 Que ficaua nas prayas, entre a gente,  
 Postos em nos os olhos, meneando  
 Tres vezes a cabeça, descontente,  
 A voz pesada hum pouco aleuantando,  
 Que nos no mar ouuimos claramente,  
 Cum saber so dexperiencias feyto  
 Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vã cubica  
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama,  
 O fraudolento gosto, que se atica  
 Cũa aura popular, que honra se chama:  
 Que castigo tamanho, & que justiça  
 Fazes no peito vão que muito te ama,  
 Que morces, que perigos, que tormentas  
 Que crueldades nelles esprimentas.

Dura inquietação dalma, & da vida  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 Defazendas, de Reynos, & de Imperios:  
 Chamante illustre, chamante subida,  
 Sendo digna de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nomes com quem se o peço nescio engana.

A que novos desastres determinas  
 De levar estes Reynos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de Reynos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometteras, que historias?  
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ò tu geração daquelle insano  
 Cujos peccada & desobediencia,  
 Não somente do Reyno soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda doutro estado mais q̃ humano  
 Da quieta & da simples innocencia,  
 Idade deuro, tanto te priou  
 Que na de ferro & aarmas te deitou.



Ia que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enleuas a leue fantasia,  
 Ia que á bruta crueza & feridade  
 Poseste nome esforço & valencia,  
 Ia que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que deuia  
 De ser sempre estimada, pois que ja  
 Tempo tanto perdella quem a dá.

Não tões junto contigo o Ismaelita  
 Com quem sempre teras guerras sobejas?  
 Não segue elle do Arabia a ley maldita,  
 Se tu polla de Christo so pellejas?  
 Não tem cidades mil, terra infinita,  
 Se terras & riqueza mais desejas?  
 Não he elle por armas esforçado  
 Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar às parcas o inimigo  
 Por yres buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despoue o Reyno antigo  
 Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:  
 Buscas o incerto & incognito perigo  
 Porque a fama te exalte & te lifonge,  
 Chamando te senhor com larga copia  
 Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito o primeiro que no mundo  
 Nas ondas vella pós em seco lenho,  
 Digno da eterna pena do profundo  
 Se he justa a justa ley que figo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
 Te de por isso fama, nem memoria,  
 Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
 O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas accendeo  
 Em mortes, em desonras (grãde engano)  
 Quanto melhor nos fora Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua illustre não tiuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando  
 O carro alto do pay, nem o ár vazio  
 O grande Architector co filho, dando  
 Hum nome ao mar, & o outro fama ao rio:  
 Nenhum cometimento alto & nefando  
 For fogo, ferro, agua, calma & frio,  
 Deixa intentado a humana geraçio:  
 Misera sorte, esta a tua Condição.





Canto Quinto.



Stas sentenças tais o velho  
 honrado  
 Vociferando estaua, quando  
 abrimos

As alas ao sereno, & sossegado  
 Vêto, & do porto amado nos partimos  
 E como he ja no mar costume usado  
 A vella desfraldando o ceo ferimos,  
 Dizendo Boa viagem, logo o vento  
 Nos troncos fez o usado mouimento.

Ent<sup>raua</sup> neste tempo o eterno lume,  
 No animal Nemeyo truculento,  
 E o mundo que com tēpo se consume  
 Na seista idade ádaua enfermo & léto:  
 Nella ve, como tinha por costume  
 Cursos do Sol quatorze vezes cento,  
 Com mais nouêta, & sete, em q̄ corria  
 Quando no mar a armada se estédia.

Ia a vista pouco, & pouco se desterra,  
 Daquelles patrios montes que ficauãõ,  
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra,  
 De Sintra, & nella os olhos se alógauãõ:  
 Ficauanos tambem na amada terra,  
 O coração, que as magoas là deyxauãõ,  
 E ja despois que toda se escondeo  
 Não vimos mais em fim que mar, & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares  
 Quageração algúa não abrio,  
 As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,  
 Que o generoso Enrique descobrio.  
 De Mauritania os montes, & lugares,  
 Terra que Anteo num tempo possuyõ,  
 Deixando aa mão esquerda, q̃ aa direita  
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira  
 Que do muyto aruoredo assi se chama,  
 Das que nos pouoamos, a primeira,  
 Mais celebre por nome, que por fama;  
 Mas nem por ser do mundo a derradeira  
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,  
 Antes sendo esta sua se esqueccera  
 De Cypro, Guidõ, Pafos, & Cythêra.  
 Deixamos



Deixamos de Mafsilia a esteril costa  
 Onde seu os Azenegues pastão,  
 Gente que as frescas agoas nunca gosta.  
 Nem as cruas do campo bé lhe abastão:  
 A terra a nenhum fruto em fim desposta,  
 Onde as aues no ventre o ferro gastão,  
 Padecendo de tudo extrema inopia  
 Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite a onde chega  
 O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
 Onde jazem os pouos, a quem nega  
 O filho de Climene a cor do dia:  
 Aqui gentes estranhas lava, & rega  
 Do negro Sanagà a corrente fria,  
 Onde o Cabo Arsinario o nome perde  
 Chamandose dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo já as Canareas ilhas  
 Que tiuerão por nome Fortunadas,  
 Entramos nauegando pollas filhas (das  
 Do velho Hesperio, Hesperidas chama-  
 Terras por onde nouas marauilhas  
 Andarão vendo jaa nossas armadas,  
 Ali tomamos porto com bom vento  
 Por tomarmos da terra mantimento.  
 Aquella

A aquella ilha aportamos, que tomou  
O nome do guerreiro Sanctiago,  
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
Daqui tanto que Boreas nos ventou  
Tornamos a cortar o immenso lago,  
Do salgado Oceano, & assi deixamos  
A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
De Africa, que ficaua ao Oriente,  
A prouincia Ialoso, que reparte  
Por diuersas nações a negra gente:  
A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
Logramos o metal rico & luzente,  
Que do curuo Gambea as agoas bebe  
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorçadas passamos, pouoadas  
Das Irmaãs, que outro tépo ali viuião,  
Que de vista total sendo priuadas  
Todas tres dhum so olho se feruião:  
Tu so, tu cujas tranças encrespadas  
Neptuno la nas agoas acendião,  
Tornada ja de todas a mais fea  
De biuoras encheste a ardente areia.



Sempre em fim pera o Anstro a aguda proa  
 No grandissimo golfaõ nos metemos,  
 Deixando a ferra asperrima Lyoa  
 CoCabo a qué das Palmas nome damos  
 O grande rio, onde batendofoa  
 O mar nas prayas notas, que ali temos,  
 Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
 O nome dhum q̃ o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno està de Congo  
 Por nos ja conuertido à fee de Christo,  
 Por onde o Zaire passa claro, & longo  
 Rio pellos antigos nunca visto,  
 Por este largo mar em fim me alongo  
 Do conhecido pollo de Calisto,  
 Tendo o termino ordente ja passado  
 Onde o meyo do mundo he limitado

Ia descoberto tinhamos diante  
 La no nouo Hemisperio noua estrella,  
 Não vista de outra gente, que ignorante  
 Algũs tempos esteue incerta della:  
 Viuos a parte menos rutilante  
 E por falta destrellas menos bella,  
 Do Polo fixo, onde inda senão sabe  
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

Afsi

Assi passando aquellas regiões  
 Por onde duas vezes passa Apolo,  
 Dous inuernos fazendo, & dous verões  
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
 Por calmas, por tormentas, & oppressões  
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
 Vimos as Viras a pesar de Iuno  
 Banharemse nas agoas de Neptuno;

Contarte longamente as perigosas  
 Cousas do mar, q̄ os homés não entêdê,  
 Subitas trouoadas temerosas,  
 Relampados que o ar em fogo acêdem:  
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
 Bramidos de trouões q̄ o múdo fendem,  
 Não menos he trabalho, que grãde erro  
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros  
 Que té por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sépre, & verdadeiros  
 Julgando as cousas so polla apparencia:  
 E que os que tem juizos mais inteiros,  
 Que so por puro engenho, & por ciêcia,  
 Vem do mundo, os segredos lescódidos  
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.



Vi claramente visto o lume viuo  
 Que a maritima gente tem por santo,  
 Em tẽpo de tormenta & vento esquiuo  
 De tempestade escura & triste pranto:  
 Não menos foy a todos excessiuo  
 Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
 Ver as nuuês do mar com largo cano  
 Sorueras altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente ( & não presumo  
 Que a vista me enganaua) leuantarse,  
 No ar hvm vaporzinho & sutil fumo  
 E do vento trazido, rodearse  
 De aqui leuado hum cano ao Polo sumo  
 Se via, tão delgado que enxergarse  
 Dos olhos facilmente não podia,  
 Da materia das nuuês parecia.

Hia se pouco & pouco acrescentando  
 E mais q̃ hũ largo masto se engrossaua,  
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
 Os golpes grãdes de agoa em si chupaua:  
 Estauase co as ondas ondeando,  
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,  
 Fazendose mayor mais carregada  
 Co cargo grande dago em si tomada.

Qual

Qual roxa Sanguefuga se veria  
 Nos beiços da alimaria (que imprudête,  
 Bebendo a recolheo na fonte fria)  
 Fartar co sangue alheyo sede ardente:  
 Chupado mais & mais se êgrossa, & cria,  
 Ali se enche, & alarga grandemente,  
 Tal a grande coluna, enchendo aumêta  
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou  
 O pé que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chouendo em fim voou  
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,  
 Vejáo agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão  
 Tantas terras, por ser segredos dellas,  
 As marauilhas que eu passei, passarão  
 A tão diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixarão  
 Qua influiação de sinos, & de estrellas  
 Que estranhezas, que grâdes qualidades  
 E tudo sem mentir, puras verdades.



Mas ja o Planeta que no ceo primeiro,  
 Habita, cinco vezes apressada,  
 Agora meyo rosto, agora inteiro (da:  
 Mostrara, é quâto o mar cortaua a arma  
 Quâdo da Etereã gauea hũ marinheiro  
 Prompto coa vista, terra, terra, brada,  
 Salta no bordo aluoroçada a gente  
 Cos olhos no Orizonte de Oriente.

A maneira de nuuês se começaõ  
 A descubrir os mōtes que enxergamos,  
 As ancoras pesadas se adereção,  
 As vellas ja chegados amainamos:  
 E pera que mais certas se conheção  
 As partes tão remotas onde estamos,  
 Pello nouo instrumento do Astrolabio,  
 Inuencão de sutil juyz o, & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa  
 Parte, por onde a gente se espalhou  
 De ver cousas estranhas deseiosa  
 Da terra que outro pouo não pisou:  
 Porem eu cos pilotos na arenosa,  
 Praya, por vermos em que parte estou,  
 Me detenho; em tomar do Sol a altura  
 E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo já passado  
 Do Semicopro peçè a grande meta,  
 Estando entre elle, & o circulo gelado,  
 Austral, parte do mundo mais secreta;  
 Eis de meus companheiros rodeado  
 Vejo hum estranho vir de pellè preta,  
 Que tomarão per força, é quãto apanha  
 De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista; como aquelle  
 Que não se vira nunca em tal estremo,  
 Nem elle entende a nos, nê nos a elle,  
 Seluagem mais q̃ o bruto Polifemo:  
 Começolhe a mostrar da rica pelle,  
 De Colcos o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria:  
 A nada d'isto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos  
 Contas de Chrystalino transparente,  
 Alguns soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vi logo por sinais, & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mando o soltar cõ tudo, & assi caminha  
 Pera a pouoação, que perto tinha.



Mas logo ao outro dia seus parceiros  
 Todos nũs, & da cor da escura tteua,  
 Decendo pellos asperos outeiros  
 As peças vem buscar que estoutro vela:  
 Domesticos ja tanto, & companheiros  
 Se nos mostrão, que fazem que se atreua  
 Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
 E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado  
 E de arrogante cre que vay seguro,  
 Mas, sendo hũ grande espaço ja passado  
 Em que algum bõ final saber procuro:  
 Estando, a vista alçada, co cuidado  
 No aventureyro, eis pello monte duro,  
 Aparece, & segundo ao mar caminha:  
 Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa  
 Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
 Hum Etiope ousado se arremessa  
 A elle, porque não se lhe escapasse:  
 Outro, & outro lhe saẽ: vesse em pressa  
 Velloso, sem que alguẽ lhe ali ajudasse,  
 Acudo eu logo, & ãe quãto o remo a perto  
 Se mostra hum bãdo negro descubeto.

Da

Da espessa nuvem sétas, & pedradas  
 Chouem sobre nos outros sem medida  
 E não forão ao vento em vão deitadas  
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A resposta lhe demos tão tecida,  
 Que em mais q̄ nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento  
 Logo nos recolhemos pera a armada,  
 Vendo a malicia fea, & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta, & maluada:  
 De qué nenhum melhor conhecimento  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muyto longe della  
 E assi torneya dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro  
 (Começando se todos a forri)  
 Oula Velloso amigo, aquelle ourceiro  
 He melhor de decer que de subir:  
 Si he, responde o oufado auentureiro  
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
 Daquelles cães, de preffa hū ponco vim  
 Por me lébrar que estaueis ca sem mim.

Contou



Contou então que tanto que passarão  
 Aquelle monte, os negros de quê fallo,  
 Auante mais passar o não deixarão,  
 Querendo, senão torna, ali matallo:  
 E tornandose, logo se emboscarão,  
 Porque saindo nos pera tomallo,  
 Nos podessẽ mandar ao reino escuro,  
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados,  
 Que dali nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca doutrem nauegados,  
 Prosperamente os ventos asoprando:  
 Quando hũa noite estando de leuidados  
 Na cortadora proa vigiando,  
 Hũa nuvem que os ares escurece  
 Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosã vinha, & carregada,  
 Que pos nos corações hũ grãde medo,  
 Bramindo o negro mar, de longe brada,  
 Como se desse em vão nalgũ rochedo:  
 O potestade, disse, sublimada  
 Que ameaço diuino, ou que segredo,  
 Este clima, & este mar nos apresenta,  
 Que môr cousa parece que tormenta?

Não

Não acabava, quando hũa figura  
 Se nos mostra no ar, robusta, & valida,  
 De disforme, & grandissima estatura,  
 Orosto carregado, a barba esqualida:  
 Os olhos écouados, & a postura, (lida,  
 Medonha, & maa, & a cor terrena, & pa-  
 Cheos de terra, & crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bẽ posso  
 Certificarte, que este era o segundo  
 De Rodes estranissimo Colosso;  
 Que hũ dos sete milagres foy do mũdo:  
 Cũtõ de voz na falla horrêdo, & grosso  
 Que pareceo sair do mar profundo;  
 Arrepiãose as carnes, & o cabelo  
 A mi, & a todos, só de ouullo, & vello,

E disse: O gente ousada que quantas  
 No mundo cometerão grandes cousas,  
 Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
 E por trabalhos vãos nunca tepoulas:  
 Pois os vedados terminos quebrantas  
 E nauegar meus longos mares ousas,  
 Que eu tão tẽpo ha ja qguardo, è tenho  
 Nũca arados de stranho, ou pprio lenho  
 Pois



Pois vens ver os legredos escondidos  
 Da natureza, & do humido elemento  
 A nenhum grande humano concedidos  
 De nobre, ou de immortal merecimêto:  
 Ouue os danos de mi, que a perecbidos  
 Estão, a teu sobejo atreuimento,  
 Por todo o largo mar, & polla terra  
 Que inda has de sojugar cõ dura guerra,

Sabe que quantas naos esta viagem  
 Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
 Inimiga terão esta paragem  
 Com ventos, & tormentas desmedidas:  
 E da primeira armada que passagem  
 Fizer por estas ondas insuffridas,  
 Eu faray dimprouiso tal castigo  
 Que seja mór o dano que o perigo.

Aqui espero tomar senão me engano  
 De quem me descobrio suma vingança,  
 E não se acabará so nisto o dano  
 De vossa pertinace confiança:  
 Antes em vossas náos vereys cada anno  
 Se he verdade o que meu juyzo alcãça,  
 Naufragios, perdições de toda sorte,  
 Que o menor mal de todos seja a morte  
 E do

E do primeiro Illustre, que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serey eterna & noua sepultura  
 Por juizos incognitos Deos:  
 Aqui porà da Turca armada dura.  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virà de honrada fama  
 Liberal, caualeiro, enamorado,  
 E consigo trará a fermosa dama  
 Que Amor por grão merce lhe terá dado  
 Triste ventura, & negro fado os chama  
 Neste terreno meu, que duro & yrado,  
 Os deixará dhum crù naufragio viuos  
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
 Em tanto amor gérados, & nacidos,  
 Verão os Cafres asperos & auaros  
 Tirar à linda dama seus vestidos  
 Os cristalinos membros & perclaros  
 A calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
 Depois de ter pisada longamente  
 Cos delicados pès a area ardente.

E verão



E verão mais os olhos que escaparem  
 De tanto mal, de tanta desventura,  
 Os dous amantes miseros ficarem  
 Na feruida, & implacabil espessura:  
 Ali despois que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dór, de magoa pura,  
 Abraçados as almas soltaram  
 Da fermosa, & miserrima prisão.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
 Dizendo nossos fados, quando alçado  
 Lhe disse eu. Quem es tu? q̃esse estupêdo  
 Corpo, certo me tem marauilhado.  
 A boca, & os olhos negros retorcendo,  
 E dando hum espantoso, & grãde brado  
 Me respondeo, cõ voz pesada, & amara,  
 Com quem da pergunta lhe pesara

Eu sou aquelle occulto, & grande Cabo,  
 A qué chamais vos outros Tormétorio,  
 Que nunca a Ptolomeu, Póponi, Estrabo  
 Plinio, & quantos passarão fuy notorio:  
 Aqui toda a Africana costa acabo  
 Neste meu nunca visto Promontorio,  
 Que pera o Polo Antartico se estende,  
 Aquem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra  
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
Chameime Adamastor, & fuy na guerra,  
Contra o que vibra os rayos de Vulcano  
Não que possesse ferra sobre ferra,  
Mas conquistando as ondas do Oceano  
Fuy capitão do mar, por onde andava,  
A armada de Neptuno, que eu buscava;

Amores da alta esposa de Peleo  
Me fizerão tomar tamanha empresa,  
Todas as Deosas desprezey do ceo  
So por amar das agoas a Princesa;  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo,  
Sayr nua na praya, & logo presa,  
A vontade senti, de tal maneira  
Que inda não sinto cousa q' mais queira;

Como fosse impossuill alcançalla  
Polla grandeza fea de meu gesto,  
Determiney por armas de tomalla  
E a Doris esse caso manifesto:  
De medo a Deosa então por mi lhe falla:  
Mas ella cum fermoso riso honesto,  
Respondeo: Qual sera o amor bastante,  
De Nimpha que sustete o dhum Gigãte.  
Com



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com tudo por liurarinos o Océano  
De tanta guerra, eu buscarey maneira,  
Com q̃ com minha honra escuse odano.  
Tal resposta me torna a mensageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encheráome com grandes abundanças  
O peito de desejos & esperanças.

Ia nescio ja da guerra desistindo  
Húa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis vnica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Deste corpo, & começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços qué amaua,  
Abraçado me achey cum duro monte  
De aspero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte  
Queu pollo rosto angelico apertaua,  
Não fiquei homé não, mas mudo & q̃do  
E junto dhum penedo outro penedo.  
O nimpha

O nympho v mais fermosa do Oceano,  
 Ia que minha presença não te agrada,  
 Que te custaua ter me neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada,  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa, & da deshonra ali passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Quê de meu pranto, e de meu mal se risse

Eraõ ja neste tempo meus Irmãos  
 Vencidos & em miseria extrema postos;  
 E por mais segurar se os Deoses vãos  
 Algũs a varios montes sottopostos:  
 E como contra o Ceo não valem mãos,  
 Eu que chorando andaua meus desgostos  
 Comecey a sentir do fado inigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuerte seme a carne em terra dura,  
 Empenedos os ossos se fizerão,  
 Estes membros que ves & esta figura  
 Por estas longas agoas se estenderão:  
 Emfim minha grandissima estatura  
 Neste remoto cabo conuerterão  
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas  
 Me anda Thetis cercando destas agoas.



Assi contava & cum medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 Desfese a nuvem negra, & cum sonoro  
 Bramido, muito longe o mar scou;  
 Eu, leuando as mãos ao santo coro  
 Dos Anjos, que taõ longe nos guiou,  
 A Deos pedi que remouesse os duros  
 Casos que Adamaſtor contou futuros.

Ia Pblegon, & Pyrois vinhaõ tirando  
 Cõs outros dous o carro radiante,  
 Quando a terra alta se nos foy mostrando  
 Em que foy conuertido o grãõ gigante:  
 Ao longo deſta costa, começando  
 Ia de cortar as ondas do leuante,  
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que eſta terra poſſuya  
 Poſto que todos Etiope s eraõ,  
 Mais humana no trato parecia  
 Que os outros, que taõ mal nos receberãõ:  
 Com bailos & com feſtas de alegria  
 Pella praia arenosa a nõs vierãõ,  
 As mulheres conſigo & o manſo gado  
 Que apacentavaõ, gordo & bem criado.

As molheres queimadas vem encima  
 Dos vagarosos bois, ali sentadas  
 Animais que elles tem em mais estima  
 Que todo o outro gado das manadas:  
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 Co doce som das rusticas auenas  
 Imitando de Titiro as Camenas,

Estes como na vista prazenteiros  
 Fossem, humanamente nos trataraõ,  
 Trazendonos galinhas & carneiros  
 A troco doutras peças que leuaraõ:  
 Mas como nũca em fim meus cõpanheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançaram  
 Que desse algum final do que buscamos,  
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeo  
 Aa costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente meyo  
 Do Ceo, & o polo Antartico ficaua,  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo  
 Outra armada primeira, que buscava  
 O tormentorio Cabo, & descoberto  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.



OS LVSIAD. DE L. DE CAM.

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes & bonanças,  
No largo mar fazendo nouas vias  
So conduzidos de arduas esperanças:  
Co mar hum tempo andamos emporfias  
Que como tudo nelle sam mudanças,  
Corrente nelle achamos tam possante,  
Que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia,  
Segundo para tras nos obrigaua,  
Do mar, que contra nós ali corria,  
Que por nós a do vento que assopraua;  
Injuriado Noto da porfia,  
Em que co mar (parece) tanto estaua,  
Os assopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a gram corrente!

Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis das partes do Oriente  
Foram buscar hum Rey de pouco nado,  
No qual Rey outros tres ha juntamente:  
Neste dia outro porto foy tomado  
Por nós, da mesma ja contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos metemos.

Desta

Desta gente refresco algum tomamos,  
 E do rio fresca agoa, mas com tudo  
 Nenhum final aqui de India achamos  
 No pouo com-nos outros quasi mudo:  
 Ora vè Rey quamanha terra andamos  
 Sem sair nunca deste pouo rudo,  
 Sem vermos nunca noua nem final  
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
 Andariamos todos, quam perdidos,  
 De fomes, de tormentas quebrantados  
 Por climas & por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido tam cansados,  
 Quanto a desesperar ja compellidos,  
 Por ceos não naturaes, de calidade  
 Inimiga de uossa humanidade.

Corrupto ja, & dannado o mantimento,  
 Danoso & mau ao fraco corpo humano,  
 E alem disso nenhum contentamento,  
 Que sequer da esperança fosse engano:  
 Cres tu que se este nosso ajuntamento  
 De soldados, não fora Lusitano,  
 Que durara elle tanto obediente  
 Porventura a seu Rey, & a seu regêtez



Cres tu que ja não forão levantados  
 Contra seu capitão se os resistira  
 Fazendo-se Piratas, obrigados  
 De desesperação, de fome, de ira?  
 Grandemente, por certo estão prouados  
 Pois que nenhum trabalho grande os tirã  
 Daquella Portugueza alta excellencia  
 De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio  
 E tornando a cordar a agoa salgada,  
 Fizemos desta costa algum desuio.  
 Deitando pera o pego toda armada,  
 Porque ventando Noto manso & frio  
 Nã nos apanhasse a agoa da enseada,  
 Que a costa faz ali daquella banda  
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme  
 Encomendado ao sacro Nicolao,  
 Pera onde o mar na costa brada & geme  
 A prca inclina de hũa & doutra nao.  
 Quando indo o coração que espera & teme  
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,  
 Do que esperaua ja desesperado  
 Fcy d'hũa nonidade aluoroçado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto  
 Onde as prayas & valles bem se vião  
 Num rio, que ali sae ao mar aberto  
 Bateis aa vela entrauão & fayaõ:  
 Alegria muy grande foy por certo  
 Acharmos ja pessoas que sabiaõ  
 Nauegar, porque entrellas esperamos  
 De achar nouas algũa, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece  
 Que com gente milhor comunicauõ,  
 Palaura algũa Arabia se conhece  
 Entre a lingoagem sua que falauão:  
 E com pano delgado que se tece  
 De algodão, as cabeças apertauão,  
 Com outro que de tinta azul se tinge  
 Cada hum as vergonhosas parte cinge!

Pella Arabica lingua que mal falaõ,  
 E que Fernão martinz muy bem entende  
 Dizê, q̄ por naos, q̄ em grandeza igualaõ  
 As noſſas, o seu mar se corta e fende.  
 Mas que la donde sae o Sol se abalaõ,  
 Para õde a costa ao Sul, se alarga e estẽde  
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
 Gente assi como nõs da cor do dia.



OS LUSIAD. DE L. DE CAM.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Com a gente, & cõ as nouas muito mais,  
Pellos sinais que neste rio achamos,  
O nome lbe ficou dos bõs sinais;  
Hum padraõ nesta terra aleuamos  
Que para sinalar lugares tais  
Trazia algũs, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas, & de ostrinhos,  
Nojosa criaçam das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminhos  
Longos do mar, vem sordidas & inũdas  
Dos hospedes que tinhamos vezinhos  
Com mostras apraziueis & jocundas,  
Ouuemos sempre o vsado mantimento  
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande e immẽsa  
Que nesta terra ouuemos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa  
A Ramnusia com noua desventura,  
Assi no ceo sereno se dispensa,  
Com esta condiçam pesada & dura  
Nascemos, o pezar tera firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy, que de deença crua & feya,  
 A mais que eu nunca vi, de separaram  
 Muitos a vida, e ã terra estranha e alheya  
 Os ossos para sempre sepultaram:  
 Quem auera que sem o ver o crea,  
 Que tam disformemente alli lhe incharã  
 As gengiuas na boca, que crecia  
 A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
 Cheiro, que o ar vezinho inficionaua,  
 Não tinhamos ali medico astuto,  
 Sururgiaõ sutil menos se achaua:  
 Mas qualquer neste officio pouco influto  
 Pella carne ja podre assi cortaua,  
 Como se fora morta, & bem conuinha,  
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

Emfim que nesta incognita espeffura  
 Deixamos para sempre os companheiros,  
 Que em tal caminho e em tanta desuẽtura  
 Foram sempre com nosco aventureiros  
 Quam facil he ao corpo a sepultura,  
 Quae sãr ondas do mar, quae sãr outeiros  
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
 Receberam de todo o illustre os ossos.

Assi



OS LUSIAD. DE L. DE CAM:

Afsi que deſte porto nos partimos  
Com mayor eſperança & mór triſteza,  
E pella coſta abaixo o mar abrimos  
Buscando algum ſinal de mais firmeza:  
Na dura Moçambique emfim ſurgimos,  
De cuja falſidade & mã vileza  
Ia ſeras ſabedor, & dos enganos  
Dos pouos de Mombaça pouco humanos;

Atè que aqui no teu ſeguro porto;  
Cuja brandura & doce tratamento,  
Dara ſaude a hũ viuo, e vida a hũ morto;  
Nos trouxe a piedade do alto aſſento;  
Aqui repouſo, aqui doce conforto,  
Nova qui taçam do penſimento  
Nos deſte, & vès aqui ſe atento ouuiſte  
Te contei tudo quanto me pediſte.

Iulgas agora Rey ſe ouuz no mundo  
Gentes, que tais caminhos cometeſſem?  
Crès tu que tanto Eneas, & o ſacundo  
Uliffes, pello mundo ſe eſtendeſſem?  
Ou ſou algum a ver do mar profundo  
Por mais verſos que delle ſe eſcreueſſem  
Do que eu vi, a poder deſforço & arte,  
E do que inda ei de ver, a oitava parte?  
Eſſe.

Esse que bebro tanto da agoa Aonia,  
 Sobre quem tem contenda peregrina  
 Eutre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
 Atenas, Yes, Argo, & Salamina:  
 E esoutro que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altisona & diuina  
 Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuē, & escreuaõ sempre estremos  
 DesSES seus Semideoses, & encareçam  
 Fingindo, Magas, Circes, Polifemos;  
 Syrenas que co canto os adormeçam:  
 Demlbe mais nauegar à vella & remos;  
 Os cicones, & a terra onde se esqueçam  
 Os companheiros em gostando o Loto,  
 Demlbe per ler nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lbe finjam, & imaginem  
 Dos odres, & Calippos namoradas;  
 Harpias, que o manjar lbe contaminem;  
 Decer às sombras nuas ja passadas:  
 Que por muyto & por muyto que se afinē  
 Nestas fabulas vãs tam bem sonhadas,  
 A verdade que eu conto nua & pura  
 Vence toda a grandiloca escriptura,



OS LVSIAD. DE L. DE CAM:

Da boca do facundo capitão

Pendendo estauam todos embebidos,  
Quando deu fim à longa narraçam  
Dos altos feitos, grandes & subidos;  
Louua o Rey o sublime coração  
Dos Reys em tantas guerras conhecidos;  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade de animo & nobreza.

Vay recontando o pouo, que se admira

O caso cada qual que mais notou,  
Nenhum delles da gente os olhos tira  
Que tam longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Thecios braços,  
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor, & a justa gloria

Dos proprios feitos, quando sam soados,  
Qualquer nobre trabalha, q̃ em memoria  
Vença, cu iguale os grandes ja passados:  
As inuejas da illustre & alhea hystoria  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
Quem valerosas obras exercita  
Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
 De Achiles, Alexandro na pelleja,  
 Quanto de quem o canta, os numerosos  
 Versos, isso sô louua, isso deseja:  
 Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertam sô de enueja;  
 E diz, que nada tanto o deleitana,  
 Como a vez que seus feitos celebraua?

Trabalha por mostrar Vasco da Gamma  
 Que essas nauegações que o mundo canta  
 Não merecem tamanha gloria & fama:  
 Como a sua, que o ceo & a terra espanta;  
 Si mas aquelle Heroe que estima e ama  
 Com dões, merces, fauores, & honra tãta  
 A lyra Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana gloria voe.

Dâ a terra Lusitana Scipiões,  
 Cesares, Alexandros, & dâ Augustos,  
 Mas não lhe dà com tudo aquelles dões,  
 Cuja falta os faz duros & robustos.  
 Octauio, entre as mayores opressões  
 Compunha versos doutos & venustos,  
 Não dira Fulua certo que he mentira  
 Quando a deixaua Antonio por Glasira.  
 Vay



**OSEVSIAD. DE L. DE CAM.**

Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas não the empedem a sciencia;  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança  
Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia;  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
Que não fosse tambem doutto & sciente,  
Da Lacia, Grega, ou Barbará nação  
Senão da Portuguesa tão somente:  
Sem vergonha o não digo, que a razão  
Dalgum não ser por versos ex. elente,  
He não se ver prezado o verso & rima,  
Porq̃ quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura  
Nam ha tambem Virgilio nem Homeros  
Nem querâ se este côstume dura  
Pios Eneas, nem Achilles feros:  
Mas o pior de tudo he que a venturá  
Tão asperos os fez, & tam Austeros,  
Tão rudos, & de ingenbo tão remisso  
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso!

Aas

Aas Musas agradeça o noſſo Gama

O muito amor da patria, que as obriga

A dar aos ſeus na lira nome & fama

De toda a illuſtre & bellica fadiga,

Que elle, nê quê na eſtirpe ſeu ſe chama,

Caliope não tem por tam amiga,

Nem as filhas do Tejo, que deixaffem

As tellas douro fino, & que o cantaffem.

Porque o amor fraterno & puro goſto

De dar a todo o Luſitano feito

Seu lounor, he ſomente o proſuposto

Das Tagides gentis, & ſeu respeito,

Porem não deixe emfim de ter deſpoſto

Ninguem a grandes obras ſempre o peito,

Que por eſta, ou por outra qualquer via

Não perderâ ſeu preço & ſua valia.

F I M.



## Canto Seifto.

**N**A M fãbia em que modo fez  
 tejaſſe  
 O Rey pagam aos fortes nauegan-  
 tes,  
 Pera que as amizades alcançaſſe  
 Do Rei Chriſtão, das gêtes tão poſſantes  
 Peſalhe que tão longe o apoſentaſſe  
 Dis Europeas terras abundantes,  
 A ventura, que namno fez vizinho  
 Donde Hercules ao mar abriu caminho?

Com jogos, danças, & outras alegrias  
 Segundo a policia Melindana,  
 Com uſadas & ledas peſcarias  
 Com q̃ a Lageia Antonio alegre e engana  
 Eſte famoso Rey todos os dias  
 Feſteja a companhia Luſitana,  
 Com banquetes, manjares de uſados,  
 Com frutas, aues, carnes, & peſcados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha  
 Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
 O conuida que parta & tome asinha,  
 Os Pilotos da terra & mantimento,  
 Não se quer mais deter, que ainda tinha  
 Muito pera cortar do falso argento,  
 Ia do Pagão benigno se despede  
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto sejã  
 Sempre com suas Frotas visitado,  
 Que nenhum outro bem mayor desejá  
 Que dar a tais varões seu reino & estado  
 E que em quanto seu corpo o espirito reja  
 Estará de continuo aparelhado,  
 A pòr a vida & reino totalmenté  
 Por tão bom Rey, por tão sublime gēte

Outras palauras tais lhe respondia  
 O Capitão, & logo às vellas dando,  
 Pera as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando  
 No Piloto que leua não auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A nauegação certa, & assi caminha  
 Ia mais seguro do que dantes vinha.



OS LVSIAD. DE L. DE CAM!

As ondas nauégauão do Oriente  
La nos mares da India, & enxergauão  
Os talamos do Sol, que nace ardente  
La quasi seus desejos se acabauão:  
Mas o mau de Tioneo, que na alma sente  
As venturas, que então se aparelhauão  
A gente Lusitana dellas dina,  
Arde, morre, blasfema & desatina.

Via estar todo o Céu detérminado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Nãono pode estoruar, que destinado  
Està doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca & toma,  
Entra no humedo reino, & vai se à corte  
Daquelle, a quem o mar cayo em forte.

No mais intèrno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibundas,  
Quando às iras do vento o mar responde  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde  
As agoas campo deixão às cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Desco-

Descobré o fundo nunca descoberto  
As areas ali de prata fina,  
Torres altas se vem no campo aberto  
Da trasparente massa cristalina,  
Quanto se chegão mais os olhos perto  
Tanto menos a vista determina  
Se he cristal o que ve, se diamante,  
Que assi se mostra claro & radiante,

As portas douro fino, & marchetadas  
Do rico aljofar que nas conchas nace,  
De esculptura fermosa estão lauradas,  
Na qual do irado Baco a vista paze:  
E ve primeiro em cores variadas  
Do velho Chaos a tão confusa face,  
Vemse os quatro elementos trasladados  
Em diuersos officios occupados.

A li sublime o Fogo estaua encima,  
Que em nenhũa materia se sustinha,  
Daqui as cousas viuas sempre anima  
Despois que Prometeo furtado o tinha:  
Logo apos elle leue se sublima  
O inuisiuel ar, que mais asinha  
Tomou lugar, e né por quente ou frio  
Algum deixa no mundo estar vazio.



OS LVSIAD. DE L. DE CAM!

Estaua a terra em montes reueftida  
De verdes cruas, & aruores floridas,  
Dando pasto diuerso, & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma ali estaua esculpida  
Das agoas entre a terra desprazidas,  
De pescados criando varios modos,  
Cõ seu humor mantêdo os corpos todos

Noutra parte esculpida estaua a guerra  
Que teueram os deoses cos gigantes,  
Està Tifeo debaixo da alta serra  
De Ftina, que as flamas lança crepitâtes:  
Esculpido se ve ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes  
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica oliueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auifado  
Da vinda sua, o estaua ja aguardando:  
Aas portas o recebe acompanhado  
Das nimphas, que se estam marauilhãdo  
De ver que cometendo tal caminho  
Entre no reino dagoa, o rey do vinho.

O Nep-

O Neuptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baco nos teus reinos receberes  
 Porque tambem cos grandes & possantes  
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes;  
 Manda chamar os deoses do mar, antes  
 Que fale mais, se ouir me omis quiseses  
 Veraõ da desfuentura grandes modos,  
 Oucaõ todos o mal que toca a todos.

Inlgãdo ja Neupuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritaõ, que chame os Deoses da agoa fria  
 Que o mar habitão dhãa & doutra bãda,  
 Tritaõ, que de ser filho se gloria  
 Do Rey, & de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro & feyo  
 Trombeta de seu pay, & seu correyo

Os cabellos da barba, & os que decem  
 Da cabeça nos ombros, todos erã  
 Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecẽ  
 Que nunca brandopentem conbeceram  
 Nas pantas pendurados não falecem  
 Os negros Misfilhoes, que alli se geraõ,  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Hũa muy grande casca de Lago, sta.



OS LVSIAD. DE L. DE CAM:

O corpo nũ, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento;  
Mas por em de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camarões, & cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebo crescimento,  
Ostras, & Camarões do musgo cujos;  
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocada;  
A voz grande canora foy ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos Deoses, pera os paços caminhava  
Do Deos, que fez os muros de Dardania;  
Destroidos despois da Grega infania.

Vinha o padre Oceano acompanhâdo  
Dos filhos & das filhas que gerara;  
Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nymphas povoara:  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem, mas ja sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa  
 De Neuptuno, de Celo & Vesta filha,  
 Graue, & leda no gesto, & tão fermosa  
 Que se amansaua o mar de marauilha  
 Vestida bñã camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha,  
 Que o corpo cristalino dexa verse,  
 Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que falecesse;  
 O Delfin traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo sam senhores  
 Qualquer parecera que o Sol venceesse;  
 Ambas vem pella mão, ygoal partido  
 Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
 Fugindo, veyo a ter diuino estado;  
 Consigo traz o filho bello infante,  
 No numero dos deoses relatado,  
 Pella praya brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhas que o salgado  
 Mar sempre cria, & as vezes pella area  
 No colo o toma a bella Panopea:



OS LVSIAD. DE L. DE CAM.

E o Deos que foi num tempo corpo humano,  
 E por virtude da erua poderosa  
 Se conuerteo em peixe, & deste danno  
 Lhe resultou deidade gloriosa,  
 Inda vinha chorando o feo engano,  
 Que Circes tinha usado com a fermosa  
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado,  
 Que a mais obriga amor mal empregado.

Ja finalmente todos assentados  
 Na grande falla nobre & diuinal,  
 As deosas em riquissimos estrados,  
 Os deoses em cadeiras de cristal,  
 Foram todos do padre agasalhados,  
 Que co Thebano tinha assento igual,  
 De fumos enche a casa a rica massa  
 Que no mar nace, e Arabia e cheiro passa.

Estando fofsegado ja o tumulto  
 Dos deoses, & de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto  
 A causa o Tyaneo de seu tormento;  
 Hum pouco carregandose no vulto,  
 Dando mostra de grande sentimento  
 Sô por dar aos de Luso triste morte  
 Co ferro alheyo, falla desta sorte:

Principe

Principe que de juro senboreas

De hum polo a outro polo, o mar irado;  
Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
Que não passem do termo limitado:  
E tu padre Oceano, que rodeas  
O mundo vniuersal, & o tens cercado:  
E com justo decreto assi permites,  
Que dentro viuam sô de seus limites.

E vòs deoses do mar, que não soffreis

Injuria algũa em vosso reino grande,  
Que com castigo igual não vos vingueis  
De quem quer que por elle corra e ande,  
Que descuido foi este em que viueis?  
Quem pode ser que tanto vos abrande  
Os peitos com razam endurecidos  
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia

Foram ja cometer o ceo supremo,  
Vistes aquella insana fantasia  
De tentarem o mar com vella e remo;  
Vistes, & ainda vemos cada dia  
Soberbas & insolencias tais, que temo  
Que do mar & do ceo em poucos annos,  
Venham deoses a ser, & nòs humanos.

Vedes



OS LUSIAD. DE L. DE CAM.

Vedes agora a fraca geração,  
 Que de hum vassallo meu o nome toma,  
 Com soberbo & altiuo coração,  
 A vós, a mi, & ao mundo todo doma,  
 Vedes o vosso mar cortando vaõ,  
 Mais do que fez a gente alta de Roma,  
 Vedes o vosso reino deuassando,  
 Os vossos estatutos vam quebrando.

Envi que contra os Mynias, que primeiro  
 No vosso reino este caminho abrirão,  
 Boreas injuriado, & o companheiro,  
 Aquilo, & os outros todos resistirão:  
 Pois se do ajuntamento aventureiro  
 Os ventos esta injuria assi sentirão,  
 Vós a quem mais compete esta vingança,  
 Que esperais, por que a pôdes em tardança,

Enão consinto deofes que cuideis  
 Que por amor de vós do ceo deci,  
 Nem da magoa da injuria que sofreis,  
 Mas da que se me faz tambem a mi:  
 Que aquellas grandes honras que sabeis  
 Que no mundo ganhei, quando venci  
 As terra Indianas do Oriente,  
 Todas vejo abatidas desta gente,

Que

Que o gram Senhor & fados que destinaõ,  
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
 Famas mores que nunca, determinaõ  
 De dar a estes varões no mar profundo:  
 A qui vereis õ deoses, como insinaõ  
 O mal tambem a deoses; que a segundo  
 Se vê, ninguem ja tem menos valia,  
 Que quem com mais razam valer deuia.

E por isso do Olimpo ja fugi,  
 Buscando algum remedio a meus pesares  
 Por ver o preço que no ceo perdi,  
 Se por dita acharei nos vossos mares.  
 Mais quiz dizer, & naõ passou daqui,  
 Por que as lagrimas ja correndo a pares  
 Lhe saltaram dos olhos, com que logo  
 Se acendem as deidades de goa em fogo.

A ira com que subito alterado  
 O coraçam dos deoses foy num ponto,  
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
 Nem dilaçam, nem outro algum descoto:  
 Ao grande Eolo mandaõ ja recado  
 Da parte de Neptuno, que sem conto  
 Solte as furias dos ventos repugnantes,  
 Que naõ aja no mar mais nauegantes.

Bem



OS LUSIAD. DE L. DE CAM.

Bem quísera primeiro ali Protheo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo,  
Era algũa profunda profecia,  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Subito na diuina companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradoũ,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

La la o soberbo Hypotades soltaua  
Do carcere fechado, os furiosos  
Ventos, que com palauras animaua,  
Contra os varões audaces & animosos,  
Subito o ceo sereno se obumbrava,  
Que os ventos mais que nũca impetuosos  
Começam nouas forças a ir tomando,  
Torres, montes, & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso, a leda lassa frota  
Com vento fofsegado proseguia  
Pello tranquilo mar a longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eoo Hemisferio estã remota,  
Os do quarto da prima se deitauam,  
Pera o segundo os outros despertauam.  
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos,  
Bocejando a miudo, se encoftauão,  
Pellas entenas, todos mal cubertos  
Contra os agudos ares que affoprauão:  
Os olhos contra o feu querer abertos,  
Mas estregando os membros eftirauão,  
Remedios contra o sono buscar querem,  
Historias contão, casos mil referem,

Com que melhor podemos, hum dizia,  
Este tempo passar, que he tão pesado,  
Senão com algum conto de alegria,  
Com que nos deixe o sono carregado?  
Responde Lionardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado,  
Que contos poderemos ter melhores  
Pera passar o tempo, que de amores.

Não he, disse Veloso, coufa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar que tanto custa  
Não foffre amores, nem delicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A noffa historia seja, pois dureza  
Noffa vida ha de ser, segundo entendo,  
Que o trabalho por vir mo eítã dizendo.  
Confen



Consentem nisto todos, & encomendão  
 A Velofo, que conte isto que aprova,  
 Contarei, disse, sem que me reprendão  
 De contar cousa fabulosa ou noua:  
 E porque os q̄ me ouuirẽ daqui aprendão  
 A fazer feitos grandes de alta proua,  
 Dos nacidos direi na nossa terra,  
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do Reino a redea leue  
 Ioão filho de Pedro moderaua,  
 Despois que sossegado & liure o teue  
 Do vizinho poder que o molestaua:  
 La na grande Inglaterra, que de neue  
 Boreal, sempre abunda, semeaua  
 A fera Erinis, dura & mà cizania,  
 Que illustre fosse à nossa Lusitania,

Entre as damas gentis da corte Ingresa,  
 E os nobres cortesãos, a caso hum dia  
 Se leuantou discordia em ira acesa,  
 Ou foy opinião, ou foy porfia:  
 Os cortesãos, a quem tão pouco pesã  
 Soltar palauras graues de ousadia,  
 Dizem que prouarão que hōras e famas  
 Em tais damas não ha, para ser damas  
 E que

E quẽ se ouuer alguẽm cõ lança & espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso, ou estacada,  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
A femẽnil fraqueza pouco vsada,  
Ou nũca a oprobrios tais, vendose nua  
De forças naturaes conuenientes,  
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes  
No Reino os inimigos, não se atreuem,  
Nem parentes, nem feruidos amantes  
A sustentar as damas como deuem:  
Com lagrimas fermosas & bastantes  
A fazer que em socorro os deoses leuem  
De todo o ceo, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Erã este Ingles potente, & militara  
Cos Portugueses ja contra Castella,  
Onde as forças magnanimas prouara  
Dos companheiros, & a benigna estrella:  
Nãõ menos nesta terra esperimentara  
Namorados affectos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rey, que por molher a toma.

Este



Este que socorrer lhe não queria  
 Por não causar discórdias intestinas  
 Lhe diz, quando o direito pretendia  
 Do reino la das terras lberinas  
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, & partes tão diuinas,  
 Que elles sos poderião, senão erro  
 Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas fois seruidas  
 Por vos lhe mandarei embaixadores,  
 Que por cartas discretas & polidas,  
 De vosso agrauo os fação sabedores:  
 Tambem por vossa parte encarecidas  
 Com palauras da fagos & damores,  
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creyo  
 Que ali tereis socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,  
 E logo lhe nomea doze fortes  
 E porque cada dama hum tenha certo,  
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
 Que ellas so doze sam & descuberto  
 Qual a qual tem caido das confortes,  
 Cadhũa escreue ao seu por varios modos  
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Ia chëga a Portugal o meſageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade,  
 Quiſera o Rey ſublime ſer primeiro  
 Mas não lho ſofre a Regia Mageſtade:  
 Qualquer dos cortesaõs aventureiro  
 Deſeja ſer, com feruida vontade,  
 E ſo fica por bemaumentado,  
 Quem ja vem pello Duque nomeado,

La na leal cidade, donde teue  
 Origem (como he fama) o nome eterno  
 De Portugal, armar madeiro leue  
 Manda o que tem o leme do gouerno:  
 Apercebemſe os doze em tempo breue  
 D'armas, & roupas de uſo mais moderno  
 De elmos, cimeras, letras, & primores  
 Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do ſeu Rey tomado tem licença  
 Pera partir do Douro celebrado,  
 Aqueles, que eſcolhidos por ſentença  
 Forão do Duque Ingles eſperimentado:  
 Não ha na companhia differença  
 De caualeiro, deſtro, ou eſforçado:  
 Mas hum ſo, que Magriço ſe dizia,  
 Deſtarte fala à forte companhia,

O Fortiſſi-



Fortísimos confocios, eu desejo

Ha muyto ja de andar terras estranhas  
 Por ver mais agoas, q̃ as do Douro e tejo  
 Varias gentes & leis, & varias manhas:  
 Agora que aparelho certo vejo,  
 (Pois q̃ do mūdo as cousas são tamanhas  
 Quero, se me deixais, ir sò por terra,  
 Porque eu ferey cõ vosco em Inglaterra!

E quando caso for, que eu impedido

Por quem das cousas he vltima linha,  
 Não for com vosco ao prazo instituido,  
 Pouca falta vos faz a falta minha:  
 Todos por mi fareis o que he diuino,  
 Mas se a verdade o spirito me adeuinha,  
 Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,  
 Não faraõ que eu cõ vosco la não seja.

Assi diz, & abraçados os amigos,

E tomãdo licença, emfim se parte,  
 Passa Lião, Castella, vendo antigos  
 Lugares que ganhara o patrio Marte:  
 Navarra cos altísimos perigos  
 Do Perineo, que Espanha & Galia partẽ,  
 Vistas emfim de Frãça as cousas grãdes  
 No grãde imperio foi parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteuue muitos dias,  
 Mas dos onze a illustriſſima companhã  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Inglaterra à costa enſtranha  
 Para Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque ſam com feſta agafalhados,  
 E das damas ſeruidos, & amimados.

Chegaffe o prazo, & dia aſſinalado  
 De entrar em campo ja cos doze Ingleſes  
 Que pello Rey ja tinham ſegurado,  
 Armãose delmos greuas, & de arneſes:  
 Ia as damas tem por ſi fulgête e armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueſes,  
 Veſtemſe ellas de cores & de ſedas,  
 De ouro, & de joyas mil, ricas & ledas.

Mas aquella, a quem fora em ſorte dado  
 Magriço, que não vinha, com triſteza  
 Se veſte, por não ter quem nomeado  
 Seja ſeu caualleiro neſta empreſa:  
 Bem que os onze apregoam, q̃ acabado  
 Sera o negocio aſſi na corte Ingleſa,  
 Que as damas vencedoras ſe conheçam,  
 Poſto que dous & tres dos ſeus falleçaõ.



I num soblime & pubrico teatro  
 Se affenta o Rey Ingles com toda a corte  
 Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
 Bem como a cada qual coubera em sorte:  
 Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,  
 De força, esforço, & danimo mais forte  
 Outros doze sayr como os Ingleses  
 No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os caualos escumando  
 Os aureos freos, com feroz semblante,  
 Estaua o Sol nas armas rutilando,  
 Como em cristal: ou rigido diamante.  
 Mas enxergase num & noutro bando  
 Partido desigoal & dissonante  
 Dos onze contra os doze, quando a gente  
 Começa a aluoroçar-se geralmente.

Viraõ todos o rosto aonde auia  
 A causa principal do reboliço,  
 Eis entra hum caualeiro, que trazia  
 Armas, caualo, ao belico seruiço :  
 Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia  
 Pera os onze, que este era o graõ Magriço.  
 Abraça os companheiros como amigos,  
 A quem não falta serto nos perigos.

A dama

A dama como ouuio, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, & fama,  
 Se alegre, & veste ali do animal de Hele,  
 Que agente bruta mais que vertude ama  
 Ia dão sinal, & o som da tuba impelle  
 Os belicosos animos, que inflama,  
 Picão desporas, largão redeas logo,  
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece  
 Que fez, que o chão de baixo todo trême  
 O coração no peito, que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
 Qual do caualo voa, que não dece,  
 Qual co cauallo em terra dão, geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas  
 Qual co penacho do elmo açouta as ancas

Algun dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breue interualo,  
 Correndo algum cauallo vay sem dono,  
 E noutra parte o dono sem caualo:  
 Cae a soberbo Inglesa de seu trono,  
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mas achão ja que arnes, escudo, & malha



OS LVSIAD. DE L. DE CAM.

Gastar palauras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
He desses gastadores, que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Ingalaterra,  
Ate tornar a doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
Desejoso de ver as cousas grandes  
La se deixou ficar, onde hum seruiço  
Notauel à condessa faz de Frandes:  
E como quem não era ja nouiço  
Em todo trâce, onde tu Marte mandes,  
Hū Frances mata em campo, que o destino  
La teue de Torcato, & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em Alemãha  
 Se lança, & teue hum fero defafio  
 Cum Germano enganoso, que cõ manhá  
 Não diuida, o quiz pòr no extremo fio:  
 Contando afsi Veloso, ja a companha  
 Lhe pede, que não faça tal desuiò  
 Do caso de Magriço & vencimento,  
 Nẽ deixe o de Alemanha ã esquecimẽto.

Mãs neste passo afsi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares andã,  
 O apito toca, acordam despertando  
 Os marinheiros de hũa & doutra bandã:  
 E porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaueas tomar manda,  
 Dizendo, alerta estai, que o vento crece  
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,  
 Quando dà a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grãdes brados,  
 Amaina, disse amaina a grande vella:  
 Não esperam os ventos indinados,  
 Que amainassem, mas juntos dando nella  
 Em pedaços a fazem, cum ruido,  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.



O ceo fere com gritos niſto a gente,  
 Com ſubito temor, & deſacordo,  
 Que no romper da vela a Nao pendente  
 Toma gram ſuma d'agoa pello bordo,  
 Alija, diſſe o meſtre, rijamente  
 Alija tudo ao mar, não falte acordo  
 Vão outros dar à bomba não ceſſando,  
 Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo ſoldados animoſos  
 A dar aa bomba, & tanto que chegaram,  
 Os balanços, que os mares temeroſos  
 Derão aa nao, num bordo os derrribarão  
 Tres marinheiros duros, & forçoſos  
 A menear o leme não baſtarão,  
 Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte  
 Sê aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão rais, que não poderão  
 Moſtrar mais força dimpeto cruel,  
 Se pera derribar então vierão  
 A fortiſſima torre de Babel:  
 Nos altiſſimos mares, que crecerão,  
 A pequena grandura dhum batel,  
 Moſtra a poſſante nao, que moue eſpanto  
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

A nao

A nao grande em que vay Paulo da Gama  
Quebrado leua o masto pello meyo,  
Quasi toda alagada: agente chama  
Aquelle que a saluar o mundo veyo:  
Não menos gritos vãos ao ar derrama  
Toda a nao de Coelho, com receyo,  
Tom quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento

Agora sobre as nuuens os subião  
As ondas de Neuptuno furibundo,  
Agora a ver parece que decião  
As intimas entranhas do profundo:  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo,  
A noite negra & feya se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardiã.

As Alcioneas aues triste canto  
Iunto da costa braua leuantaram,  
Lembrandose de seu passado pranto,  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entre tanto  
La nas couas maritimas entrarão  
Fugindo aa tempestade, & ventos duros  
Que nem no fundo os deixa estar seguros  
Nunca



Nunca tão viuos rayos fabricou  
 Contra a fera soberba dos Gigantes,  
 O gram ferreiro sordido que obrou  
 Do enteado as armas radiantes:  
 Nem tanto o gram Tonante arremessou  
 Relampagos ao mundo fulminantes,  
 No gram diluuiio, onde sòs viuerão  
 Os dous ã em gête as pedras cõuerterão

Quantos montes então, que derribarão  
 As ondas que batião denodadas,  
 Quantas arvores velhas arrancarão  
 Do vento brauo, as furias indinadas:  
 As forçosas rayzes não cudaram  
 Que nunca para o ceo fossem viradas,  
 Nem as fundas arreas que podessem  
 Tãto os mares, ã encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gamma que tão perto  
 Do fim de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,  
 Ora com noua furia ao ceo subia,  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remedio lhe valia,  
 Chama aquelle remedio santo & fortẽ  
 Que o impossuiel pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste  
Que os ceos, o mar & terra senhoreas,  
Tu que a todo Israel refugio deste  
Por metade das agoas Eriteas:  
Tu que liuraste Paulo & defendeste  
Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
Guardaste cos filhos o segundo  
Pouoador do alagado & vacuo mundo .

Se tenho nouos medos perigosos  
Doutra Scylla & Caribdis ja passados,  
Outras Syrtes, & baxos arenosos,  
Outros Acroceraunios infamados,  
No fim de tantos casos trabalhosos,  
Por que somos de ti de semparados,  
Se este nosso trabalho não te offende,  
Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes softiuerão  
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illustres se foberão,  
De quem ficão memorias soberanas  
De quem se ganha a vida com perdellá,  
Doce fazendo a morte as honras della.

Afsi



Assim dizendo os ventos que lutauão,  
 Como touros indomitos bramando,  
 Mais & mais a tormenta acrescentauão,  
 Pella miuda enxarcia affuuiando:  
 Relampados medonhos não cessauão  
 Feros trouoês que vem representando  
 Cair o ceo dos exos sobre a terra,  
 Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strella scintilaua  
 Diante do Sol claro, no Horizonte  
 Mensageira do dia, & visitaua  
 A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
 A deosa que nos ceos a governaua,  
 De quem foge o ensefero Oriente,  
 Tanto que o mar, & a chara armada vira  
 Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,  
 Disse, mas não sera, que auante leue  
 Tão danada tenção que descuberto  
 Me serà sempre o mal a que se atreue,  
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breue  
 Em quanto manda as nimphas amorosas  
 Grinaldas nas cabeças por de rosas.

Grinaldas

Grinaldas manda pôr de varias cores  
Sobre cabellos louros a porfia,  
Quem não dirà que nascem roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor enfia:  
Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojosa companhia,  
Mostrandolhe as amadas nimphas bellas  
Que mais fermosas vinhão q̃ as estrellas

Assi foy, porquẽ tanto que chegarão  
A vista dellas, logo lhe falecem  
As forças com que dantes pellejarão,  
E ja como rendidos lhe obedecem.  
Os pes & mãos parece que lhe atarão  
Os cabellos que os rayos escurecem,  
A Boreas, que do peito mais queria,  
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
Que me tiueste nunca amor constante,  
q̃ brãdura he damor mais certo arreyo,  
E não conuem furor a firme amante:  
Se ja não pões a tanta infania freyo,  
Não esperes de mi daqui em diante,  
Que possa mais amarte, mas temertẽ,  
Que amor contigo, em medo se cõuertẽ.  
Assi



Assim mesmo a fermosa Galatea  
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
 Que dias ha que em vella se recrea,  
 E bem cre que com elle tudo acabe,  
 Não sabe o brauo, tanto bem se o creã,  
 Que o coraçam no peito lhe não cabe,  
 De contente de ver que a dama o manda  
 Pouco cuida que faz se logo abrandã.

Desta maneira as outras amansauão  
 Subitamente os outros amadores,  
 E logo à linda Venus se entregauão,  
 Amansadas as iras, & os furores,  
 Ella lhe prometeo vendo que amauão  
 Sempiterno fauor em seus amores,  
 Nas bellas mãos tomandolhe homenagẽ  
 De lhe serem leais esta viagem.

Ia a menhãa clarã daua nos outeiros,  
 Por onde o Ganges murmurando soã,  
 Quando da celsa gauea os marinheiros  
 Enxergaram terra alta pella proa:  
 Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
 Mares, o temor vão do peito voa,  
 Disse alegre o Piloto Melindano,  
 Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta he porcerto a terra que buscais  
 Da verdadeira India, que aparece,  
 E se do mundo mais não desejaes,  
 Vosso trabalho logo aqui fenece:  
 Soffrer aqui não pode o Gamma mais,  
 De ledo em ver que a terra se conhece,  
 Os geolhos no chaõ, as mãos ao ceo  
 A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, & rezam tinha,  
 Que não somente a terra lhe mostraua,  
 Que com tanto temor buscando vinha,  
 Por quem tanto trabalho esperimentaua:  
 Mas via se liurado tão asinha  
 Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
 O yento duro, feruido & medonho,  
 Como quẽ de spertou de horrêdo sonho.

Por meyo destes horridos perigos  
 Destes trabalhos graues & temores,  
 Alcançaõ os que sam de fama amigos  
 As honras immortais, & graos mayores:  
 Não encostados sempre nos antigos  
 Troncos nobres de seus antecessores,  
 Não nos leitos dourados, entre os finos  
 Animais de Moscouia Zebellinos.

Não



Não cos manjares novos & exquisitos,  
 Não cos passeos molles & ouciosos,  
 Não cos varios deleites & infinitos  
 Que afeminão os peitos generosos  
 Não cos nunca vencidos apetitos  
 Que a Fortuna tem sempre taõ mimosos  
 Que não soffre a nenhũ que o passo mude  
 Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço  
 As honras, que elle chame proprias suas  
 Vigiano, & vestindo o forjado aço  
 Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
 Vencendo os torpes frios no regaço  
 Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
 Engulindo o corrupto mantimento  
 Temperado com hum arduo sofrimento

E com forçar o rosto que se enfia,  
 A parecer, seguro ledo, inteiro,  
 Pera o pilouro ardente, que assouia  
 Eleua a perna, ou braço ao companheiro,  
 Destarte o peito hum calo honroso cria  
 Desprezador das honras, & dinheiro,  
 Das honras, & dinheiro, que a ventura  
 Forjou, & não vertude justa, & dura.

Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,  
 Que experiencias fazem repousado,  
 E fica vendo como de alto assento,  
 O baxo trato humano embarçado,  
 Este onde tiver força o regimento,  
 Direito, & nam de affeitos ocupado,  
 Subirá (como deue) a illustre mando,  
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

CANTO SEPTIMO.



Lá se viam chegados juto á terra,  
 Que desejada já de tantos fora,  
 Que entre as correntes Indicas  
 Se encerra,  
 E o Ganges que no Ceo terreno

mora:

Ora sus gente forte que na guerra  
 Quereis leuar a palma vencedora,  
 Lá sois chegados, já tendes diante  
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos



A vos, ô geração de Luso digo,  
 Que tam pequena parte sois no mundo,  
 Não digo inda no mundo, mas no amigo  
 Curral de quem governa o ceo rotundo,  
 Vos, a quem não somente algum perigo  
 Estorua conquistar o pouo inmundo,  
 Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
 Da Madre, que nos ceos está em essencia;

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
 Que o fraco poder vosso não pesais,  
 Vos á custa de vossas varias mortes  
 A ley da vida eterna dilatais,  
 Assim do ceo deitadas sam as sortes,  
 Que vos por muito poucos que sejais,  
 Muitos facais na Jancta Christandade,  
 Que tão, ô Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães soberbo gado,  
 Que por tam largos campos se apacenta,  
 Do sucessor de Pedro rebelado,  
 Nono pastor, e noua feita inuenta.  
 Vedelo em feas guerras occupado,  
 Que inda co cego error sennão contenta,  
 Não contra o superbissimo Ottonano:  
 Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingles que se nomea  
 Rey da velha, & santissima cidade,  
 Que o torpe Ismaelita senborea,  
 (Quem vio honra tão longe da verdade)  
 Entre as Boreais neves se recrea,  
 Noua maneira faz de Christandade,  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Nam por tomar a terra que era sua.

Guardelhe por entanto bum falso Rey,  
 A cidade Hierosolima terrestre,  
 Em quanto elle não guarda a sancta ley,  
 Da cidade Hierosolima celeste:  
 Pois de ti Gallo indigno que direy?  
 Que o nome Christianissimo quiseste,  
 Nam pera defendelo, nem guardalo,  
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em senborios  
 De Christaões, sendo o teu tão largo, & tão,  
 E nam contra o Cinifio, & Nilo rios  
 Inimigos do antigo nome sancto  
 A li se ande prouar da espada os fios.  
 Em quẽ quer reprovuar da ygreja o canto  
 De Carlos, de Luis, o nome, & terra,  
 Erdaste, & as cousas não da justa guerra.



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastão as vidas, logrão os diuicias,  
Esquecidos de seu valor antigo:  
Nascem da tyrania inimicicias,  
Que o pouo forte tem de si inimigo,  
Contigo Italia falo, ja sumerfa  
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura  
Sois os dentes de Cadmo desprazidos,  
Qu'hūs aos outros sedão à morte dura  
Sendo todos de hum ventre produzidos?  
Nam ve les a diuina sepultura  
Possuida de cães, que sempre vnidos  
Vos vem tomar a vossa antiga terra  
Fazendose famosos pela guerra,

Vedes que tem por uso, & por decreto,  
Do qual sam tam inteiros obseruantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto,  
Contra os pouos, q̃são de Christo amantes,  
Entre vos nunca deixa a fera Aieto  
De famear cizanias repugnantes,  
Olhay se stais seguros de perigos,  
Que elles, & vos sois vossos inimigos.

Se cobica

Se cobiça de grandes fenhori os  
 Vos faz yr conquistar terras albeas,  
 Nam vedes que Pactolo & Hermorios,  
 Ambos voluem auríferas areas,  
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,  
 Affrica esconde em si luzentes veas;  
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,  
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuencões feras & nouas,  
 De instrumentos mortais de artelbaria,  
 Ia deuem de fazer as duras prouas  
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia;  
 Fazei que torne la às siluestres couas,  
 Dos Caspios montes, & da Citia fria;  
 A Turca geraçam, que multiplica  
 Na policia de vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
 Bradando vos estam, que o pouo bruto  
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
 Preceptos do alcoram (duro tributo)  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos gloriay de peito forte, & astuto;  
 E não queirais lououres arrogantes,  
 De serdes contra os vossos muy possantes



Mas em tanto que cegos, & sedentos  
 Andais de vosso sangue, ô gente insana  
 Não saltarão Christãos atreuimentos,  
 Nesta pequena casa Lusitana  
 De Affrica tem maritimos assentos,  
 He na Asia mais que todas soberana,  
 Na quarta parte noua os campos ara,  
 E se mais mundo ouuerá la chegâra.

E vejamos em tanto que acontece  
 Aquelles tam famosos nauegantes,  
 Despois que abranda Venus enfraquece  
 O furor vão dos ventos repugnantes  
 Despois que a larga terra lhe aparece,  
 Fim de suas perfiás tam constantes,  
 Onde vê semente de Christo a ley,  
 E dar nouo costume, & nouo Rey.

Tanto que â noia terra se chegarão,  
 Leues embarcações de pescadores  
 Acharão, que o caminho lhe mostraraõ  
 De Calecu onde eram moradores:  
 Pera la logo as proas se inclinaraõ,  
 Por que esta era a cidade das milhores  
 Do Malabar milhor; onde viuia  
 O Rei que a terra toda possuyra:

Alem do Indo jaz, & âquem do Gange,  
 Hũ terreno muy grande, e assaz famoso  
 Que pella parte Austral o mar abrange;  
 E pera o Norte o Emodio cauernoso  
 Ingo de Reis diuersos o constringe  
 A varias leis: algũs o vicioso  
 Mahoma, algũs os idolos adoraõ,  
 Algũs os animais, que entre elles moraõ;

Là bem no grande monte, que cortando  
 Taõ larga terra, toda Asia discorre;  
 Que nomes tam diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gram corrente morre  
 No mar Indico, & cercam todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersonezo.

Entre hum & outro rio, em grande espaço  
 Say da larga terra hũa longa ponta  
 Quasi piramidal, que no regaço  
 Do mar, com Ceilaõ infula confronta,  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta,  
 Que os vizinhos da terra moradores  
 Do cheiro se mantem das finas flores;



OS LVSIAD. DE L. DE CAM.

Mas agora de nomes, & de vsança,  
Nouos & varios sam os habitantes;  
Os Delis, os Patanes, que em possança  
De terra, & gente, sam mais abundâtes,  
Decanis, Oriâs, que a esperança  
Tem de sua saluaçam nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala  
Fertil de sorte, que outra não lhe igoala.

O Reyno de Cambaia bellicoso  
(Dizem que foy de Poro Rei potente)  
O Reino de Narsinga poderoso,  
Mais de ouro & pedras, q̄ de forte gête:  
Aqui se enxerga la do mar vudoso  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canarâ viue seguro,

Da terra os naturais lhe chamaõ Gate,  
Do pè do qual pequena quantidade  
Se estende hũa fralda estreita, que cõbate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de imperio, rica & bellâ,  
Samarim se intitula o senhor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,  
 Hum Portuguez mandado logo parte  
 A fazer sabedor o Rei gentio  
 Da vinda sua a tam remota parte:  
 Entrando o mesageiro pello rio,  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte,  
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo  
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorría,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na região de Berberia,  
 La onde fora Anteo obedecido;  
 Ou pela vezinhança ja teria  
 O Reino Lusitano conhecido;  
 Ou foy ja assinalado de seu ferro;  
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mesageiro, com jocundo  
 Rosto, como quẽ sabe a lingua Hispana  
 Lhe disse, quẽ te trouxe a estoutro mudo  
 Tam longe da tua patria Lusitana?  
 Abrindo, lhe responde, o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Vimos buscar do Indo a gram corrente,  
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado



OSLUSIAD. DE L. DE CAM.

Espantado ficou da gram viagem,  
O mouro, que Monçaide se chamaua,  
Ouvindo as oppressões que na passagem  
Do mar, o Lusitano lhe contava,  
Mas vendo em fim, q̃ a força da mensajē  
Sò para o Rei da terra releuava,  
Lhe diz que estava fora da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria  
Na sua pobre casa repousasse,  
E do manjar da terra comeria;  
E despois que se hum pouco recreasse,  
Com elle pera a armada tornaria,  
Que alegria não pode ser tamanha,  
Que achar gēte vezinha em terra estranha

O Portuguez aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece,  
Como se longa fora ja a amizade,  
Com elle come, bebe & lhe obedece;  
Ambos se tornam logo da cidade  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
Sobem à capitania, & toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente,

O capitam

O capitam o abraça em cabo ledo,  
 Ouindo clara a lingoa de Castella,  
 Iunto de si o assenta, & prompto e quedo  
 Pela terra pergunta & cousas della:  
 Qual se ajuntaua em Rodope o aruoredo  
 Sò por ouuir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lira deouro,  
 Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro.

Elle começa: ô gente que a natura  
 Vezinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tam grande ou que ventura  
 Vos trouxe a cometer des tal caminho:  
 Não he sem causa não oculta & escura  
 Vir do longinco Tejo & ignoto Minho,  
 Por mares nunca doutro lenho arados,  
 A Reinos tam remotos e apartados.

Deos por certo vos traz, por que pretende  
 Algum seruiço seu por vós obrado,  
 Por isso sò vos guia e vos deffende  
 Dos inimigos; do mar, do vento yrado;  
 Sabei que estais na India, onde se estêde  
 Diuerso pouo, rico & prosperado,  
 De ouro luzente & fina pedraria,  
 Chziro suauo, ardente especearia.

Esta



Esta prouincia, cujo porto agara  
 Tomado tendes, Malabar se chama,  
 Do culto antigo os idolos adora,  
 Que ca por estas partes se derrama;  
 De diuersos Reys he, mas dum sò fora  
 Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
 Saramâ Perimal foy derradeiro  
 Rei, que este reino teue vnido & inteiro;

Porem como a esta terra entam viessem,  
 De la do seyo Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mabometico trouxesssem,  
 No qual me instituiram meus parentes:  
 Succedeo que prègando conuertesssem  
 O Perimal, de sabios & elloquentes,  
 Fazemlbe a ley tomar com feruor tanto,  
 Que prosupos de nella morrer santo.

Naos arma, & nellas mete curioso  
 Mercadoria, que offereça rica  
 Pera yr nellas a ser religioso,  
 Onde o propheta jaz, que a ley publica:  
 Antes que parta, o reino poderoso  
 Cos seus reparte, porque não lhe fica  
 Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
 Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum Cothim, & a outro Cananor  
 A qual Chale, a qual a ilha dá pimenta,  
 A qual Coulaõ, a qual a ilha dá Cranginor  
 E os mais, a quem o mais serue, & cõtenta  
 Hum so moço, a quem tinha muyto amor  
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Para este Calecu samente fica,  
 Cidade ja por trato nobre, & rica.

Esta lhe dá co titulo excelente  
 De Emperador, que sobre outros mande,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,  
 E daqui faça o nome de potente  
 Camori, mais que todos digno, & grande  
 Ao moço, & descendentes, donde vem  
 Este, que agora o Imperio manda, & tem.

A ley da gente toda, rica, & pobre  
 De fabulas Composta se imagina:  
 Andão nus, & samente hum pano, cobre  
 As partes, que a cubrir natura insina:  
 Dous modos ha de gente, por que a nobre  
 Naires chamados são, & a menos digna  
 Poleás tem por nome, a quem obriga  
 A ley não mesturar a casta antiga.

Porque



OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porque os que vsarão sempre hum mesmo officio,  
De outro não podem receber com sorte,  
Nem os filhos terem outro exercicio,  
Senão os de seus passados a te a morte,  
Pera os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocadas de tal sorte,  
Que quando algum se toca por ventura,  
Com ceremonias mil se alimpa, & apura.

De sta sorte o Iudaico pouo antigo  
Nam tocava na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vsança varia,  
Os Naires sos sam dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da contraria  
Banda o sen Rey, trazendo sempre usada  
Na esquerda adarga, na direita a espada,

Bramenes sam os seus relegiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia  
Osseruão os preceitos tão famosos  
D'hum que primeiro pos nome á ciencia  
Não matão cousa viua, & temerosos  
Das carnes tem grandissima abstinencia  
Somente no venereo ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais sam as molheres, mas somente  
Pera os da geração de seus maridos,  
Ditosa condição, ditosa gente,  
Que nam sam de ciuues offendidos:  
Estes, & outros costumes variamente,  
Sam pelos Malabares admitidos,  
A terra he grossa em trato, & tudo aquilo  
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contaua o Mouro, mas vagando  
Andaua a fama ja pela cidade,  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rey saber mandaua da verdade,  
La vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo, & idade  
Os principaes que o Rey buscar mandara  
O Capitão da armada que chegara.

Mas elle que do Rey ja tem licença,  
Pera deseubarcar acompanhado  
Dos nobres Portugueses sem detença  
Parte de ricos panos adornado,  
Das cores a fermosa diferença  
A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar despois o fresco rio.



Na praya hum Regedor do Reyno estava,  
 Que na sua lingua Catual se chama,  
 Rodeado de Naires que esperava,  
 Com desusada festa o nobre Gama:  
 Ia na terra nos braços o leuava,  
 E num portatil leito hũa rica cama,  
 Lhe offerece em que va, costume vsado,  
 Que nos hombros dos homens he leuado.

Destarte o Malabor, destarte o Luso,  
 Caminhão la pera onde o Rey o espera:  
 Os outros Portugueses vão ao vso  
 Que infantaria segue esquadra fera,  
 O pouo que concorre vay confuso  
 De ver a gente estranha, e bem quisera  
 Perguntar, mas no tempo ja passado  
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, e o Catual hião fallando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerecia,  
 Moncaide entre elles vay interpretando  
 As palauras que de ambos entendia:  
 Assim pela cidade caminando,  
 Onde hũa rica fabrica se erguia  
 De hum sumptuoso templo ja cheganão,  
 Pelas portas do qual juntos entraunão.

Ali estam das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
 Varios de gestos, varios de pinturas,  
 A segundo o Demonio lhe fingia:  
 Vem se abominaueis esculturas,  
 Qual a Chiméra em membros se varia,  
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados  
 Em forma humana estão marauilhados.

*Libro de don  
 del mundo no*

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
 Outro num corpo rostos tinha vnidos,  
 Bem como o antigo Iano se pintaua:  
 Outro com muitos braços diuididos  
 A Briareo parece que imitaua:  
 Outro fronte Canina tem de fora,  
 Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio,  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão sem outro algum de suio,  
 Pera onde estaua o Rey do pouo vão:  
 Engrossando se vay da gente o fio,  
 Cos que vem ver o estranho Capitão,  
 Estão pelos telhados, & janellas  
 Velhos, & moços, donas, & donzellas.



Ia chegão perto, & não passos lentos,  
 Dos jardins odoriferos fermosos,  
 Que em si escondem os regios apouentos,  
 Altos de torres não, mas sumptuosos:  
 Edeificação se os nobres seus assentos,  
 Por entre os aruoredos deleitosos,  
 Assim viuem os Reys daquella gente  
 No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a futiliza  
 Se enxerga da Dedalia facultade,  
 Em figuras mostrando por nobreza  
 Da India a mais remota antiguidade.  
 Afiguradas vão com tal viueza  
 As historias daquella antiqua idade,  
 Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
 Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa  
 A terra Oriental, que o Idaípe lava,  
 Rege o hum Capitão de fronte lisa,  
 Que com frondentes Tirsos pelejava:  
 Por elle edificada estaua Nisa  
 Nas ribeiras do rio, que manaua,  
 Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,  
 Dirá por certo que he seu filho aquelle.

Mais auante bebendo seca o rio,  
 Muy grande multidão de Assiria gente,  
 Sujeta a feminino senhorio,  
 De hũa tam bella, como incontinente:  
 Ali tem junto ao lado nunca frio  
 Esculpido o feroz ginete ardente,  
 Com quem teria o filho competencia,  
 Amor nefando, b. uta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira Monarchia, & sojugauão  
 Até as agoas Gangeticas vndosas:  
 Dum capitão mancebo se guiauão,  
 De palmas rodeado valerosas,  
 Que ja não de Filipo, mas sem falta  
 De pro genie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,  
 Dizia o Catual ao Capitão,  
 Tempo cedo virá que outras victorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreueraõ nouas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão,  
 Que os nossos sabios Magos o alcançárão,  
 Quando o tempo futuro especulárão.



E dizlhe mais a magica sciencia,  
 Que pera se euitar força tamanha,  
 Não valerà dos homês resistencia,  
 Que contra o ceo não val da gente manha:  
 Mas tambem diz que a bellica excellencia  
 Nas armas, & na paz da gente estranha.  
 Sera tal, que sera no mundo ouuido.  
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauão ja na sala,  
 Onde aquelle potente Emperador:  
 Nũa camilha jaz, que não se igoala  
 De outra algũa no preço & no lauor:  
 No recostado gesto se a sinala  
 Hum venerando & prospero senhor,  
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
 Cos gíolhos no chão, de quando em quádo.  
 Lhe daua a verde folha da crua ardente  
 Que a seu costume estaua ruminando:  
 Hum Bramene, pessoa preminente,  
 Pera o Gama vem com passo brando,  
 Pera que ao grande Principe o apresenta,  
 Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prompto em vista  
 Estava o Samori no traje & geito  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rey, & do pouo todo  
 O Capitão lhe falla deste modo:

Hum grande Rey, de là das partes, onde  
 O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodã,  
 Ouindo do rumor que la responde  
 O ceo, como em ti da India toda,  
 O principado está, & a magestade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,  
 Por te fazer saber, que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo:  
 E desda fria plaga de Gelanda,  
 Até bem donde o Sol nam muda o estilo,  
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.



E se queres com paéto, & lianças  
 De paz, & de amizade sacra, & nua,  
 Comercio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra sua, & tua,  
 Porque creção as rendas, & abastanças,  
 Por quem a gente mais trabalha, & sua,  
 De vossos Reynos, sera certamente  
 De ti proueito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o nô desta amizade,  
 Entre vos firmemente permaneça,  
 Estará prompto a toda aduersidade,  
 Que por guerra a teu Reyno se offereça:  
 Com gente, armas, & naos de qualidade  
 Que por irmão te tenha, & te conheça,  
 E da vontade em ti sobristo posta  
 Me des a mi certissima reposta.

Tal embaxada daua o Capitão,  
 Aquem o Rey gentio respondia;  
 Que em ver embaxadores de nação  
 Tam remota, gram gloria recebia:  
 Mas neste caso a vltima tenção  
 Com os de seu conselho tomaria,  
 Informando se certo de quem era  
 O Rey, & a gente, & terra que dissera.

E que em tanto podia do trabalho,  
 Passado yr repouzar, & em tempo breue,  
 Daria a seu despacho hum justo talho,  
 Com que a seu Rey reposta alegre leue:  
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho  
 Aas humanas canseiras, porque ceue  
 De doce sono os membros trabalhados,  
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados forão juntamente,  
 O Gama, & Portugueses no apouso,  
 Do nobre Regedor da Indica gente,  
 Com festas, & géral contentamento:  
 O Catual no cargo diligente  
 De seu Rey, tinha por regimento,  
 Saber da gente estranha donde vinha  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso,  
 Mancebo Dello vio, que a luz renoua,  
 Manda chamar Monçaide, desejoso  
 De poder informar da gente noua:  
 Ia lhe pergunta prompto, & curioso,  
 Se tem noticia inteira, & certa proua,  
 Dos estranhos quem saõ, que ouuido tinha  
 Que he gente de sua patria muy vizinha.



Que particularmente ali lhe desse  
 Informaçãõ muy larga, pois fazia  
 Nisso seruiço ao Rey, porque soubesse  
 O que neste negocio se faria:  
 Monçaide torna, posto que eu quisesse  
 Dizerte disto mais não saberia,  
 Somente sey que he gente là da Espanha  
 Onde o meu ninho, & o Sol no mar se baña..

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
 Foi sem fazer na carne detrimento  
 Da mãy, tal que por baso està aprouado  
 Do Deos, que tem do mundo o regimento::  
 O que entre meus antigos he vulgado  
 Delles, he que o valor sanguinolento  
 Das armas, no seu braço resplandece  
 O que em nossos passados se parece..

Porque elles com virtude sobre humana  
 Os deitarão dos campos abundosos.  
 Do rico Tejo, & fresca Goadiana,  
 Com feitos memorauéis, & famosos:  
 E não contentes inda, & na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos.  
 Mas nao querem deixar viuer seguros,  
 Tomandonos cidades, & altos muros..

Não.

Nam menos tem mostrado esforço & manha,  
 Em quaesquer outras guerras que acôteção  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou lâ dalgús que do Pirene deção:  
 Assim que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem que por vencidos se conheção,  
 Nem se sabe inda não, te a firmo & a fello  
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E se esta informação não for inteira,  
 Tanto quanto conuem, delles pretende  
 Informarte, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falcidade enoja & offende:  
 Vay velhe a frota, as armas, & a maneira  
 Do fundido metal, que tudo rende,  
 E folgaras de veres a policia  
 Portuguesa na paz, & na milicia.

La com desejos o Idolatra ardia,  
 De ver isto que o Mouro lhe contava,  
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria  
 Os lenhos em que o Gama nauegava:  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Nayra geração que o mar coalhava,  
 Aa Capitaina sobem forte & bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras,  
Do rico fio sam, que o bicho gera,  
Nellas estam pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais aventureiras,  
De safios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama,  
Lhe pedia primeiro que se assente,  
E que aquelle deleite que tanto ama,  
A ceita Epicurea, experimente:  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor, que Noe mostrára â gente:  
Mas comer o Gentio não pretende,  
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,  
Imagem faz de guerra, rompe os ares  
Co fogo o diabolico instrumento,  
Se faz ouuir no fundo là dos mares:  
Tudo o Gentio nota: mas o intento  
Mostraua sempre ternos singulares,  
Feitos dos homês, que em retrato breue  
A muda poesia ali descreue.

Alçase em pè,co elle os Gamas junto  
 Coelho da outra parte,& o Mauritano  
 Os olhos poem no bellico trasunto  
 De hum velho branco,aspeito venerando,  
 Cujõ nome não pode ser defunto  
 Em quanto ouuer no mûdo trato humano,  
 No trajo a Grega vsança está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na dereita.

Hum ramo na mão tinha,mas o cego  
 Eu que cometo infano,& temerario,  
 Sem vos Nymphas do Tejo,& do Mondego  
 Por caminho tão arduo longo,& vario:  
 Vosso fauor inuoco que nauego  
 Por alto mar,com vento tão contrario,  
 Que se não me ajudais ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo que cantando  
 O vosso Tejo,& os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Nouõs trabalhos vendo,& nouos danos:  
 Agora o mar,agora esprimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace,que â morte se condena,  
 Nua mão sempre a espada,& noutra a pena.

Agora



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,  
Por hospícios alheios degradado,  
Agora da esperança ja adquirida,  
De nouo mais que nunca derribado:  
Agora às costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tam delgado,  
Que não menos milagre foi saluar-se  
Que pera o Rey Iudaico acrecentar-se..

Ainda Nimphas minhas não bastaua  
Que tamanhas misérias me cercassem:  
Senão que aquelles q̄ eu cantando andaua,  
Tal premio de meus versos me tornassem,  
A troco dos descansos que esperaua,  
Das capellas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca vsados me inuentarão,  
Com que em tam duro estado me deitirão.

Ve de Nimphas que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar com tais fauores  
A quem os faz cantando gloriosos:  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera esperar engenhos curiosos,  
Pera porem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que só vosso fauor me não falleça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado,  
 Onde feitos diuerfos engrandeça:  
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado  
 Que não no empregue em quê o não mereça.  
 Nem por lisonja louue algum sabido,  
 Sobpena de não ser agradecido..

Nem creais Nimphas nam que fama desse,  
 A quem ao bem comum, & do seu Rey,  
 Anteposer seu proprio interesse:  
 Imigo da diuina, & humana ley,  
 Nenhum ambicioso, que quiseffe  
 Subir a grandes cargos, cantarey,  
 Sò por poder com torpes exercicios:  
 Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que use de seu poder bastante:  
 Pera servir a seu desejo feyo,  
 E que por comprazer ao vulgo errante:  
 Se muda em mais figuras que Proteyo,  
 Nem Camenas tambem cuideis que cante:  
 Quem com habito honesto, & graue veyo,  
 Por contentar o Rey no officio nouo,  
 A despir, & roubar o pobre pouo.

Nem



OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nem quem acha que he justo, & que he dercito  
Guardase a ley do Rey seueramente,  
Enão acha que he justo, & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente:  
Nem quem sempre cõ pouco experto peito,  
Razões aprende, & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace, & escassa,  
Os trabalhos alheyos, que não passa.

Aquelles sós direy que auenturãrão  
Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida  
Onde perdendoa em fama a dilatãrão,  
Tambem de suas obras merecida.  
Apolo, & as Musas que me acompanharão,  
Me dobrarão a furia concedida,  
Em quanto eu tomo alento de cansado,  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM.

## CANTO OCTAVO.



A Primeira figura se detinha,  
 O Catual, que vira estar pintada,  
 Que por diuisa hum ramo na mão  
 tinha,

A barba branca, longa, & prateada:  
 Quem era, & porque causa lhe conuinha.  
 A diuisa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde, cuja voz discreta.  
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que a parecem,  
 Brauos em vista, & feros nos aspectos,  
 Mais brauos, & mais feros se conhecem:  
 Pela fama, nas obras, & nos feitos  
 Antigos sam, mas inda resplandecem  
 Co nome entre os engenhos mais perfeitos,  
 Este que ves he Luso, donde a fama  
 O nosso Reino, Lusitania chama.

Foi



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Foy filho, & companheiro do Thebano,  
Que tam diuerſas partes conquistou  
Parece vindo ter ao ninho Hiſpano,  
Segundo as armas que continuo vſou,  
Do Douro, Guadiana o campo vſano,  
Ja dito Eliſio, tanto o contentou  
Que ali quis dar, aos ja caſados oſſos  
Eterna ſepultura, & nome aos noſſos.

O ramo que lhe ves pera diuiſa,  
O verde Tyrſo foy de Baco vſado,  
O qual à noſſa idade amoſtro, & auifa  
Que foi ſeu companheiro & filho amado:  
Ves outro, que do Tejo a terra piſa,  
Deſpois de ter tão longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edefica,  
E templo a Palas, que em memoria fica.

Vliffes he o que faz a ſancta caſa  
Aa Deoſa, que lhe dà lingua facunda,  
Que ſe là na Aſſia Troia inſigne abraſa,  
Cà na Europa Lisboa ingente funda:  
Quem ſerà eſtoutro cá que o campo arraſa  
De mortos, com preſença furibunda?  
Grandes batalhas tem deſbaratadas,  
Que as agueas nas bandeiras tem pintadas.

Assi o Gento diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foi de gado  
 Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança mais que no cajado:  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor inuenciuel afamado,  
 Nam tem coelle não, nem ter puderão  
 O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força não, com manha vergonhosa,  
 A vida lhe tirarão que os espanta,  
 Que o grãde aperto em gête, inda q̃ hōrosa,  
 Aas vezes leys magnanimas quebranta:  
 Outro está aqui que contra a patria yrosa  
 Degradado com nosco se aleuanta,  
 Escolheo bem com quem se aleuantaſse  
 Pera que eternamente se illustraſse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras  
 Deſſas aues de Iupiter validas,  
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nos ſouberam ſer vencidas.  
 Olha tam ſotis artes, & maneiras,  
 Pera adquerir os pouos tam fingidas,  
 A fatidica Cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorjo, & ella a ſua diuiſa.

R Olha



Olha estoutra bandeira, & vé pintado,  
 O gram progenitor dos Reys primeiros,  
 Nos Vagaros o fazemos, porem nado,  
 Creem ser em Lotharingia os estrangeiros:  
 Despois de ter cos Mouros superado  
 Galegos, & Leoneses cavalleiros,  
 Aa casa Sancta passa o Sancto Enrique,  
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique,

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
 Pergunta o Malabar marauilhado,  
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
 Com tam pouca, tem roto, & destrocado:  
 Tantos muros asperrimos quebranta,  
 Tantas batallas dà nunca cansado,  
 Taantas coroas tem por tantas partes,  
 A seus pès derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos Mouros toma,  
 Por quem no Estigio lago jura a fama,  
 De mais não celebrar nenhum de Roma:  
 Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,  
 Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
 Pera quem de seu Reyno abaxa os muros,  
 Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rey tiuerão,  
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
 Contra tantos inimigos quantos erão,  
 Os que desbarataua este excelente,  
 Não creas que seus nomes se estenderão  
 Com glorias imortais tam largamente:  
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
 Ve que os de seus vassallos lam notaueis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,  
 Dizendolhe que o exercito espalhado,  
 Recolha, & torne ao campo defendido:  
 Torna o moço do velho acompanhado,  
 Que vencedor o torna de vencido,  
 Egas Moniz se chama o forte velho  
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vellô ca vai eos filhos a entregar se,  
 A corda ao colo, nu de seda & pano  
 Porque não quis o moço fogueitar se,  
 Como elle prometera ao Castelhana:  
 Fez com si so & promessas leuantar se  
 O cerco que ja estaua soberano,  
 Os filhos & molher obriga aa pena,  
 Pera que o senhor salue, a si condena.



Não fez o Consul tanto que cercado  
 Foi nas forças Caudinas de ignorante  
 Quando a passar por baxo foi forçado  
 Do Samitico jugo triumphante:  
 Este pelo seu povo injuriado,  
 Assim se entrega só firme & constante,  
 Estoutro assim, & os filhos naturais,  
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,  
 Dá sobre o Rey que cerca a villa forte,  
 Ia o Rey tem preso, & a villa descercada  
 Illustre feito digno de Mauorte,  
 Vela ca vay pintado nesta armada  
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
 Tomandolhe as galés, leuando a gloria,  
 Da primeira maritima victoria.

E dom Fuaas Roupinho que na terra,  
 E no mar resplandece juntamente,  
 Co fogo que acendeo junto da terra  
 De Abila, nas gales da Maura gente:  
 Olha como em tão justa & sancta guerra  
 De acabar pelejando está contente,  
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
 Triunfando nos ceos com justa Palma.

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
 Trajo, fair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rey primeiro,  
 Lisboa, de si dando sancta proua:  
 Olha Enrique famoso cavalleiro,  
 A Palma que lhe nasce junto à coua,  
 Por elles mostra Deos milagre visto  
 Germanos sam os Martyres de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,  
 Contra Arronches que toma por vingança,  
 De Leiria, que de antes foi tomada,  
 Por quem por Maphamede enresta a lança:  
 He Teotonio Prior: mas vê cercada  
 Sanctarem, & veras a segurança,  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
 Os inimigos rompendo, o Alferes mata,  
 E Hispalico pendão derriba em terra,  
 Mem Moaiz he, que em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta,  
 A contraria derriba, & a sua exalta.



Olha a quelle que deuce pela lança  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas, & ousadas:  
 Ella por armas toma a semelhança,  
 Do cavalleiró, que as cabeças frias  
 Na mão leuava, feito nunca feito,  
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vés hum Castellano, que agrauado,  
 De Afonso nono Rey, pelo odio antigo  
 Dos de Lara, cos Mouros he deitado,  
 De Portugal fazendose inimigo:  
 Abrantes villa toma acompanhado,  
 Dos duros infieis que traz consigo:  
 Mas vè que hum Portugues cõ pouca gente  
 O desbarata, & o prende ousadamente.

Martin Lopez se chama o cavalleiro  
 Que destes levar pode a palma, & o louro:  
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
 Que em lança de aço torna o Bugo de ouro:  
 Vello entre os duvidosos tam inteiro,  
 Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
 Olha o sinal noiceo que lhe aparece,  
 Com que nos poucas seus o esforço crece:  
 Vés

Vês vam os Reis de Cordoua & Sembr,  
 Rotos,cos outros dous,& nam de espacio  
 Rotos?mas antes mortos,marauha  
 Feita de Deos,que nam de humano braço  
 Vês já,villa de Alcaçare se humilha,  
 Sem lhe valer defesa,ou muro de aço,  
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
 Que a coroa de palma ali coroa.

O'ha hum Mestre que dece de Castilla,  
 Portugues de naçam,como conquista  
 A terra dos Algarues,& ja nella  
 Não acha que por armas lhe resista:  
 Com manha,esforço,& cõ begnina estrella  
 Villas,Castellos,toma a escalla vista,  
 Veç Faula tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao mouro ganha'  
 Siluey, que elle ganhou com força ingente,  
 He dom Pao Correa,cuja manha  
 E grande esforço faz enueja a agente:  
 Mas não passes os tres q' é França e Espanha  
 Se fazem conhecer perpetuamente,  
 Em desafios justas & torneos,  
 Nelles deixando publicos trofeos.



Vellos co nome vem de aventureiros,  
 A Castella, onde o preço sòs leuàrão,  
 Dos jogos de Belona verdadeiros,  
 Que com danos de algús se exercitãrão:  
 Vé mortos os soberbos caualleiros,  
 Que o principal dos tres desafiarão,  
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
 Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,  
 Que de nenhum passado se contenta,  
 Que a patria que de hum fraco fio pende  
 Sobre seus duros hombros a sustenta:  
 Não no ves tinto de yra, que reprende  
 A vil desconfiança inerte & lenta  
 Da pouo, & faz que tome o doce freyo,  
 De Rey seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,  
 De Deos guiada sò, & de sancta estrella:  
 Só pode o que imposible parecia,  
 Vencer o poua ingente de Castella:  
 Ves por industria, esforço, & valentia  
 Outro estrago, & victoria clara, & bella  
 Na gente, así feroz como infinita,  
 Que entre o Tarteso, & Guadiana habita.

Mas nam ves casi ja desbaratado,  
 O poder Lusitano, pela ausencia  
 Do Capitam deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a suma & trina essencia:  
 Vello com pressa ja dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confianca,  
 Que inda nem era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a seguranca  
 Da vitoria que logo lhe daria:  
 Assim Pompilio ouuindo que a possanca  
 Dos inimigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estaua dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue  
 Ouir quiseses como se nomea,  
 Portugues Cipião chamar-se deue,  
 Mas mais de dō Nuno Aluarez se artea:  
 Ditosa patria que tal filho teue,  
 Mas antes pay, que em quanto o Sol rodea,  
 Este globo de Ceres & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal aluno.



Na mesma guerra vé que feitos ganha,  
 Estoutro Capitam de pouca gente,  
 Comendadores vence, & o gado apanha,  
 Que leuauam roubado ou sadamente:  
 Outra vez vé que a lança em sangue banha  
 Destes, só pon liurar com amor ardente,  
 O preso amigo, preso por leal,  
 Pero Rodriguez he do Landnoal.

Olha este deslealho, como paga  
 O perjurio que fez & ylhengino,  
 Gil Fernandez he de filuas que o estraga  
 Efaz vir a passar o vltimo dano:  
 De Xeres rouba o campo, & quasi alaga  
 Co sangue de seus donos castelhano,  
 Mas olha Rui Pincira que co resto  
 Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezafete Lusitanos,  
 Neste outeyro sabidos se defendem,  
 Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
 Que em derredor pelos romar se estendem:  
 Porem logo sentiram com seus danos,  
 Que nam lò se defendem, mas offendem,  
 Digno feito de ser no mundo eterno,  
 Grande no tempo antigo & no moderno.

Sabe-se antigamente que trezentos,  
 la contra mil Romanos pelejarão,  
 No tempo que os viris atreuidos  
 De Viriato tanto se illustrarão  
 E delles alcançando vencimentos,  
 Memoraueis, de eraça nos deixarão  
 Que os muitos por ser poucos nã temam  
 O que depois mil vezes amostramos.

Olha cá dous Infantes Pedro, & Henrique,  
 Progenie generosa de Ioane,  
 Aquelle faz que fama illustre fique,  
 Delle em Germania, com q̃ a morte engane:  
 Este, que ella nos mares o pubrique,  
 Por seu descobridor, & desengane,  
 De Ceita a Maura tumida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da Cidade.

Vês o Conde Dom Pedro que sustenta  
 Dous cercos contra toda a Berberia,  
 Vês outro Conde estã que representa  
 Em terra Marte, em forças, & oufadaria  
 De poder defender senão contenta  
 Alcacere da ingente companhia:  
 Mas do seu Rey defende a cara vida,  
 Pondo por muro a sua, ali perdida a vida.



Outros muitos verias que os pintores  
 Aqui tambem por certo pintarião  
 Mas falta lhe pincel, faltã o lhe cores,  
 Honra, premio, favor, que as rates crião,  
 Culpa dos viciosos successores,  
 Que degenerã certo, & se desuião,  
 Do lustre, & do valor dos seus passados,  
 Em gostos, & vaidades atoladas.

Aquelles pais illustres que ja derão  
 Principio à geração que d'elles pendẽ,  
 Pela virtude muyto antão fizerão,  
 E por deixar a casa que descende,  
 Cegos, que dos trabalhos que teuerão  
 Se alta fama, & rumor d'elles se estende,  
 Escuros deixão sempre seus menores,  
 Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes, & abaftados,  
 Sem nenhum tronco illustre donde venhão,  
 Culpa de Reys, que às vezes a priuados  
 Dão mais q̃ a mil, q̃ esforço, & saber tenhão  
 Estes os seus nam querem ver pintados,  
 Credo que cores vãs lhe não conuenhão,  
 E como a seu contrario natural,  
 Aa pintura que falla quẽrem mal.

Não nego que â com tudo descendentes,  
 Do generoso tronco, & casa rica  
 Que com costumes altos & excelentes  
 Sustentão a nobreza que lhe fica;  
 E se ha luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valor não clarifica,  
 Não falta ao menos, nem se faz escura:  
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estã declarando os grandes feitos,  
 O Gama que alli mostra a varia tinta,  
 Que a douta mão tão claros, tão perfeitos  
 Do singular artifice ali pinta:  
 Os olhos tinha promptos & direitos,  
 O Catual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,  
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia:  
 Debaxo do Orizonte, & luminosa  
 Leuava aos Antipodas o dia:  
 Quando o Gentio, & a gente luminosa,  
 Dos Naires, da nao forte se partia  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais, na noite mansa.



Entre tanto os Aruspices famosos  
 Na falsa opinião, que em sacrificios  
 Anteuem sempre os casos duuidosos,  
 Por sinais diabolicos, & indicios:  
 Mandados do Rey proprio, e studiosos  
 Exercitauão a arte & seus officios  
 Sobre esta vinda desta gente estranha,  
 Que aas suas terras vem da ignota Espanha:

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
 De como a noua gente lhe seria  
 Iugo perpetuo, eterno catiueiro,  
 Destruicam de gente, & de valia:  
 Vaife espantado o atonito agoureiro  
 Dizer ao Rey (segundo o que entendia)  
 Os sinais temerosos que alcançara  
 Nas entranhas das victimas que oulhara.

A isto mais se ajunta que hum deuoto  
 Sacerdote da ley de Maphamede,  
 Dos odios concebidos nam remoto  
 Contra a diuina Fè que tudo excede:  
 Em forma do Propheta falso & noto,  
 Que do filho da escrava Agar procede,  
 Baco odioso em sonhos lhe aparece,  
 Que de seus odios inda se nam dece,

E dizlhe assi, guardaiuos gente minha, e não os  
 Do mal que se aparelha pelo inimigo, antes  
 Que pelas agoas humidas caminha e anda  
 Antes que esteis mais perto do perigo  
 Isto dizendo acorda o Mouro a filha,  
 Espantado do sonho: mas consigo  
 Cuida que não he mais que sonho usado  
 Torna a dormir quieto, & sossegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
 O gram legislador que a teus passados,  
 Tem mostrado o preceito a que obedeces.  
 Sem o qual foreis muitos baptizados?  
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
 Pois saberas que aquelles que chegados,  
 De nouo saõ, seraõ muy grande dano  
 Da lei que eu dei ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente  
 Ordena como em tudo se resista,  
 Porque quando o Sol sac facilmente  
 Se pode nelle pôr a aguda vista:  
 Porem despois que sobe claro, & ardente,  
 Se agudeza dos olhos o conquista,  
 Tam cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe nam tolheis.



Isto dito, elle, & o sono se despede,  
 Tremendo fica o atonito Agareno,  
 Salta da cama, lume aos feruos pede  
 Laurando nelle o feruido veneno:  
 Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
 Mostrara rosto Angelico, & sereno,  
 Conuocou os principais da torpe ceita,  
 Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres, & contrarios  
 Alli se dão segundo o que entendião,  
 Astutas traições, enganos varios,  
 Perfidias inuentauão, & tecião:  
 Mas deixando conselhos temerarios,  
 Destruicão da gente pretendião,  
 Por manhas mais sotis, & ardis melhores  
 Com peitas adquerindo os regedores.

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas,  
 Conciliã o da terra os principais,  
 E com razões notaucis, & discretas,  
 Mostraõ ser perdição dos naturais,  
 Dizendo, que saõ gentes inquietas,  
 Que os mares discorrendo Occidentais,  
 Viuem sô de praticas rapinas,  
 Sem Rey, sem leys humanas, ou diuinas.

O quanto deue o Rey que bem gouerna  
 De olhar que os conselheiros ou privados  
 De consciencia, & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados;  
 Porque como estè posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos apartados  
 Negocios, ter noticia mais inteira;  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direi que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa,  
 Que se enleue num pobre e humilde mato  
 Onde ambiçam a caso ande encuberta,  
 E quando hũ bõ em tudo he justo e santo;  
 Em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal com elles poderà ter conta  
 A quieta innocencia; em sò Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,  
 Que o Gentilico pouo governauam,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portugues despacho dillatauam:  
 Mas o Gamma, que não pretende mais  
 De tudo quanto os Mouros ordena uão,  
 Que levar a seu Rey hum sinal certo  
 Do mundo, que deixaua descuberto.



X

OS LUSIAD. DE L. DE CAM  
Nisto trabalha sò, que bem sabia  
Que despois que leuasse esta certeza,  
Armas, & nãos, & gentes mandaria  
Manoel, que exercita a summa alteza,  
Com que a seu jugo & lei someteria  
Das terras, & do mar a redondeza,  
Que elle não era mais que hum diligente  
Descobridor das terras do Oriente,

Fallar ao Rei gentio determina,  
Porque com seu despacho se tornasse,  
Que ja sentia em tudo da malina  
Gente, impedir lhe quanto desejasse;  
O Rey que da noticia falsa, & indina  
Nam era despantar se se espantasse,  
Que tam credulo era em seus agouros,  
E mais sendo affirmados pellos Mouros;

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza está sujeito,  
Hum desejo immortal lhe acêde e atica,  
Que bem vê que grandissimo proveito  
Fara, se com verdade, & com justiça  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comette o Rey dos Lusitanos:

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava muy contrarios pareceres,  
 Que naquelles com quem se aconselhava  
 Executa o dinheiro seus poderes,  
 O grande capitam chamar mandava,  
 A quem chegado disse: se quiseses  
 Confessar-me a verdade limpa & nua,  
 Perdam alcançaras da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
 Que de teu Rey me deste, que he fingida,  
 Porque nem tu tês Rey nã patria amada,  
 Mas vagabundo vãs passando a vida;  
 Que quem da Hisperia vltima alongada  
 Rey ou senhor de insania desmedida,  
 Ha de vir cometer com naos & frotas  
 Tam incertas viagēs & remotas?

E se de grandes Reynos poderosos  
 O teu Rey tem a regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos;  
 Sinais de tua incognita verdade?  
 Com peças & doës altos sumptuosos  
 Se lia dos Reys altos a amizade,  
 Que final nem penhor nã he bastante  
 As palauras de hum vago navegante.



Se por ventura vindes desterrados,  
 Como já foram homẽs de alta sorte,  
 Em meu Reino fereis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria para o forte,  
 Ou se piratas sois ao mar vsados,  
 Dizemo sem temor de infamia ou morte  
 Que por se sustentar em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto si dito, o Gamma que ja tinha  
 Suspeitas das infidias que ordenaua,  
 O M. hometico odio, donde vinha  
 Aquillo, que tam mal o Rey cuydaua,  
 Cũa alta confiança, que conuinba,  
 Com que seguro credito alcançaua,  
 Que Venus Acilalia lhe influi,  
 Tais palauras do sabio peito abria:

Se os antigos delitos, que a malicia  
 Humana commeteo na prisca idade,  
 Não causara n, que o vaso da iniquicia,  
 Aconte t em cruel d. Christian la te,  
 Viera por perpetua inimicia  
 Na geraçam de Adam, co a falsidade,  
 O poderoso Rey da torpe ceta,  
 Não conceberas tu tam ma sospeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança  
 Sem grandes oppressões, & em todo o feyto  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor viue sempre de seu peyto:  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade: sem respeyto  
 Das razões em contrario que acharias  
 Senão crêsses a quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas sô viuesse  
 Vndiuago, ou da patria desterrado,  
 Como cres que tão longe me viesse,  
 Buscar assento incognito & apartado,  
 Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar yrado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes alta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Eu não vim mais q̃ achar o estranho Clima  
 Onde a natura pôs teu Reyno antigo:  
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
 q̃ eu torne a minha patria, & Reyno amigo,  
 Então verás o dom soberbo, & rico  
 Com que minha tornada certifico.



Se te parece inopinado feito,  
 Que Rei da vltima Hisperia a ti me mande,  
 O coração sublime, o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre, & gram conceito  
 Do Lusitano espirito demande  
 Maior credito, & fê de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
 Reis nossos firmemente propuserão  
 De vencer os trabalhos, & perigos,  
 Que sempre às grandes cousas se opuserão,  
 E descobrindo os mares inimigos  
 De quieto descanso, pretenderão  
 De saber que fim tinhão, & onde estauão  
 As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro  
 Do venturoso Rei, que arou primeiro  
 O mar, por yr deitar do ninho caro  
 O morador de Abila, derradeiro:  
 Este por sua industria, & engenho raro,  
 Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pode a parte, que faz clara  
 De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, & da Ara.  
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeiros  
 No peito as ousadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,  
 Que hús suscedendo aos outros preguirão;  
 De Affrica os moradores derradeiros  
 Austrais, que nunca sete flammias virão,  
 Forão vistos de nos, atras deyxando  
 Quantos estão os Tropiccos queymando.

Afsi com firme peyto, & com tamanho  
 Proposito vencemos â Fortuna  
 Até que nos no teu terreno estranho  
 Viemos pôr a vltima coluna:  
 Rompendo a força do liquido Estanho  
 Da tempesta de horrifica, & importuna  
 A ti chegamos, de quem sò queremos  
 Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria  
 Por tão incerto bem, tão fraco premio  
 Qual, não sendo isto afsi, esperar podia,  
 Tão longo, tão fingido, & vão proemio  
 Mas antes descansar me deixaria  
 No nunca descansado & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata inico  
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.



OS LUSIADAS DE L. DE CAM.

Assi que o Rey, se minha grão verdade,  
Tês por qual he, sincera, & não dobrada  
Ajuntame ao despacho breuida de,  
Não me impidas o gofio da tornada:  
E se inda te parece falsidade,  
Cuyda bem na razão que está prouada,  
Que com claro juyzo pode verse,  
Que he facil a verdade de entenderse.

Atento estaua o Rey na segurança,  
Com que prouaua o Gama o que dezia,  
Concebe d'elle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Ponde, das palauras a abastança,  
Julga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados,  
Os Catuais cutrutos, mal julgados.

Intamente a cobiça do proueito,  
Que espera do contrato Lusitano,  
O faz obedecer, & ter respeyto,  
Co Capitaõ, & não co Mauro engano:  
Em fim ao Gama manda, que direito  
Aas nãos se vâ, & seguro dalgum dano,  
Possa a terra mandar qualquer fazenda,  
Que pela especiaría troque, & venda.

Que.

Que m'ande da fazenda, em fim lhe manda,  
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
 Salgũa traz idonea la da banda  
 Donde a terra se acaba, & o mar começa:  
 Lá da Real presença veneranda  
 Se parte o Capitam, pera onde peça,  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcação, que a sua está de largo.

Embarcação que o leue às naos lhe pede:  
 Mas õ mao Regedor, que novos laços,  
 Lhe machinaua, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças, & embaraços:  
 Coelle parte ao caes, porque o arrede,  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde, sem que seu Rey tenha noticia,  
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarcaçam bastante, em que partisse:  
 Ou que pera a luz craftina do dia  
 Futuro sua partida diffirisse:  
 Ia com tantas rarasanças entendia  
 O Gama, que o Genticõ consentisse  
 Na ma tençam dos Mouros, torpe, & fera,  
 O que delle ate li nam entendera:



Era este Catual hum dos que estauão  
 Corrutos pela Maumetana gente,  
 O principal por quem se gouernauão  
 As cidades do Samorin potente:  
 Delle fomite os Moures esperauão  
 E feyto a seus enganostorpemente,  
 Elle que no concerto vil conspira  
 De suas esperanças não delira.

○ Gama com instancia lhe requiere  
 Que o mande pôr nas naos, & não lhe val,  
 E que assi lho mandára, lhe refere,  
 O nobre successor de Perimal:  
 Porque razão lhe impede, & lhe difere  
 A fazenda trazer de Portugal,  
 Pois aquillo que os Reys ja tem mandado  
 Nam pode ser por outrem derogado?

pouco obedece o Catual coriuto  
 A tais palauras, antes reuoluendo  
 Na fantasia algum sutil, & astuto  
 Engano diabolico, & estupendo:  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue auorrecido, estaua vendo,  
 Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
 Porque nenhúa aa patria mais tornasse.

Que

Que nenhum torne aa patria só pretende  
O conselho infernal dos Maometanos,  
Porque nam saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rey dos Lusitanos:  
Não parte o Gama em fim, que lho defende  
O Regedor dos barbaros profanos,  
Nam sem licença sua yrse podia,  
Que as almadias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do capitão,  
Responde o Idolatra, que mandasse  
Chegar aa terra as naos, que longe estão,  
Porque melhor dali fosse, & tornasse:  
Sinal he de enemigo, & de ladrão,  
Que là tam longe a frota se alargasse,  
Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama  
Enxerga bem que as naos deseja perto  
O Catual, porque com ferro, & flama  
Lhas assalte por odio descuberto:  
Em varios pensamentos se derrama:  
Fancasando està remedio certo,  
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,  
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o reflexo lume do polido,  
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
Que do rayo solar sendo ferido,  
Vai ferir noutra parte luminoso,  
E sendo da ouciosa mão mouido  
Pela casa do moço curioso,  
Anda pelas paredes, & telhado,  
Tremulo aqui, & ali & deffo segado.

Tal o vago juyzo fluctuaua  
De Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por caso o esperaua  
Na praia cos bateis como ordenara:  
Logo secretamente lhe mandaua,  
Que se tornasse aa frota que deixàra.  
Nam fosse salteado dos enganos,  
Que esperaua dos feros Mauritanos.

Talha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igualalos,  
Voar co pensamento a toda a parte  
Adeuinar perigos, & iuitallos:  
Com miliar engenho, & sutil arte  
Entender os imigos, & enganalos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O Capitam que diga, não cuidey.

*Infiste o Malabar em tello preso,*

*Se não manda chegar a terra a armada;*

*Eile constante, & de ira nobre acefo*

*Os ameaços seus não teme em nada:*

*Que antes quer sobre si tomar o peso,*

*De quanto mal a vil malicia oufada*

*Lhe andar armando, que por em ventura*

*A frôta de seu Rey; que tem segura,*

*Aquella noite esteve ali detido,*

*E parte do outro dia, quando ordena*

*De se tornar ao Rey, mas impedido*

*Foy da guarda que tinha não pequena:*

*Commettelhe o Gentio outro partido,*

*Temendo de seu Rey castigo, ou pena,*

*Se sabe esta malicia, a qual afinha*

*Sabera, se mais tempo ali o detinha:*

*Dizlhe que mande vir toda a fazenda*

*Vendiuel, que trazia, pera a terra,*

*Pera que de uagar se troque & venda,*

*Que quẽ não quer commercio busca guerra*

*Posto que os maos propositos entenda*

*O Gamma, que o damnado peito encerra,*

*Consente, porque sabe por verdade,*

*Que compra co a fazenda a liberdade.*

*Concer;*



OS LUSIADAS DE L. DE CAM!

Concertamse, que o negro mande dar  
Embarcações idoneas, com que venha,  
Que os seus bateis não quer aventurar,  
Onde lhos tame o imigo, ou lhos detenha:  
Partem as almadias a buscar  
Mercadoria Hispana, que conuenha;  
Escreue a seu irmão, que lhe mandasse  
A fazenda com que se resgataſſe.

Vem a fazenda à terra, aonde logo  
Agasalhou o infame Catual,  
Com ella ficam Alvaro & Diogo,  
Que a podeſſem vender pello que val,  
Se mais que obrigação, que mando e rogo  
No peito vil, o premio pode & val,  
Bem o mostra o gentio a quẽ o entenda,  
Pois o Gama ſoltou pella fazenda.

Por ella o solta, crendo que alli tinha  
Penhor bastante, donde recebeſſe  
Interesse mayor do que lhe vinha,  
Se o capitam mais tempo detiueſſe;  
Elle vendo que já lhe não conumba  
Tornar a terra, por que não podeſſe  
Ser mais detido, sendo às naos chegado  
Nellas estar se deixa descansado.

Nas naos estar se deixa vagaroso,  
 Atê ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia ja do cobiçoso  
 Regedor corrompido & pouco nobre;  
 Veja agora o juyzo curioso  
 Quanto no rico, assi como no pobre  
 pode o vil interesse & cede imiga  
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,  
 Sò por ficar senhor do gram thesouro,  
 Entra pello fortissimo edificio  
 Com a filha de Acriso a chuua douro,  
 Pode tanto em Tarpeia o auaro vicio,  
 Que a troco do metal luzente & louro  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 Na qual quasi affogada em pago morre.

Este rende monidas fortalezas,  
 Faz tredores & falsos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega capitaães aos inimigos,  
 Este corrompe virginaes purezas,  
 Sê temer de honra ou fama algûs perigos  
 Este deprava às vezes as scienciãs,  
 Os juyzos cegando, & as consciencias.



OS LIVSIAD. DE L. DE CAM.

*Este intrepeta mais que sutilmente  
Os textos, este faz & desfaz leys,  
Este causa os perjurios entre a gente,  
E mil vezes tirannos torna os Reys.  
Atè os que sô a Deos omnipotente  
Se dedicam, mil vezes ouuireis,  
Que corrompe este encantador & illude,  
Mas não sem cor com tudo de virtude.*

F I M.

CANTO NONO.

**T***Eueraam longamente na cidade  
Sem vender a fazenda os dous fei-  
tores,*

*Que os infieis por manha & falsidade,  
Fazê que lha não cõprem os mercadores,  
Que todo seu proposito & vontade  
Era deter ali os descobridores  
Da india tanto tempo, que viessem  
De Meca as naos, que as suas desfizessẽ.*

*La*

**L**a no seio Eritreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que despois em Suez se conuerteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que se engrandeceo  
 Com a superstição falsa, & profana,  
 Da relegiosa agoa Maumetana.

**G**idà se chama o porto, a onde o trato  
 De todo o roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proueito grande, & grato  
 O Soldão que esse Reino possuia:  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

**P**or estas naos os Mouros esperauão,  
 Que como fossem grandes, & possantes  
 Aquellas, que o comercio lhe tomauão,  
 Com flamas abraassem crepitantes:  
 Neste socorro tanto confiauo,  
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,  
 Senam que tanto tempo ali tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.



Mas o Governador dos ceos, & gentes,  
 Que pera quanto tem determinado,  
 De longe os meyoys dá conuenientes,  
 Por onde vem a effeito o fim fadado,  
 Influyo piadosos accidentes  
 De afeição em Monçaide, que guardado,  
 Estaua pera dar ao Gama auiso,  
 E merecer por isso o Parayso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,  
 Por ser Mouro como elles, antes era,  
 Participante em quanto machinauão,  
 A tenção lhe descobre torpe, & fera:  
 Muitas vezes as naos que longe estauão,  
 Visita, & compiedade considera,  
 O dano, sem razão, que se lhe ordena,  
 Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,  
 Que de Arabica Meca vem cadano,  
 Que agora sam dos seus tam desejadas,  
 Pera ser instrumento deste dano:  
 Dizlhe que vem de gente carregadas,  
 E dos trouões horrendos de Vulcano,  
 E que pode ser dellas oprimido,  
 Segundo estaua mal apercebido.

O Gama que tambem considerava,  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que despacho ja não esperava  
 Melhor do Rey, que os Maumetanos ama:  
 Aos feitores que em terra estão mandava,  
 Que se tornem aas naos, & porque a fama  
 Desta subita vinda os não impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

porem não tardou muito, que voando  
 Hum rumor nam soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Foram sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio Capitão, com breuidade  
 Faz represaria nūs, que as naos vierão  
 A vender pedraria que trouxerão.

Era nestes antigos mercadores  
 Ricos em Calecu, & conhecidos  
 Da falta delles logo entre os milhores  
 Sentido foi, que estão no mar retidos:  
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
 Voluem o cabrestante, & repartidos  
 Pello trabalho, hūs puxão pela amarra,  
 Outros quebrão co peito duro a barra.



Outros pendem da verga, & ja desatão  
 A vella, que com gritos se soltaua,  
 Quando com mayor grita ao Rey relatão  
 A pressa, com que a armada se leuaua:  
 As molheres & filhos que se matão  
 Daquelles que vão presos, onde estaua  
 O Samorin, se aqueixão que perdidos  
 Hũs tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda liuremente,  
 A pesar dos inimigos Maumetanos,  
 Porque lhe torne a sua presa gente:  
 Desculpas manda o Rey de seus enganos,  
 Recebe o Capitam de melhormente  
 Os presos, que as desculpas, & tornando  
 Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende  
 Que em vão co Rey gentio trabalhaua,  
 Em querer d'elle paz, a qual pretende  
 Por firmar o comercio que trataua?  
 Mas como aquella terra que se estende  
 Pella Aurora, sabida ja deixaua,  
 Com estas nouas torna aa patria cara,  
 Certos finais leuando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou  
 Per força, dos que o Samorim mandara,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leua pimenta ardente, que comprara:  
 A seca flor de Banda não ficou,  
 A Noz, & o negro Crauo, que faz clara,  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

Isto tudo lhe ouuera a diligencia  
 De Monçaide fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no liuro de Christo que se escreua,  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou de scura treua,  
 Etam longe da patria achou maneira,  
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,  
 As venturoſas naos, leuando a proa  
 Pera onde a natureza tinha posta  
 A Meta Austrina da esperança boa:  
 Leuando alegres nouas & reposta,  
 Da parte Oriental pera Lisboa,  
 Outra vez cometendo os duros medos  
 Do mar incerto, temidos & ledos.



O prazer de chegar à patria cara  
 A seus penates caros, & parentes  
 Pera contar a peregrina, & rara  
 Nauegação, os varios ceos, & gentes,  
 Vir a lograr o premio, que ganhara,  
 Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
 Cada hum tem por gosto tam perfeito,  
 Que o coração para elle he vaso estreito.

Potem a Deosa Cipria, que ordenada,  
 Era pera fauor dos Lusitanos  
 Do Padre Eterno, & por bom genio dada  
 Que sempre os guia ja de longos annos:  
 A gloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem soffridos danos,  
 Lhe andaua ja ordenando, & pretendia  
 Dalhe nos mares tristes alegria.

Depois de ter hum pouco resoluido  
 Na mente, o largo mar que nauegarão,  
 Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
 Nas Amphioncas Thebas, se causarão,  
 Ia trazia, de longe no sentido,  
 Pera premio de quanto mal passarão,  
 Buscarlhe algum deleite, algum descanso,  
 No Reyno de cristal liquido, & manso.

Alguma

Algun repouso em fim, com que pudesse  
 Refucilar a lassa humanidade  
 Dos nauegantes seus como interesse  
 Do trabalho que incurta a breue idade:  
 Parcelhe razão que conta desse  
 A seu filho, por cuja potestade  
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,  
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina  
 De terlhe aparelhada lá no meio  
 Das agoas, algũa insula diuina,  
 Ornada de esmaltado, & verde arreo:  
 Que muitas tem no reino, que confia  
 Da mãy primeira, co terreno seio,  
 Afora as que possui soberanas,  
 Pera dentro das portas Herculanas.

Ali quer que as aquaticas donzellas,  
 Esperem os forrissimos barões,  
 Todas as que tem titulo de bellas,  
 Gloria dos olhos, dor dos coraçõs,  
 Com danças, & coreas, porque nellas,  
 Influirã secretas affeições,  
 Pera com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se affeçoarem.



Tal manha buscou ja, pera que aquelle  
 Que de Achises pario, bem recebido  
 Fosse no campo que a bouina pelle:  
 Tomou de espaço, por sutil partido:  
 Seu filho vai buscar, porque sô nelle  
 Tem todo seu poder, fero Cupido,  
 Que assi como naquella empresa antiga  
 A ajudou ja, nest'outra a ajude, & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida  
 Vão da morte as exequias celebrando,  
 E aquellas em que ja foi conuertida  
 Peristera, as boninas apanhando:  
 Em derredor da Deosa ja partida,  
 No ar la sciuos beijos se vão dando,  
 Ella por onde passa o ar, & o vento,  
 Sereno faz, com brando mouimento.

La sobre os Idalios montes pende,  
 Onde o filho frecheiro estaua então,  
 Ajuntando outros muitos, que pretende  
 Fazer hũa famosa expedição  
 Contra o mundo reuelde, porque emende,  
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
 Amando cousas que nos forão dadas,  
 Nam pera ser amadas, mas usadas.

Via Asteon na casa, tam austero,  
 Do cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feo animal fero,  
 Foge da gente, & bella forma humana:  
 E por castigo quer doce, & seucro,  
 Mostralhe a fermosura de Diana,  
 E guardese nam seja iada comido  
 Desses cães que agora ama, & consumido.

E vè do mundo todo, os principais,  
 Que nenhum no bem pubrico imagina,  
 Vè nelles, que não tem amor a mais  
 Que a si sòmente, & a quem Philaucia insina.  
 Vè que elles que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira, & saã doctrina,  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondarse o nouo trigo florecente.

Vé que aquelles que deuem à pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão sòmente mandos, & riqueza,  
 Simulando justiça, & integridade.  
 Da fea tyrania, & de aspereza,  
 Fazem direito, & vaã seueridade:  
 Leis em fauor do Rey se estabelecem;  
 As em fauor do pouo só perecem.

Vé em



Vé em fim que ninguém ama o que deue,  
 Se não o que fomenta mal deseja,  
 Não quer que tanto tempo se relene,  
 O castigo que duro, & justo seja:  
 Seus ministros ajunta, porque leve  
 Exercitos conformes aa peleja,  
 Que espera ter coa mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
 Estão em varias obras trabalhando,  
 Hús amolando ferros passadores,  
 Outros asteas de ferro delgaçando:  
 Trabalhando cantando estão de amores,  
 Varios casos em verso modulando,  
 Melodia sonora, & concertada,  
 Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauão,  
 Pera as setas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estauão,  
 Viuas entranhas inda palpitantes:  
 As agoas onde os ferros temperauão,  
 Lagrimas são de mileros amantes  
 A viua flama, o nunca morto lume,  
 Desejo he lô que queima, & não consume.

Algũs exercitando a mão andauão,  
 Nos duros corações da plebe ruda,  
 Crebros sospiros pelo ar soauão  
 Dos que feridos vão, da seta aguda,  
 Fermosas Nimphas são, as que curauão  
 As chagas recebidas, cuja ajuda  
 Não sómente dà vida aos mal feridos,  
 Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas são algũas, & outras feas,  
 Segundo a qualidade for das chagas;  
 Que o veneno espalhado pelas veas,  
 Curaõno às vezes asperas triagas:  
 Algũs ficão ligados em cadeas,  
 Por palauras fútis de sabias Magas,  
 Isto acontece às vezes quando as setas  
 Acertão de leuar etuas lecretas.

Destes tiros assi desordenados  
 Que estes moços mal destros vam tirando,  
 Nascem amores mil desconcertados,  
 Entre o pouo ferido miserando,  
 Etambem nos heroes de altos estados,  
 Exemplos mil se vem de amor nefando,  
 Qual o das moças Bibli, & Cynirea  
 Hum maacebo de Assiria, hum de Iudca.



E vos ô poderosos por pastoras  
 Muytas vezes ferido o peito vedes,  
 E por baixos, & rudos vos senhoras  
 Tambem vos tomão nas Vulcanias redes :  
 Hús esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados & paredes,  
 Mas eu creyo que deste amor indino,  
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,  
 Punhão os brancos Cisnes brandamente,  
 E Dione, que as rosas entre a neve  
 No rosto traz, decia deligente:  
 O frecheiro, que contra o ceo se atreue,  
 A recbella vem, ledo & contente,  
 Vem todos os cupidos seruidores,  
 Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,  
 Nos braços tendo o filho, confiada  
 Lhe diz, amado filho em cuja mão  
 Toda minha potencia estâ fundada:  
 Filho em quem minhas forças sempre estã  
 Tu que as armas Tifeas tês en nada,  
 A socorrerme a tua potestade,  
 Me traz especial necessidade.

Bem ves as Lusitanicãs fadigas,  
 Que eu ja de muito longe fauoreço,  
 Porque das Parcas sey minhas amigas,  
 Que me aude venerar & ter em preço,  
 E porque tanto imitam as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estender o poder nosso.

E porque das infidias do odioso  
 Baco forão na India molestados,  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados,  
 Tomando a quelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Damor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descubrir o nouo mundo,  
 Todas nũa ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dãos de Flora, & Zefiro adornada.



Ali com mil refrescos & manjares,  
 Com vinhos odoriferos, & rosas,  
 Em cristalinos paços singulares,  
 Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:  
 Em fim com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as Nymphas amorosas,  
 Damorferidas, para lhe entregarem  
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no Reino Neptunino  
 Onde eu nasci, progenie forte & bella,  
 E tome exemplo o mundo vil malino,  
 Que contra tua potencia se reuela:  
 Porque entendão que muro Adamantino,  
 Nem triste hypocresia val contra ella,  
 Mal auerá na terra quem se guarde,  
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assim Venus propos, & o filho unico  
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
 Manda trazer o arco eburneo rico,  
 Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
 Cogesto ledo a Cipria, & impudico,  
 Dentro no carro o filho seu recebe,  
 A redea larga aas aues, cujo canto  
 A Phaetontea morte chorou tanto.

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Húa famosa, & celebre tereeyra,  
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,  
 Outras muytas a tem por companhia:  
 A Deosa Gigantea temeraria,  
 lactante, mintirosa, & verda deyra,  
 Que com cem olhos vé, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandão adiante,  
 Que celebrando vâ com tuba clara,  
 Os louvores da gente nauegante  
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante  
 Pelas fundas cauernas se espalhàra,  
 Fala verdade, a vida por verdade,  
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

Olouor grande, o rumor excellente  
 No coração dos Deoses, que indignados  
 Forão por Baco contra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:  
 O peyto feminil, que leuemente  
 Muda quacsquer propositos tomados,  
 Ia julga por mau zelo, & por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede



Despede nisto o fero moço as setas  
 Hũa apos outra, gemo o mar cos tiros,  
 Dereitas pelas ondas inquietas,  
 Algũas vão, & algũas fazem giros:  
 Caem as Nimphas, lançam das secretas  
 Entranhas ardentissimos sospiros,  
 Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
 Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,  
 Com força o moço indomito excessiua,  
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,  
 Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:  
 Ia não fica na aljava seta algũa,  
 Nem nos equoreos campos Nimpha viua,  
 E se feridas inda estão viuendo,  
 Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas, & ceruleas õndas,  
 Que vedes Venus traz a medecina,  
 Mostrando as brancas vellas, & redondas,  
 Que vem por cima da agoa Neptunina:  
 Pera que tu reciproco respondas  
 Ardente Amor aa flama feminina,  
 He forçado que a pudicicia honesta  
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha,  
 Das Nereidas, & junto caminhaua  
 En coreas gentis, vfança velha,  
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha,  
 O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offercidas.

Cortando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desejando prouerse de agoa fria,  
 Pera a grande viagem prolongada:  
 Quando juntas com subita alegria,  
 Ouuerão vista da ilha namorada,  
 Rompendo pelo ceo a máy fermosa  
 De Menonio, luauç, & deleitosa.

De longe a ilha virão fresca, & bella,  
 Que Venus pelas ondas lha leuaua,  
 (Bem como o vento leua branca vella)  
 Pera onde a forte armada se enxergaua,  
 Que porque não passassem, sem que nella,  
 Tomassem porto, como desejava,  
 Pera onde as naos nauegão a mouia,  
 ▲ Accidalia, que tudo em fim podia.



Mas firme a fez, & imobil, como vio  
 Que era dos Nautas vista, & demandada,  
 Qual ficou Delos, tanto que pario,  
 Latona Phebo, & a Deosa à casa usada:  
 Pera là logo a proa o mar abriu  
 Onde a costa fazia hũa enseada,  
 Curua, & quieta, cuja branca areia  
 Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornauão,  
 Na fermosa ilha, alegre, & deleitosa:  
 Claras fontes, & limpidas manauão  
 Do cume, que a verdura tem viçosa,  
 Por entre pedras aluas se diriuu,  
 A sonorosa Limpha fugitiua.

Num valle a verde que os outeiros fende,  
 Vinhão as claras agoas ajuntarse,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende  
 Tam bella, quanto pode imaginarse.  
 Aruoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está pera afeitar-se,  
 Vendose no cristal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos odoriferos, & bellos,  
 A Lorangeira tem no fruto lindo  
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostase no chão, que está caindo  
 A Cidreira cos pesos amarellos,  
 Os fermosos limões ali cheirando,  
 Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros  
 Tem confrendente coma emnobrecidos,  
 Alemos sam de Alcides, & os Loureiros  
 Do louro Deos amados, & queridos:  
 Mirtos de Cytherca, cos Pinheiros  
 De Cybele por outro amor vencidos,  
 Está apontando o agudo Cipariso  
 Para onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dà Pomana, ali natura  
 Produze diferentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dão muito milhores.  
 As Cercijas porpureas na pintura,  
 As Amoras, que o nome tem de amores,  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Melhor tornado no torrendo alheio.



Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
 Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:  
 Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda  
 Vide, cús cachos roxos & outros verdes:  
 E vos se na vossa aruore fecunda  
 Peras Piramidais viuer quiserdes,  
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos,  
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
 Com que se cobre o rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina:  
 Mas o sombrio valle mais ameno:  
 Alli a cabeça o flor Cyfisia inclina,  
 Sobello tanque lucido & sereno,  
 Florece o filho & neto de Cyniras,  
 Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil cousa fora,  
 No ceo vendo & na terra as mesmas cores,  
 Se daua aas flores cor a bella Aurora,  
 Ou se lha dá a ella as bellas flores:  
 Pintando estaua ali Zefiro & Flora  
 As violas da cor dos amadores,  
 O Lirio roxo, a fresca rosa bella,  
 Qual reluze nas faces da donzella.

*A candida Cecém das Matutinas*

*Lgrimas ruciada, & a Manjarona,  
Vense as letras nas flores Hyacintinas:  
Vam queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos & boninas  
Que competia Cloris com Pomona:  
Pois se as aues no ar cantando voão,  
Alegres animais o chão pouoão.*

*A longo da agoa o niueo Cisne canta,  
Responde lbe do ramo Philomela,  
Da sombra de seus cornos nam se espanta  
Acteon nagoa cristalina & bella:  
Aqui a fugate Lebre se leuanta  
Da espeſsa mata, ou temida Gazella,  
Ali no bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ô leue passarinho.*

*Nesta frescura tal desembarcauão  
Ia das naos os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixauão  
Andar as bellas Deofas como incautas,  
Algũas doçes Cytaras tocauão,  
Algũas arpas, & sonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro se fingião  
Seguir os animais, que nam seguião.*



Assim lho aconselbara a mestra experta,  
 Que andassem pelos campos espalhadas,  
 Que vista dos barões a presa incerta,  
 Se fizessem primeyro desejadas  
 Algũas, que na forma descuberta  
 Do bello corpo estauão confiadas,  
 Posta a artificiosa fermosura,  
 Nuas lauar-se deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
 Punhão os pes de terra cubiçosos,  
 Que não ha nenhum delles, que não saya  
 De acharem caça agreste desejosos  
 Não cuydão que sem laço ou redes caya  
 Caça naquelles montes deleytosos  
 Tão suauê, domestica, & benina,  
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas  
 Pera ferir os Ceruos se fiaũo,  
 Pelos sombrios matos, & florestas  
 Determinadamente se lançaũo  
 Outros nas sombras, que de as altas sestas  
 Defendem a verdura, passeaũo  
 Ao longo da agoa, que suauê, & queda  
 Por aluas pedras corre â praya leda.

Começão

## Começão de enxergar subitamente

Por entre verdes ramos varias cores,  
 Cores de quem a vista julga, & sente,  
 Que não erão das rosas, ou das flores,  
 Mas da lam fina, & seda diferente  
 Que mais incita a força dos amores,  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendose por arte mais fermosas.

Da Veloso espantado hum grande grito,  
 Senhores caça estranha disse he esta,  
 Se inda durão o Gentio antigo rito,  
 A Deosas he sagrada esta floresta:  
 Mais descobrimos do que humano espirito  
 Desejou nunca, & bem se manifesta  
 Que sam grandes as cosas, & excellentes  
 Que o mundo encobre aos homões imprudêtes.

Sigamos estas Deosas, & vejamos,  
 Se fantasticas sam, se verdadeiras,  
 Isto dito velloces mais que Gamos,  
 Se lançam a correr pelas ribeiras:  
 Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos  
 Mas mais industriosas que ligeiras,  
 Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,  
 Se deixão yr dos Galgos alcançando.



De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
 Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
 Acendese o desejo que se ceua  
 Nas aluas carnes subito mostradas,  
 Hũa de industria cae, & ja releua  
 Com mostras mais mansas, que indinadas,  
 Que sobre ella empecendo tambem caia  
 Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
 Com as Deosas despidas, que se lauão,  
 Ellas começam subito a gritar,  
 Como que assalto tal nam esperauão,  
 Hũas fingindo menos estimar  
 A vergonha, que a força, se lançauão  
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
 O que ás mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,  
 Aa vergonha da Deosa caçadora,  
 Esconde o corpo nagoa, outra se apressa  
 Por tomar os vestidos, que tem fora:  
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa  
 Vestido assi & calçado (que co a mora)  
 Desse despir, ha medo que inda tarde  
 A matar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual tão de caçador sagaz, & ardido,  
 Usado a tomar na agoa a aue ferida  
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
 Pera a Garcenba, ou Pata conbecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta nagoa, & da presa nam duuida,  
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo  
 Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,  
 Manhoso, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor não dera hum so desgosto,  
 Mas sempre fora delle mal tratado:  
 E tinha ja por firme profuposto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem não que perdesse a esperançã,  
 De inda poder seu fado ter mudançã.

Quis aqui sua ventura, que corria  
 Apos Efire, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria,  
 O que deu pera darse a natureza,  
 Ia cansado correndo lbe dizia.  
 O fermosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.  
 Todos



Todas de correr cansam, Nimpba pura,  
 Rendendo se á vontade do inimigo,  
 Tu so de my so foges na' espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te figo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que em toda a parte sempre anda comigo,  
 O nam na creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas: & se queres  
 Fugirme, porque nam possa tocarte,  
 Minba ventura he tal, que inda que esperes  
 Ella farà que nam possa alcançarte:  
 Espera, quero ver, se tu quiseses,  
 Que sutil modo busca de escaparte,  
 E notaràs no fim deste successo,  
 Tra la spica & la man, qual muro he me fso.

O não me fujas, asbi nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Venceràs da fortuna a força dura  
 Que Emperador, que exercito se atreue.  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quanto desejey me vay seguindo,  
 O que tu so faras nam me fugindo?

Põeſte da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:  
 Leuas me hum coração, que liure tinha?  
 Soltamo, & correras mais leuemente.  
 Não te carrega eſſa alma tam mezquinha,  
 Que neſſes fios de ouro reluzente  
 Atada leuas? ou deſpois de preſa  
 Lhe mudaſte a ventura, & menos peſa?

Neſta eſperança ſo te vou ſeguindo,  
 Que ou tu nam ſofrerás o peſo della,  
 Ou na virtude de teu geſto lindo,  
 Lhe mudarás a triſte & dura eſtrela:  
 E ſe ſe lhe mudar, nam vas fugindo,  
 Que Amor te ferirá, gentil donzella,  
 E tu me eſperarás, ſe Amor te fere,  
 E ſe me eſperas, não ha mais que eſpere.

Ia não fugia a bella Nimpba, tanto  
 Por ſe dar cara ao triſte que a ſeguia,  
 Como por yr ouuindo o doce canto,  
 As namoradas magoas que dizia:  
 Voluendo o roſto ja ſereno & ſancto,  
 Toda banbada em riſo, & alegria,  
 Cair ſe deixa aos pês do vencedor,  
 Que todo ſe deſfaz em puro amor.

O que



O que famintos beijos na floresta,  
 E que mimoso choro que soava,  
 Que afogos tam suaves, que yra honesta,  
 Que em risinhos alegres se tornaua:  
 O que mais passam na menha, & na festa  
 Que Venus com prazeres inflamaua,  
 Milhor he esprimentalo que julgalo,  
 Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas  
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas,  
 De louro, & de ouro, & flores abundantes,  
 As mãos aluas lhe dauão como esposas  
 Com palauras formais, & estipulantes  
 Se prometem eterna companhia  
 Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das Nymphas, & obedece,  
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchendo a terra & o mar de marauilha,  
 O Capitão illustre que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta, & règia,  
 Mostrando se senhor a grande, & egregia.  
 Que

Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dandolhe a entender, que ali viera  
 Por alta influição do imobil fado,  
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,  
 Da terra immensa, & mar não nauegado  
 Os segredos, por alta prophecia,  
 O que esta sua nação so merecia.

Tomandoo pela mão a leua, & guia  
 Pera o cume dum monte, & diuino,  
 No qual hũa rica fabrica se erguia  
 De cristal toda, & de ouro puro & fino:  
 A maior parte aqui passam do dia  
 Em doces jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & forte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma doce, incognita alegria,  
 O trabalhos tão longos compensando:  
 Porque dos feitos da oufadia,  
 Forte & famosa, o mundo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grande, & nome alto & subido.

Que



Que as Nimphas do Oceano tam fermosas,  
 Thetis & a Ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deleitefas  
 Honras, que a vida fazem sublimada  
 Aquellas preminencias gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De Palma, & Louro, a gloria & marauilha  
 Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
 A antiguidade, que os illustres ama,  
 La no estellante Olimpo a quem subia,  
 Sobre as alas inclitas da fama,  
 Por obras valerosas, que fazia  
 Pelo trabalho immento, que se chama  
 Caminho da virtude alto & fragoso:  
 Mas no fim dece, a legre & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte  
 Por feitos imortais & soberanos,  
 O mundo, cos varões, que esforço & arte  
 Diuinos os fizerão, sendo humanos:  
 Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
 Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
 Ceres, Palas, & Iuno com Diana  
 Todos forão de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos  
De Deoses, Semideoses immortais  
Indigetes, Eroicos, & de Magnos  
Por isso, o vos que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai ja do sono do ocio ignauo,  
Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freyo duro,  
E na ambiçam tambem, que indignamente,  
Tomais mil vezes, & no torpe escuro  
Vicio da tirana infame, & vrgente:  
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
Verdadeiro valor nam dão á gente,  
Milhor he merecellos, sem os ter  
Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dem o dos pequenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
Fareis os Reinos grandes, & possantes,  
Etodos tercis mais, & nenhum menos,  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.  
E fareis



OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E fareis claro o Rey, que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que immortais,  
Vos farão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades não façais,  
Que quem quis sempre pode, & numerados  
Sereis entre os Heróes esclarecidos,  
Enesta Ilha de Venus recebidos.

F I M.

CANTO DECIMO,  
E VLTIMO.

**M**AS la o claro amador da Lariffca,  
Adultera, inclinava os animais,  
Là pera o grande lago, que rodea,  
Temistitão, nos fins Occidentais:  
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
Co sopro, que nos tanques naturais  
Encrespa a agoa serena, & despertava,  
Os Lirios, & lazmins que a calma agrava.  
Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes  
 Pella mão ja conformes, & contentes,  
 Subião pera os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas, daltos manjares, excelentes,  
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

Aliem cadeiras ricas cristalinas,  
 Se assentão dous, & dous, amante, & dama,  
 Noutras à cabeceira douro finas,  
 Estâ coa bella Deosa o claro Gama:  
 De igoarias suaves, & diuinas  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,  
 Trazidos lá do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão não sò do Italicò Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
 Crespas eicumas erguem, que no interno,  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura dagoa fria.



Mil praticaa alegres se tocauão,  
 Risos doces, sotis & argutos ditos,  
 Que entre hũ & outro májar se aleuntauão,  
 Despertando os alegres apetitos:  
 Musicos instrumentos não faltauão,  
 Quais no profundo reyno, os nuse spritos  
 Fizerão descançar da eterna pena,  
 Cũa vez dhũa angelica Sirena.

Cantaua a bella Nimpha, & cos accents  
 Que pellos altos paços vão soando,  
 Em consonancia ygual os instrumentos  
 Suaues vem a hum tempo conformando:  
 Hum subito silencio enfrea os ventos,  
 E faz ir docemente murmurando  
 As agoas, & nas cascas naturais  
 Adormecer os brutos animais.

Com doce voz está subindo ao ceo  
 Altos varões, que estão por vir ao mundo,  
 Cujas claras Ideas viu Protheo,  
 Num globo vão, diafano, rotundo,  
 Que Iupiter em fim lho concedeo  
 Em sonhos, & despois no reino fundo  
 Vaticinando o disse, & na memoria  
 Recolheo logo a Nimpha a clara historia.

Materia he de Coturno, & não de Socco

A que a Nimpha aprendeo no immêso lago

Qual Yopas não soube, ou Demodoco

Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.

Aqui minha Caliope te inuoco

Neste trabalho extremo, porque em pago,

Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretêdo,

O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio

Ha pouco que passar até o Otono,

A fortuna me faz o engenho frio,

Do qual ja não me jacto, nem me abono:

Os desgostos me vão leuando ao rio

Do negro esquecimento, & eterno sono,

Mas tu me dâ que cumpra, o graó Rainha

Das Musas, cò que quero à nação minha.

Cantaua a bella Deosa, que virião,

Do Tejo, pello mar que o Gama abríra,

Armadas que as ribeiras vencerião,

Por onde o Oceano Indico suspira.

E que os Gentios Reis, que não dariaõ

A ceruiz sua ao jugo, o ferro, & yra,

Prouarião do braço duro, & forte,

Atè renderse a elle, ou lago á morte.



Cantaua dham que tem os Malabares  
 Do sumo sacerdocio a dignidade,  
 Que so por não quebrar cos singulares  
 Barões, os nôs que dera da amizade,  
 Sofrerá suas cidades & lugares,  
 Com ferro, incendios, ira, & crueldade  
 Ver destruir do Samorim potente,  
 Que tais odios terá coa noua gente.

E canta como la se embarcaria  
 Em Bellem o remedio deste dano,  
 Sem saber o que em si ao mar traria.  
 O peso sentirão quando entraria,  
 O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
 O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
 Quão mais nagoa os troncos q̃ gemerem,  
 Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
 E deixado em ajudado gentio  
 Rey de Cochim, com poucos naturais,  
 Nos braços do salgado & curuo rio,  
 Desbaratará os Naires infernais  
 No passo Cambalão tornando frio  
 Despanto o ardor immenso do Oriente  
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamara.

Chamará o Samorin mais gente noua:  
 Virão Reys Bipur, & de Tànòr,  
 Das serras de Narsinga, que alta proua  
 Estarão prometendo a seu senhor:  
 Fará que todo o Naire em fim se moua,  
 Que entre Calecù jaz, & Cananor,  
 Dambas as leis inimigas, pera a guerra,  
 Mouros por mar, Centios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra & mar, o grão Pacheco ausado,  
 A grande multidão que yrà matando,  
 A todo o Malabar verá admirado:  
 Cometerá outra vez não dilatando  
 O Centio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos Deoses vãos, surdos & immotos.

Ja não defenderá somente os passos,  
 Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas  
 Aceso de yra o Cão, não vendo lassas  
 Aquelles que as cidades fazem rasas:  
 Fará que os seus de vida pouco escassos,  
 Cometão o Pacheco que tem asas  
 Por dous passos num tempo, mas voando  
 Dhum noutro, tudo yrá desbaratando.



Virá ali o Samorim, porque em pessoa,  
 Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,  
 Mas hum tiro, que com zomido voa,  
 De sangue o tingir á no andar sublime:  
 Ia não ver á remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime,  
 Inuentara traições, & vãos venenos,  
 Mas sempre (o ceo querendo) far á menos,

Que tornar á a ver septima cantava,  
 Pellejar co inuidto, & forte Luso,  
 A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,  
 Mas com tudo este sò o far á confuso:  
 Trará pera a batalha horrenda, & braua,  
 Machinas de madeiros fora de uso,  
 Pera lhe abalroar as carauellas,  
 Que ateli vão lhe fora acometellas.

Pella agoa leuar á serras de fogo  
 Pera abrasar lhe quanta armada tenha,  
 Mas a militar arte, & engenho logo,  
 Far á ser vaã a braueza com que venha:  
 Nenhum claro barão no Martio jogo,  
 Que nas asas da fama se sostenha.  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

Porque

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, & artes inuentadas  
 Tantos Cães não imbelles profligados:  
 Ou parecerão fabulas. sonhadas,  
 Ou que os celestes Coros inuocados  
 Decerão a ajudallo, & lhe darão  
 Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos campos Maratonios  
 O grão poder de Dario estroe, & rende,  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Termopitas defende:  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 Em defença da ponte, ou Quinto Fabio  
 Foy com este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro  
 Abaxando fez ronco, & entrestecido,  
 Cantando em baxa voz enuolta em choro  
 O grande esforço mal agardecido:  
 O Belisario disse, que no coro  
 Das Musas, seras sempre engrandecido,  
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolarte.



Aqui tens companheiro assi nos feitos  
 Como no galardão injusto, & duro,  
 Em ti & nelle veremos altos peitos,  
 Abaxo estado vir humilde, & escuro:  
 Morrer nos hospitais em pobres leitos,  
 Os que ao Rey, & aa ley feruem de muro,  
 Isto fazem os Reys cuja vontade,  
 Manda mais que a justiça, & que a verdade.

Isto fazem os Reys, quando embebidos  
 Núa apparencia branda que os contenta,  
 Dão os premios de Aias mercidos,  
 Aa lingua van de Vliſſes fraudulenta:  
 Mas vingome que os bens mal repartidos:  
 Por quem so doces sombras apresenta,  
 Se não os dão a sabios caualeiros,  
 Dão os logo a auarentos lifengeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado  
 Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,  
 Se não es pera darlhe honroso estado,  
 He elle pera darte hum reino rico:  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apolinios rayos eu te fico  
 Que elle seja entre a gente illustre & claro  
 E tu nisto culpado por auaro.

Mas eis outro, cantava, intitulado  
 Vem com nome real, & traz consigo  
 O filho, que no mar sera illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo:  
 Ambos darão com braço forte armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella, Rey leal & humano,  
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaça, que se arrea  
 De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Depois na costa da India, andando chea  
 De lenhos inimigos, & artificios,  
 Contra os Lusos, com vellas, & com remos:  
 O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes neos do Samorim potente,  
 Que encherão todo o mar, coa ferrea pela  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, masto vela:  
 Depois lançando arpeos ousadamente  
 Na Capitaina immiga, dentro nela  
 Saltando, a fará sô com lança & espada  
 De quatrocentos Mouros despejada.



Mas de Deos a escondida providencia,  
 Que ella só sabe o bem de que se ferue,  
 O porã onde esforço, nem prudencia  
 Poderã auer, que a vida lhe referue:  
 Em Chaul, onde em sangue, & resistencia  
 O mar todo com fogo, & ferro ferue,  
 Lhe farão, que com vida sennaõ saya  
 As armadas de Egipto, & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
 Que o grande esforço, so com força rende,  
 Os ventos que faltãrão, & os perigos  
 Do mar, que sobejãrão, tudo ofende:  
 Aqui resurjão todos os antigos,  
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,  
 Outro Sceua verãõ, que espedaçado,  
 Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços,  
 Lhe leua hum cego tiro, que passãra,  
 Se ferue iuda dos animosos braços,  
 E do graõ coraçãõ, que lhe ficãra:  
 Atê que outro pilouro, quebra os laços,  
 Com que co alma o corpo se liãra,  
 Ella solta voou da prisãõ fora,  
 Onde subito se acha vencedora.

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena,  
Que o corpo que em pedaços se apresenta,  
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a gram tormenta,  
Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,  
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupeado,  
Trazendo furia, & magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe està mouendo  
Fogo no coração, agoa nos olhos.  
A nobre yra lhe vinha prometendo,  
Que o sangue fará dar pellos gíolhos,  
Nas inimigas naos, sentilo ha o Nilo,  
Podêlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro cioso, que se enfaya  
Pera a crua pelleja, os cornos tenta,  
No tronco dhum carualho, ou alta faya:  
E o âr ferindo, as forças exprimenta:  
Tal, antes que no seyo de Cambaya  
Entre Francisco irado na opulenta  
Cidade de Dahul, a espada afia,  
Abaxandolhe a tumida ousadia.



OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E logo entrando fero na enseada

De Dio, illustre em cercos, & batalhas,  
Fará espalhar a fraca, & grande armada,  
De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Fará yr ver o frio, & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando

A furia esperará dos vingadores,  
Verá braços, & pernas yr nadando,  
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,  
Rayos de fogo yraõ representando,  
No cego ardor, os brauos domadores,  
Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas, & alaridos.

Mas ah, que desta prospera victoria,

Com que despois virá ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubará a famosa gloria  
Hum successo que triste, & negro vejo:  
O Cabo Tormentorio, que a memoria,  
Cos ossos guardará não terá pejo,  
De tirar deste mundo aquelle espirito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.

Ali Cafres seluagens poderão,  
 O que deſtros inimigos não poderão  
 Erudos paos toſtados ſos farão,  
 O que arcos & pelouros não fizerão,  
 Occultos os juizes de Deos ſão,  
 As gentes vaãs que não nos entenderão,  
 Chamãolhe fado mau, fortuna eſcura,  
 Sendo ſo prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir ſinto,  
 Dezia a Nimpha, & a voz aleuantaua,  
 La no mar de Melinde em ſangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
 Será ſeu nome em todo o mar que laua  
 As ilhas do Auſtro, & praias, que ſe chamão  
 De ſão Loureço, & é todo o Sul ſe afamão.

Eſta luz he do fogo, & das luzentes  
 Armas, com q̄ Albuquerque yra amansando  
 De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valêtes,  
 Que reſuſam o jogo honroſo & brando:  
 Ali verão as ſetas eſtridentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que Deos pejeja  
 Por quem eſtende a ſé da madre Igreja.



Ali do fal os montes não defendem  
 De corrupção os corpos no combate,  
 Que mortos pella praya, & mar se estendem  
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
 Até que a força sô de braço aprendem  
 A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o Reyno inico  
 Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
 Com que victoria a frente lhe cotoa,  
 Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo  
 Toma a illustrissima de Goa:  
 Depois, obedecendo ao duro enfejo  
 A deixa, & occasião espera boa,  
 Com que a torne a tomar, q̃ esforço, & arte,  
 Venceraõ a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna, & váy rompendo  
 Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
 Abrindo com a espada o espesso, & horrêdo  
 Esquadraõ de Gentios, & de Mouros:  
 Iraõ soldados inclitos fazendo  
 Mais que Liões famelicos, & Touros,  
 Na luz que sempre celebrada, & dina  
 Serà da Egypcia Sancta, Catherina.

Nem tu menos fugir pôderas deste,  
 Posto que rica, & posto que assentada  
 La no gremio da Aurora, onde nasceste,  
 Opulenta Malaca nomeada:  
 As setas venenosas que fizeste,  
 Os Crises com que ja te vejo armada,  
 Malaios namorados, laos valentes  
 Todos faras ao Luso obedientes.

Mais estanças cantara esta Sirena  
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,  
 Mas a lembrouhe hũa yra que o condena,  
 Posto que a fama sua o mundo cerque:  
 O grande Capitão que o fado ordena  
 Que com trabalhos, gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Pera os seus, juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas  
 Doenças, frechas, & trouões ardentes,  
 A sação, & o lugar fazem cruezas  
 Nos soldados a todo obedientes:  
 Parece de seluaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos & insolentes,  
 Dar extremo suplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade & Amor desculpa.



Não será a culpa abominoso incesto  
 Nem violento estupro em virgem pura,  
 Nem menos adulterio desonesto  
 Mas cúa escrava vil lasciua, & escura:  
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
 Ou de usado a crueza fera, & dura,  
 Cos seus húa ira insana não refrea,  
 Poem na fama alua noda negra, & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado  
 Da sua Campaspe, & deulha alegremente,  
 Não sendo seu soldado esperimentado,  
 Nem vendo se num cerco duro, & vigente.  
 Sentio Ciro que andaua ja abraçado  
 Araspas, de Pantea em fogo ardente,  
 Que elle tomara em guarda, & prometia,  
 Que nenhum mau desejo o venceria.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido  
 Fora de amor, que em fim não tem defença,  
 Leuemente o perdoa, & foy seruido  
 Delle num caso grande em recompensa.  
 Per força de ludata foy marido  
 O ferreo Balduino, mas dispensa  
 Carlos pay della, posto em cousas grandes,  
 Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas proſſeguindo a Nimpha o longo canto  
 De Soarez cantava, que as bandeiras  
 Faria tremolar, & por eſpanto,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca, & Gidá, coas derradeiras  
 Prayas de Abafia: Barbarà ſe teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 Ia pello nome antigo tão famosa,  
 Quanto agora ſoberba, & ſoberana,  
 Pella cortiça calida, cheiroſa,  
 Della darà tributo à Luſitana  
 Bandeira, quando excelfa, & glorioſa,  
 Vencendo ſe erguerà na torre erguida,  
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira às ondas Eritreas,  
 Diuidindo, abrirà nouo caminho,  
 Pera ti grande Imperio que te arreias  
 De ſeres de Candace, & Sabã ninho:  
 Maqua com Cisternas de agoa cheas  
 Verà, & o porto Arquico ali vizinho  
 E farà deſcobrir remotas ilhas  
 Que dão ao mundo nouas maravilhas.



Virà despois Meneſes, cujo ferro  
 Mais na Africa, que cà terà prouado:  
 Castigarà de Ormuz soberba o erro,  
 Com lhe fazer tributo dar do brado:  
 Tambem tu Gama, em pago do deſterro,  
 Em que eſtàs, & ſeràs inda tornado,  
 Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,  
 Viràs mandar a terra que deſcobreſ.

Mas aquella fatal neceſſidade,  
 De quem ninguem ſe exime dos humanos,  
 Iluſtrado coa Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo, & ſeus enganos:  
 Outro Meneſes logo, cuja ydade  
 He mayor na prudencia, que nos anos,  
 Governará, & fará o ditolo Henrique,  
 Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerà ſomente os Malabares,  
 Deſtruindo Panane, com Coulete,  
 Cometendo as bombardas que nos ares,  
 Se vingão ſô do peito que a comete:  
 Mas com virtudes certo ſingulares,  
 Vence os inimigos da ma todos ſete,  
 De cubiça triumpho, & incontinnencia,  
 Que em tal idade he ſuma de excellencia.

Mas depois que as estrelas o chamarem,  
 Socederás ó forte Mazcardilhas,  
 E se injustos o mando te temarem,  
 Prometote que fama eterna tenhas:  
 Pera teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado que venhas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos não  
 Terà a Malaca muito tempo feitos,  
 Num só dia as injurias de mil anos  
 Vingará, co valor de illustres peitos  
 Trabalhos, & perigos inhumanos,  
 Abrolhas ferros mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Seras,  
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambição,  
 Que claramente põem aberto o rosto,  
 Contra Deos, & justiça te farão  
 Vituperio nenhum, mas só desgosto  
 Quem faz injuria vil, & sem razão  
 Com forças & poder, em que está posto,  
 Não vence, que a vitória verdadeira,  
 He saber ter justiça nua, & inteira.



OS LUSIADAS DE L. DE CAM.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
 Será no esforço illustre, & afortunado,  
 Mostrando se no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos mil verá qualhado:  
 Em Bacanô não fará cruel enfayo  
 No Ma'abar, pera que amedrontado  
 Depois a ser vencido delle venha  
 Cutiále, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
 Que Châul temerâ de grande, & ousada,  
 Farâ coa vista so perdida & rota,  
 Por Heitor da Silueira, & destrocada:  
 Por Heitor Portugues, de quem se nota,  
 Que na Costa Cambaica sempre armada,  
 Serâ aos Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz, succederâ  
 Cunha, que longo tempo tem o leme,  
 De Chale as torres altas erguerâ,  
 Em quanto Dio illustre delle treme,  
 O forte Baçaim se lhe darâ,  
 Não sem sangue porem, que nelle geme  
 Melique porque a força so de espada,  
 A tranqueira soberba ve tomada.

Tras este vem Noronha, cujo *Auspicio*  
 De Dio os Rumes feros afugenta,  
 Dio que o peito & bellico exercicio  
 De Antonio da Silueira bem sustenta:  
 Farà em Noronha a morte o vsado officio  
 Quando hum teu ramo, ó Gama, se esprimetta  
 No gouerno do Imperio, cuja zelo  
 Com medo o roxo mar farà amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar  
 As redas hum, que ja sera illustrado  
 No Brasil, com vencer & castigar  
 O Pirata Frances ao mar vsado:  
 Depois Capitão mor do Indico mar,  
 O muro de Dãmão soberbo & armado,  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta  
 Que fogo & frechas mil terãõ cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo  
 Fortaleza darà na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo  
 Lhe ajude a defender o senhorio:  
 Depois yrà com peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o Rey Gentio  
 De Calecu, que assi com quantos veyo  
 O farà retirar de sangue cheyo



Destroir à a cidade Repelim,

Fondo o seu Rey com muitos em fugida:  
 E despois junto ao cabo Comorim  
 Hũa façanha faz esclarecida,  
 Afrota principal do Samorim,  
 Que destroir o mundo não duuida,  
 Vencerà co furor do ferro & fogo,  
 Em si verá Beadala o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,  
 Virá despois com cetro a governala,  
 Sem que a he resistencia, nem perigos,  
 Que todos tremem delle, & nenhum fala,  
 So quis prouar os asperos castigos  
 Baticalá, que virá ja Beadala,  
 De sangue & corpos mortos ficou cheia,  
 E de fogo & tronões desfeita & sea.

Este sera Martinho, que de marte  
 O nome tem coas obras dirinado,  
 Tanto em armas illustre em toda parte,  
 Quanto em conselho sabio & bem cuidado;  
 Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte  
 Portugues terá sempre leuantado,  
 Conforme successor ao succedido  
 Que hum ergue Dio, outro o defende erguido;  
 Persas

*Persas feroces, Abassis & Rumes*  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, vrios de costumes  
 Que mil nações ao cerco feras vem  
 Farão dos ceos ao mudo vão queixume  
 Porque hús poucos a terra lhe detem,  
 Em sangue Portugues juram descritos  
 De banhar os bigodes retorcidos.

*Basiliscos medonhos & Lões,*  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,  
 Que sam ledos as mortes tem por certas  
 Ate que nas mayores oppressões  
 Castro libertador fazendo offercas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, & a Deos se sacr. fique

*Fernando hum delles, ramo da alta pranta,*  
 Onde o violante fogo com ruido,  
 Em peducos os muros no ar leuanta,  
 Sera ali arrebatado, & ao ceo subido:  
 Alvaro quando o inuerno o mudo espanta,  
 E tem o caminho humedo impedido,  
 Abrindo, vence as ondas, os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos,



Eis vem despois, o pay, que as ondas corta  
 Co restante da gente Lusitana  
 E com força & saber, que mais importa  
 Batalha dà felice & soberana.  
 Hús paredes subindo escusam porta,  
 Outros a abrem, na fera esquadra insana,  
 Feitos farão tão dinas de memoria,  
 Que não caibão em verso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta  
 Uencedor forte & intrepido, ao possante  
 Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta  
 Da fera multidam pradrupedante:  
 Nam menos suas terras mal sustenta  
 O Hydaltham do braco triumphante  
 Que castigando vay Dàbul na costa  
 Nem lhe escapou Pondá no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes,  
 Dinos todos de fama & maravilha,  
 Fazendose na terra brauos Marces,  
 Viram lograr os gostos desta Ilha:  
 Varrendo triumphantes estandardes  
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
 E acharam estas Nimpham & estas mesas,  
 Que glorias & hōras sam de arduas empresas.

Assim cantava a Nimpha & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes dauam,  
 Com que festejam as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebrãõ:  
 Por mais que da Fortuna andem as rodas  
 Nũa consona voz todas soauam,  
 Nam vos ham de faltar, gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na armonica & doce suauidade,  
 Viram os altos feitos, que descobre,  
 Thetis de graça ornada, & gravidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Pera o felice Cama assi dizia.

Fazte merce baram a Sapiencia  
 Suprema, ae cos olhos corporais  
 Veres, o que nam pode a vã ciencia  
 Dos errados & miseros mortais:  
 Sigueme firme, & forte, com prudencia  
 Por este monte espesso, tu cos mais.  
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não



Não andão muito que no erguido cume  
 Se acharão, onde hũ campo se esmaltaua,  
 De Esmeraldas, Rubis, tais que presume  
 A vista, que diuina chãõ pisaua:  
 A qui hum globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetraua,  
 De modo que o seu centro esta euidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,  
 Mas enxergasse bem que està composto  
 De varios orbes, que a diuina verga  
 Compos, & hum centro a todos so tem posto:  
 Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,  
 Nũca sergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rostro  
 Por toda a parte tem, & em toda a parte  
 Começa & acaba, em fim por diuina arto

Uniforme, perfeito, em si soslido,  
 Qual em fim o Archuipo, que o criou:  
 Vendo o Gama este globo, comouido  
 De espanto & de desejo ali ficou,  
 Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas, & yrás, & o que desejas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,  
 Eterca, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, & profundo,  
 Que he sem principio, & meta limitada  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, & sua superficie tam limada,  
 He Deos, mas o q̄ he Deos ningũe o entende  
 Que a tãto o engenho humano não se estãde.

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que està com luz tam clara radiando,  
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
 Empireo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estam de aquelle bem,  
 Tamanho, que elle so se entende & alcãça,  
 De quem nam ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos  
 Dinos estam, por que eu, Saturno & Iano  
 Iupiter, Iuno, famos fabulosos  
 Fingidos de mortal & cego engano:  
 So pera fazer versos deleitosos  
 Seruimos, & se mais o trato humano  
 Nos pode dar, he so que o nome nasso  
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.  
 Et tambem



E tambem porque a santa providencia,  
 Que em Iupiter aqui se representa,  
 Por espiritos mil, que tem prudencia,  
 Governam o mundo todo, que sustenta:  
 Ensinam a prophetica scientia,  
 Em muitos dos exemplos, que apresenta,  
 Os que sam bõs guiando favorecem,  
 Os maos, em quãto podem, nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
 Agora deleitando, ora insinuando,  
 Darlhe nomes, que a antiga Poesia  
 A seus Deoses ja dera fabulando:  
 Que os Anjos de celeste companhia  
 Deoses o sacro verso estã chamando,  
 Nem nega que esse nome preminente,  
 Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas  
 Causas obra no mundo, tudo manda:  
 E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão diuina veneranda  
 Debaxo deste circulo onde as mundas  
 Almas diuinas gozã, que não anda,  
 Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
 Que não se enxerga, he o Mabile primeiro

Com

Com este rapto, & grande movimento,  
 Vão todos os que dentro tem no ceyo,  
 Por obra deste, o Sol andando atento  
 O dia & noite faz, com curso alheyo:  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tão lento, & sojugado a duro freyo,  
 Que em quáto Phebo, de luz nunca e scaffo,  
 Dozentos cursos faz, dà elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, & radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintilantes:  
 Bem ves como se veste, & faz ornado  
 Co largo cinto douro, que estellantes  
 Animais doze traz afigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo,  
 Olha a carreira, atenta a Cinofura,  
 Andromeda, & seu pay, & o drago horrêdo:  
 Ve de Cassiopea a fermosura,  
 E do Orion, e o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo que sospira,  
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo



Debaxo deste grande firmamento,  
 Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
 Iupiter logo faz o mouimento,  
 E Marte abaxo bellico inimigo,  
 O claro olho do ceo no quarto assento,  
 E Venus, que os amores traz donfigo,  
 Mercurio de eloquencia soberana,  
 Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente  
 Curso veras, nús graue, & noutros leue:  
 Ora fogem do centro longamente,  
 Ora da terra estão caminho breue,  
 Bem como quis o padre omnipotente  
 Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
 Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
 E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouxada dos humanos,  
 Que não somente ouzados se contentão,  
 De soffrerem da terra firme os danos  
 Mas inda o mar instable esprimentão,  
 Veras as varias partes, que os infanos  
 Mares diuidem, onde se apouentão  
 Varias nações, que mandão varios Reys,  
 Varios costumes seus, & varias leys.

Ves Europa Christã mais alta, & clara  
 Que as outras em policia, & fortalez  
 Ves Africa dos bens do mundo auara,  
 Inculta, & toda cheia de bruteza:  
 Co Cabo que ate qui se vos negara,  
 Que assentou pera o Austro a natureza,  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

È do Benomotapa o grande imperio,  
 De seluatica gente, negra, & nua:  
 Onde Conçala morte, & vituperio  
 Padecerá, polla Fé Sancta sua:  
 Nace por este incognito Hemispherio  
 O metal, por que mais a gente sua,  
 Vê que do lago, donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo està Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão,  
 Sem portcas, confiados em seus ninhos:  
 Na justica real, & defensão,  
 E na fidelidade dos vizinhos:  
 Olha delies a bruta multidão,  
 Qual bando espesso, & negro de Estorninhos,  
 Combaterà em Sofala a fortalez,  
 Que defenderà Nhaya com desirez.



Olha la as alagoas, donde o Nilo  
 Nace, que não souberão os antigos,  
 Veto rega, gerando o Crocodilo,  
 Os poucos Abassis de Christo amigos:  
 Olha como sem muros (nouo estilo)  
 Se defendem melhor dos inimigos,  
 Ve Xeroe, que ilha foy de antiga fama  
 Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos será claro,  
 Ha de ser Dom Christouão o nome seu,  
 Mas contra o fim fatal nã o ha reparo:  
 Ve ca a costa do mar, onde te deu,  
 Melinde Hospicio gasalhofo, & caro  
 O Rapto rio nota, que o romance  
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo veja Aromata chamado,  
 E agora Guardofu dos moradores,  
 Onde começa a boca do afamado  
 Mar roxo, que do fundo toma as cores,  
 Este como limite está lançado  
 Que divide Asia de Africa, & as milhores,  
 Povoações, que a parte Africa tem  
 Macuà sam, Arquico, & Suamquem.

Ves o extremo Suez que antigamente,  
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egipto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente  
 Estrada o gram Moyses na antiga y dade  
 Asia começa aqui, que se apresenta  
 Em terràs grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
 Co sepulchro de sancta Caterina,  
 Olha Toro, & Cidâ, que lhe falece  
 Agoa das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reyno da seca Adem, que confina  
 Com a serra Darzira, pedra viua,  
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga, & bacia,  
 Donde vem os caualos pera a guerra  
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traca  
 O Cabo, que co nome se apelida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida,



Olha Dofar insigne, por que manda  
 O mais cheiroso encenço pora as aras:  
 Mas atenta ja ca destroutra banda  
 De Roçalgate, & prayas sempre auaras,  
 Começa o reyno Ormuz, que todo se anda  
 Pellas ribeiras, que inda serão claras  
 Quando as gales do Turco, & fera armada  
 Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado  
 Agora be Moçandão dos nauegantes.  
 Por aqui entra o lago, que he fechado  
 De Arabia, & Persias terras abundantes.  
 Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
 Tem das suas perlas ricas, & imitantes  
 Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada  
 Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre  
 Sempre posto no campo, & nos caualos,  
 Que se injuria de vsar fundido cobre,  
 E de não ter das armas sempre os calos:  
 Mas ve a ilha Cerum, como descobre  
 O que fazem do tempo os interualos,  
 Que da cidade Armuz, que ali estene  
 Ella o nome despois, & a gloria tene.

Aqui de dom Felipe de Meneses  
 Se mostrará a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portugueses  
 Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
 Virão prouar os golpes & reueses  
 De dom Pedro de Sousa, que prouára  
 Ia seu braço em Ampaza, que deixada  
 Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido  
 Cabo de las que dito ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, & dos d'ões vsados della,  
 Carmania teue ja por apelido:  
 Mas ves ofermoso Indo, que daquella  
 Altura nace junto aa qual tambem  
 Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,  
 E de laquete a intima enseada,  
 Do mar a enchente subira grandissima,  
 E a vazante que foge apressurada:  
 A terra de cambaya ve riquissima,  
 Onde do mar o seo faz entrada,  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 A vos outros aqui se estão guardando.



Ves corre a costa cèlebre Indiana

Pera o Sul, ate o Cabo Comori

Ia chamado Cori, que Taprobana

(Que ora he Ceilão) de fronte tem desi:

Por este mar a gente Lusitana

Qua com armas virà despois de ti,

Terà victorias terras, & cidades

Nas quaes ham de viver muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio

Ves com varias nações, sam infinitas:

Hum Reyno Mahometa, outro Gentio,

A quem tem o Demonio leis escriptas:

Olha que de Narsinga o senhorio

Tem as reliquias sanctas & benditas,

Do corpo de Thome, barão sagrado,

Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamaua

Meliapor, fermosa grande, & rica:

Os Idolos antigos adoraua:

Como inda agora faz a gente inica:

Longe do mar naquelle tempo estaua:

Quando a fe, que no mundo se pubrica,

Thome vinha prègando, & ja passàra

Prouincias mil do mundo, que insinàra.

Chegado

Chegado aqui prègando, & junto dando  
 A doentes laude, a mortos vida  
 A caso traz hũ dia o mar vagando,  
 Hum lenho de grandeza de medida:  
 Deleja o Rey, que andaua edificando,  
 Fazer delle madeira, & não duida  
 Poder tiralo a terra com possantes  
 Forças dhomês, de engenhos de Alifantes.

Era tão grande o peso do madeiro  
 Que so para abalar-se, nada abasta,  
 Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Ata o cordão que traz por derradeiro  
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta  
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fê formada,  
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,  
 Que obedecera logo aa voz sa grada,  
 Que assi lho insinou Christo, & elle o proua  
 A gente ficou disto aluoroçada,  
 Os Bramenes o tem por coula noua,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.



Sam estes facerdoes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha enveja,  
 Buscão maneiras mil, baseão delírios  
 Com q̃ Thome não se ouça, ou morto seja:  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,  
 Que inimiga não ha tão dura & fera,  
 Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa  
 De homicidio Thome, que era innocente  
 Dá falsas testemunhas como se vfa,  
 Condenaráo no aa morte breuemente:  
 O Santo que não ve melhor escusa,  
 Que apellar pera o Padre omnipotente,  
 Quer diante do Rey, & dos senhores,  
 Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido  
 Que resucite, & seja perguntado,  
 Quem foy seu matador, & serâ crido  
 Por testemunho o seu mais aprouado:  
 Virão todos o moço viuo erguido  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dá graças a Thomê que lhe deu vida,  
 E descobre a seu pay ser homicida.

Este milagre fez tamanho espanto,  
 Que o Rey se banha logo na ago santa,  
 E muytos apos elle, hum beija o manto  
 Outro louvor do Deos de Thomè canta,  
 Os Bramenes se encheraõ de odio tanto,  
 Com seu veneno os mor de enueja tanta,  
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estava  
 Fingirão entre a gente hum arroido,  
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaõ,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multidão das pedras, que voaua,  
 No Santo, dà ja a tudo offerecido,  
 Hum dos maos por faltar se mais depressa  
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

Chorarãõ te Thomé, o Gange, & o Indo,  
 Chorou te toda a terra que pisaste,  
 Mais te choraõ as almas, que vestindo  
 Se hião da Sancta Fê, que lhe infinaste:  
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
 Te recebem na gloria, que ganhaste,  
 Pedimoste, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos faudreças.



E vós outros que os nomes usurpais  
 De mandados de Deos, como Thomé,  
 Dizey se foys mandados, como estais  
 Sem irdes a prégara Sancta Fê?  
 Olhay que se fois Sal, & vos danais,  
 Na patria, onde Propheta ninguem he,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 (Infiéis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,  
 E tornemos à costa debuxada,  
 Ia com esta Cidade tam famosa,  
 Se faz curua a Gangetica enseada:  
 Corre Narlingarica, & poderofa,  
 Corre Orixa de rroupas abastada,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio

Ganges, no qual os seus habitadores  
 Morrem banhados, vendo por certeza,  
 Que ainda que sejaõ grandes peccadores  
 Esta agoa sancta os lava, & da pureza;  
 Vê Chatigão Cidade das milhores,  
 De Bengala provincia, que se preza,  
 De abundante, mas olha que está posta  
 Perao Austro da qui virada a costa

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
 De Pegu, que ja môstros pouoarão,  
 Môstros filhos do feo ajuntamento  
 D'hũa molher & hum cão, que sos se acharão:  
 Aqui soante Arame no instrumento  
 Da geração costumão, o que vsarão  
 Por manha da Raynha, que inuentando  
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tão comprido,  
 Tenassari Quedã, que he so cabeça  
 Das que Pimenta ali tem produzido:  
 Mais auante fareis que se conhça  
 Malaca, por Emperio ennobrecido,  
 Onde toda aprouincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre lha Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersoneso foy dita, & das prestantes  
 Veas douro que a terra proauzio,  
 Aurea por epitheto lbe ajuntarao,  
 Alguns que fosse Opbir ymaginarão.



Mas na ponta da terra Cingapura  
 Veras, onde o caminho ás naos se estreita,  
 Daqui tornando a Costa à Cynofura  
 Se encurua, & pera a Anrora se endereita:  
 Ves Pam, Patane, reynos, & a longura  
 De Syão que estes & outros mais sujeita  
 Olha o rio Menão, que se derrama  
 Do grande lago que Chiamây se chama.

Ves neste grão terreno os diferentes  
 Nomes de mil nações nunca sabidas,  
 Os Laos em terra & numero potentes  
 Auás, Bramàs, por serras tão compridas:  
 Ve nos remetos montes outras gentes  
 Que Gueos se chmão de seluages vidas,  
 Humana carne comem, mas a sua  
 Pintão com ferro ardente, vjança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,  
 Que capitão das agõas se interpreta,  
 Tantas recebe doutro so no estio,  
 Que alaga os campos largos, & inquieta,  
 Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
 A gente delle crê como indãscreta,  
 Que pena & gloria tem despois de morte  
 Os brutos animais de toda sorte.

este receberá placido & brando,  
 No seu regaço os Cantos, que molhados  
 Vem do naufragio triste, & miserando,  
 Dos procelosos baxos escapados:  
 Das fomes, dos perigos grandes quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle, cuja Lira sonora,  
 Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champá se chama,  
 Cuja mata he do pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina está de escura fama,  
 E de Ay não ve a incognita enseada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & ocupa o senborio  
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio & o outro se edifica,  
 Certissimo final, & conhecido,  
 Da potencia real, soberba, & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos pais aos filhos fica  
 Mas elegem aquelle que he famoso  
 Por cavaleiro sabio & virtuoso.



Inda outra muita terra se te esconde,  
 Ate que venha o tempo de mostrar se,  
 Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
 A natureza quis mais affamar-se:  
 Esta mea escondida que responde  
 De longe â China donde vem buscar-se,  
 He Iapão, onde nasce a prata fina,  
 Que illustrada será coa Ley diuina.

Olha ca pello mares do Oriente  
 As infinitas Ilhas espalhadas  
 Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
 Cume, que lança as flamas ondeadas:  
 As arvores veràs do Crauo ardente,  
 Co sangue Portugues inda compradas,  
 Aqui ha as aureas aues, que não decem  
 Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão  
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
 As aues variadas, que ali saltão,  
 Da verde Noz tomando seu tributo:  
 Olha tambem Bornéo, onde não faltão  
 Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
 Das arvores, que Cãnfora he chamado,  
 Com que da Ilha onome he celebrado,

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda  
 Sândalo salutifero, & cheiroso,  
 Olha a Sunda tam larga, que húa banda  
 Esconde pera o Sul difficultoso,  
 A gente do Sertão, que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle so sem outro vae,  
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Vê naquella que o tempo tornou Ilha,  
 Que tambem flamas tremulas vapôra,  
 A fonte que oleo mana, & a marauilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora:  
 Cheiroso mais que quanto estila a filha  
 De Cyniras, na Arabia onde ella môra  
 E vê que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda, & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta,  
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,  
 Os naturais o tem por cousa sancta,  
 Polla pedra onde està a pégada humana:  
 Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta  
 No profundo das agoas soberana,  
 Cujopomo contra o veneno vrgente,  
 He tido por Antidoto excelente.



Veràs de fronte estar do roxo estreito,  
 Socotorà co amaro Aloe famosa,  
 Outras ilhas no mar tambem fogueito  
 A vos, na costa de Africa arenosa,  
 Onde sae do cheiro mais perfeito,  
 A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
 De Sam Lourenço vê a Ilha afamada,  
 Que Madagafcar he dalgús chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
 Que vos outros agora ao mundo dais,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
 Que com tam forte peito nauegais:  
 Mas he tambem razão, que no Ponente  
 Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
 Que de seu Rey, mostrando se agrauado  
 Caminho ha de fazer nunca cuidaado.

Vedes a grande terra que continua  
 Vay de Calisto ao seu contrario Polo,  
 Que soberba a farâa luzente mina,  
 Do metal que a cor tem do louro. Apolo,  
 Castella vossa amiga sera dina  
 De lançarlhe o colar ao rudo colo,  
 Varias prouincias tem de varias gentes  
 Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde se alarga, ali tereis  
 Parte tambem co pao vermelho nota,  
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis,  
 Descobri-la ha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Yrá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,  
 Que ao Antartico Polo vay da linha  
 Dhũa estatura quasi Gigantea  
 Homés verá, da terra ali vizinha:  
 E mais auante o estreito que se arrea  
 Co nome delle agora, o qual caminha  
 Pera outro mar, & terra que fica onde  
 Com suas frias alas o Austro a esconde.

Até qui, Portugueses, concedido  
 Vos he fazerdes os futuros feitos,  
 Que pello mar que ja deixaes sabido,  
 Virão fazer barões de fortes peitos:  
 Agora pois que tendes apreendido  
 Trabalhos, que vos fação ser acceitos  
 Aas eternas esposas, & fermosas,  
 Que coroas vos tecem gloriosas,  
 Podcis



Podeisvos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranquillo pera a patria amada:  
 Assi lhe disse, & logo mouimento  
 Fazem da ilha alegre, & namorada:  
 Leuão refresco, & nobre mantimento,  
 Leuão a companhia desejada,  
 Das Nymphas que hão de ter eternamente,  
 Por mais tẽpo que o Sol o mundo aquece,

Assi forão cortando o ar sereno,  
 Com vento sempre manso, & nunca yrado,  
 Ate que ouuerão vista do terreno  
 Em que nacerão, sempre desejado:  
 Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
 E a sua patria & Rey temido & amado,  
 O premio & gloria dão, porque mandou  
 E com titolos nouos se illustrou.

No mais Musa no mais, que a Lira tenho.  
 Destemperada, & a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda, & endurecida:  
 O fauor com que mais se acẽde o engenho,  
 Não no da a patria não, que està metida,  
 No gosto da cubiça, & na rudeza  
 Dhũa austera, apagada & vil tristeza.

Enão

E não sey por que influxo de destino  
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,  
 Que os animos leuanta ae contino,  
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
 Por isso vos ó Rey, que por diuino  
 Conselho estais no regio solio posto,  
 Olhay que sois (& vede as outras gentes  
 Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,  
 Quaes rompentes liões, & brauos couros,  
 Dando os corpos, a fomes, & vigias,  
 A ferro a fogo, a setas, & pilouros:  
 A quentes regioes, a plagas frias,  
 A golpes de Idolacras, & de Mouros,  
 A perigos incognitos do mundo,  
 A naufragios, a pexes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,  
 De vos tam longe sempre obedientes,  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar resposta promptos & contentes,  
 So com saber que sam de vos olhados,  
 Demonios infernais, negros & ardentes,  
 Cometerão conuusco, & não duuido  
 Que vencedor vos fação, não vencido.



Fauoreceyos logo, & alegrayos  
 Com a presença, & leda humanidade,  
 De rigurosas leis desaliuayos,  
 Que assi se abre o caminho aa sanctidade:  
 Os mais esprimentados leuantayos,  
 Se com a esperiencia tem bondade,  
 Pera vosso conselho, pois que sabem  
 O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,  
 Segundo tem das vidas o talento,  
 Tenhão Religiosos exercicios  
 De rogarem por vosso regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pelos vicios  
 Comuns, toda ambição terão por vento,  
 Que o bom Religioso verdadeiro,  
 Gloria vão não pretende nem dinheiro.

Os Cavalleiros tende em muita estima,  
 Pois com seu sangue intrepido & feruente;  
 Estendem não somente a ley decima,  
 Mas inda vosso imperio preeminente:  
 Pois aquelles que a tão remoto clima  
 Vos vão servir com passo diligente,  
 Douz inimigos vencem, hús os viuos,  
 (E o que he mais) os trabalhos excessiuos,  
 Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados  
 Alemães, Calos, Italos, & Ingleses  
 Possam dizer que sam pera mandados,  
 Mais que pera mandar os Portugueses:  
 Tomay conselho so desprimentados,  
 Que virão largos anos, largos meses,  
 Que posto que em cientes muito cabe,  
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormitão Philosopho elegante  
 Vereis como Anibal escarnecia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz tratava & lia:  
 A disciplina militar prestante  
 Não se aprende senhor na fantasia  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo.  
 De vos não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louvor sae as vezes acabado,  
 Nem me falta na vida honesto estudo  
 Com longa esperiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera



Pera ser uiuos braço aas armas feito,  
 Pera contaruos mente aas Musas dada,  
 So me falece ser a vos aceito,  
 De quem virtude deue ser prezada:  
 Se me isto o ceo concede, & o vosso peito  
 Dina empresa to nar de ser cantada,  
 Como a presaga mente vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,  
 A vista vossa tema o monte Atlante,  
 Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
 Os muros de Marrocos & Trudante,  
 A minha ja estimada & leda musa.  
 Fico, que em todo o mundo de vos cante,  
 De sorte que Alexandro em vos se veja,  
 Sem da dita de Achilles ter enueja.

FIN.







